



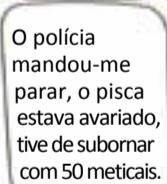
CIDADÃO REPORTER

**Subornou alguém?
Viu alguém a ser
subornado?**

Ajude-nos a vigiar
os corruptos e quem corrompe, seja
um cidadão repórter e conte-nos
a sua história.

82 11 11

Indique-nos
onde o suborno
aconteceu,
quem foi
subornado,
o valor que
pagou...
Por exemplo:

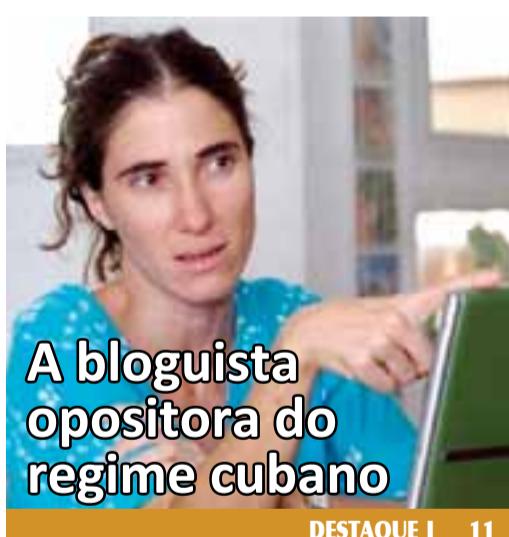


O polícia
mandou-me
parar, o pisca
estava avariado,
tive de subornar
com 50 meticais.



**Metical forte ou
dólar fraco?**

ECONOMIA 08



DESTAQUE I 11



PLATEIA 26

Publicidade



Agora as Donas de Casa vêem o que o mundo criou...



DÜRSOTS®

Premiada com a Estrela de Ouro da África do Sul pela Melhor Qualidade

Sem conservantes • Sem Aromas Artificiais • Sem Corantes

facebook.com/JornalVerdade



Jornal @Verdade

Aqui dormia Sofisso
Ângelo Mucavel, que
todos conheciam por
Sufixo

há 19 horas • 8 pessoas gostam disto.



Roberto Marqueza R.I.P -
Rest in Peace my HOMMIE
BOY...!

há 19 horas



Ed 'Olhonú' Nicolau D.E.P

há 18 horas



Ana Delgado triste, tão
novo, tão talentosos e
vivendo tão mal.....

há 18 horas

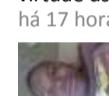


Jorge Campos...

há 18 horas



Nercia Juvencio Q fazer.
Esta é a realidade de mts
dos nossos artistas. Se nao
fazem pandza, o cenário
onde vivem é este. Grande
virtude dos mocambicanos. Sorry



Chomane Cossa um
talento perdido e
desvalorizado em vida...
descanse em paz sofisso.

há 15 horas



Numan Wane De certeza q
algém sabia da situação
desumana em q o
SUFIXO vivia e ñ
fez
nada, portanto, ñ nos venham
agora cm lágrimas d
crocodilo, é mto mau meus
amigos, e todo mundo usou
este ser. Até qndo esta nossa
falta d sensibilidade?

há 8 horas



Yussuf Adam Nao
ha um sindicato
dos musicos? dos
artistas?

há 5 horas



Numan Wane É
claro q existe. A
máxima é q o
jovem morava bem
ao lado da
associação

há 4 horas

@Verdade Manica
Patrocínio Grupo Mafua
é distribuído nas Províncias de
Apóio Conselho Empresarial de Manica (CEP)

Agora as Donas de Casa vêem o que o mundo criou...

DÜRSOTS® Premiada com a Estrela de Ouro da África do Sul pela Melhor Qualidade

Sem conservantes • Sem Aromas Artificiais • Sem Corantes

Maputo	Sexta 25	Máxima 29°C Mínima 22°C	Sábado 26	Máxima 29°C Mínima 22°C	Domingo 27	Máxima 31°C Mínima 22°C	Segunda 28	Máxima 32°C Mínima 23°C	Terça 01	Máxima 30°C Mínima 21°C
--------	----------	----------------------------	-----------	----------------------------	------------	----------------------------	------------	----------------------------	----------	----------------------------

Abandonado pelo Estado

Atingido por uma bala – no dia 1 de Setembro de 2010 – ao regressar da escola, Quito viu os seus sonhos ruírem que nem um baralho de cartas. Primeiro ficou com uma “cratera” na perna e depois, por conta de uma “falha de procedimento” médico, amputaram-lhe duas vezes a perna direita. Actualmente, ele e a família batalham na vã esperança de que o Estado intervenha para reparar os danos.

O drama desenrola-se nas entradas do bairro Maxaquene, próximo à Praça dos Heróis Moçambicanos em Maputo, onde Joaquim Manganhela (Quito), de 18 anos de idade, tenta readaptar-se a uma nova realidade para sobreviver ao calvário no qual a sua vida se tornou. Encontrámo-lo numa casa pequena de blocos e chapas de zinco. Uma residência em nada diferente das outras casas daquele bairro. Quito é último filho de uma mãe que também faz o papel de pai dele e de mais quatro irmãos.

Uma bala que mudou a vida de todos

Antes da tragédia de 1 de Setembro, a progenitora ia frequentemente à vizinha África do Sul com o fito de comprar produtos, os quais revendia em Moçambique. Uma actividade que tinha os seus contratempos, mas que garantia o sustento do agregado familiar e dava para guardar algum dinheiro para pequenas eventualidades. O negócio, diga-se, corria de feição, até se dar a tragédia. Assim, Maria do Carmo trocou o país vizinho, símbolo máximo da prosperidade familiar, pelo

pendente total”, afirma o jovem que localizou a família no Domingo passado.

Não fossem as marcas profundas, o primeiro dia de Setembro de 2010 seria uma data para esquecer. Com a notícia do incidente, o mundo dos Manganhelas quase desabou. Do Carmo, qual mãe sem útero, andou desorteado pelos hospitais de Mavalane e Xipamanine e só ficou a saber do filho às 12 horas na Ortopedia 2 do HCM, onde foi atendida às 16h30. “Andei assustada. Havia muitos cadáveres nos hospitais”, lembra. No entanto, saber que Quito não tinha morrido, diz, foi o mesmo que sentir que lhe devolviam o útero.

O que diz Quito

De acordo com as palavras de Quito, no carro onde se faziam transportar, vários feridos foram torturados pela polícia. Alguns agentes pisavam as suas feridas, alegando que se tratava de marginais.

Os dois meses no HCM

Logo que a mãe avistou o médico no HCM, tratou de ouvir

o membro inferior. Afinal, Quito foi baleado num lugar entre o pé e o joelho, o tiro não atingiu a veia principal, para além de que o projétil não ficou alojado no seu corpo.

Durante dois meses e três dias consecutivos no HCM, Maria do Carmo levava uma vida resumida entre a casa e o hospital. Numa sexta-feira, o filho começou a ter convulsões. Procurou o terapeuta e só o encontrou na segunda-feira. “O médico disse que a perna seria amputada na quinta-feira e eu discordei, pois o garoto estava com convulsões há três dias. O especialista disse que não sabia e decidiram eliminar a perna na mesma segunda-feira, corria o dia 15 de Setembro”, conta.

Nos primeiros dias depois da operação, o rapaz apresentava estar bem. Recebeu sete unidades de sangue. A perna foi amputada na zona do joelho, exactamente na parte da articulação. Mas depois detectou-se uma falha. Em Outubro resolveram cortar de novo. Desta vez um pouco acima do joelho. “Foi a parte mais dolorosa. O miúdo não dormia, passava o tempo a chorar e mal conseguia comer”, conta a mãe

mo juntou durante os tempos em que frequentou a vizinha África do Sul não passam de uma ventoinha, um congelador e um televisor guardados num espaço apertado onde vivem oito pessoas, a maior parte das quais a dormir na sala. Antes do incidente, Quito repousava numa esteira, mas hoje porque não é capaz, partilha a mesma cama com a mãe.

Além do que aconteceu, do Carmo viu o drama piorar quando alguns dias depois perdeu o filho mais velho, vítima de doença. “Foi uma sucessão de acontecimentos que quase acabaram comigo”, conta. Com a morte do primogénito veio-lhe a responsabilidade de zelar pelos três netos. Assim, com um filho doente e os netos por cuidar, do Carmo divide o dia entre a casa e um local onde vende pão, a cinquenta metros da casa. “De hora em hora tenho de voltar para saber como o miúdo está”.

Quanto valem 50 meticais

Depois da alta, o hospital deu uma guia de marcha para que Quito passasse a receber tratamentos num centro mais próximo. Mas o jovem não consegue fazer longas distâncias. As muletas que usa são curtas, além do facto de estar num processo de recuperação. A mãe decidiu arranjar um enfermeiro para tratar do filho em casa. O homem cobrava cinquenta meticais por dia, mas o orçamento



familiar é insuficiente para cobrir o tratamento.

A mulher passou a cuidar pessoalmente do filho. Dá banho, lava a ferida e faz o curativo, um processo que está a tornar-se penoso. “No princípio fazia o penso diariamente, agora optei por fazê-lo um dia sim e outro não para poupar os remédios. As pessoas que me forneciam as ligaduras e adesivos desistiram e os preços praticados nas farmácias são caros demais para as minhas capacidades”, conta para depois acrescentar que ultimamente lava a ferida com água morna, mesmo sabendo do quanto o filho sofre. “Sem-

pre que o faço ele queixa-se de dores, mas não há alternativas. O produto para lavar feridas que tínhamos acabou”.

Quando saíram do HCM, o médico disse que vão ser necessários oito meses para a ferida sarar. Depois desse tempo, Quito vai receber uma prótese, mas a mãe duvida que tal aconteça. Da escola onde frequentava a nona classe, a mãe recebeu o conselho de que tinha de anular a matrícula, mas antes devia inscrevê-lo por 350 meticais. “Souve da situação por que o seu filho passou, mas só poderá anular a matrícula se pagar o valor”, disse o director.



papel de enfermeira do filho que o Estado abandonou.

O novo negócio

Impossibilitada de se deslocar à África do Sul, Maria do Carmo teve de se desenvencilhar no bairro do Maxaquene para aumentar o mísculo orçamento familiar. Passou a vender pão num local mais próximo de casa para não abandonar o filho. “Este país inferniza a vida dos seus cidadãos”, diz do Carmo visivelmente amargurada. “Foi uma desgraça tremenda. O miúdo já fazia os seus próprios biscoitos, mas logo virou um de-

o diagnóstico sobre o filho. O especialista garantiu que o problema não era complicado. Mas, uma semana depois, outra sentença veio a terreno: a perna de Quito devia ser amputada. O sangue já não circulava de cima para baixo. “Implorei, mas o doutor mostrou-se irredutível, sublinhando que outra solução seria impossível”, conta.

Do Carmo acredita que se tivesse meios, o filho receberia outro tratamento. Como o doutor no princípio, várias outras pessoas que acompanharam a situação observaram que o caso não era tão grave ao ponto de se cortar

Em casa: o calvário continua

Os poucos haveres que do Car-

Continua difícil a situação da assistência das vítimas que a polícia fez no dia 1 de Setembro. A Liga Moçambicana dos Direitos Humanos (LDH) que presta assistência jurídica aos lesados traça cenários contrários às expectativas dos que viram os familiares mortos e feridos. “A maior parte dos casos que os tribunais julgam estão a ser desfavoráveis às vítimas”, disse o advogado da LDH Salvador Nkamatí.

À saída do hospital – diz do Carmo – o médico garantiu que o Estado faria de tudo para dar assistência ao filho. Como o médico, o chefe do círculo onde mora também assegurou que o auxílio do Estado viria. “Mas é preciso esperar que se complete a lista de todos os que foram lesados naquele dia”, garantiu o chefe local.

Refira-se que alguns dias depois dos tumultos, dados do Ministério da Saúde (MISAU) indicavam que a actuação policial provocou a morte de, pelo menos, 14 pessoas em Maputo e Matola, mas outras informações apontavam que o número de óbitos ascendia a 18, para além de centenas de feri-

dos, entre graves e ligeiros.

Através de um documento intitulado “Polícia sem preparação, mal equipada e corrupta”, o Centro de Integridade Pública (CIP), uma organização da sociedade civil moçambicana exigiu que o Estado moçambicano indemnizasse logo as vítimas da actuação policial, tendo em atenção os factos danosos ocorridos, como perda de vidas humanas e ferimentos em particulares que não estiveram envolvidos na desobediência civil e também ao facto de ter havido “vítimas devido à falta de preparação policial e emprego de meios letais”.

Hoje, cinco meses depois, tudo leva a crer que os apelos das organizações da sociedade civil e demais sectores de opinião pública caíram em ouvidos moucos. O Estado continua irredutível. Não quer assumir responsabilidades e, a cada dia que passa, Maria do Carmo perde as esperanças. “Eu só quero que o Governo arque com todas despesas de formação do meu filho desde a escola secundária até a universidade”, disse a terminar.

FAÇA O SEU AMOR SORRIR.

Promoção
de encantar

*Assine um destes contratos e ofereça ao seu amor
um presente muito grande:*

Fale 150
Apenas 1.062 MT/MÊS

1GB GRÁTIS DE DATA

Nokia 2710 + Nokia E5
com 1 recarga de 500MT
+ Modem USB + Cartão SIM

Fale 240
Apenas 1.499 MT/MÊS

1GB GRÁTIS DE DATA

HP mini HP110 + Nokia 2710
+ Modem USB + Cartão SIM

Clique SCB
Apenas 2.499 MT/MÊS

1GB GRÁTIS DE DATA

Portátil Dell Mini + Nokia 2710
+ Vodafone 250
+ Modem USB + Cartão SIM



Termos & Condições: Promoção válida para fados os clientes pré-pago que recarregarem com crédito de 300MT. Esta oferta é vendida como um pacote e está sujeita à activação da cartão inicial e recarregamento dentro da janela via "162*01*pre". Chamadas gratuitamente da rede Vodacom, com 1000 minutos, durante 30 dias consecutivos. Ao recarregar com 300MT será automaticamente transferido para a tarifa por segundo. Promoção disponível somente na rede Vodacom Moçambique. A activação para este contrato está sujeita à análise de crédito. Os contratos têm a duração de 24 meses. Esta promoção é válida apenas para o vólo de Fomosso. Oferta limitada ao stock existente. A Vodacom reserva-se ao direito de terminar esta promoção sem aviso prévio, não se responsabiliza por possíveis ou eventuais resultados da participação nesta promoção. Promocional disponivel nas lojas Vodacom, Maputo, Av. 25 de Setembro nº 2007, Av. Kart Massa nº 1374, Matola, Shopline, bax nº 10; Bazar Rua Major Serpa Pinto, Willyas da TVM, nº 1350, Tel: Av. Júlio Nogueira, Edifício Min. Amo, bloco 3; Nampula, Av. Eduardo Mondlane nº 27.

 vodacom

Beira	Sexta 25	Sábado 26	Domingo 27	Segunda 28	Terça 01
	Máxima 29°C Mínima 24°C	Máxima 30°C Mínima 24°C	Máxima 30°C Mínima 25°C	Máxima 31°C Mínima 25°C	Máxima 30°C Mínima 23°C

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do LIVRO DE RECLAMAÇÕES aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Ingresso no Aparelho do Estado

Bom dia @Verdade. Exerço a função de docente desde 2006 na Matola, província de Maputo. Fiz, sem sucesso, vários pedidos de ingresso no Aparelho do Estado, o último dos quais em 2009. Estranhamente, no ano passado fui instruído a assinar um novo contrato, mas o Estatuto Geral dos Funcionários e Agentes do Estado, EGFAE, aprovado em 2009, prevê que após dois anos do período probatório, a nomeação definitiva é automática. Até hoje sou orientado a aguardar pela nomeação, até quando? Ajudem-me a resolver este assunto.

Por acreditar que muitos docentes estejam a passar pela mesma situação, a nossa Reportagem dirigiu-se ao Departamento dos Recursos Humanos do Ministério de Educação para obter o seu devido esclarecimento, tendo sido recebida pela Doutora Celeste Wiliam, directora-adjunta dos Recursos Humanos, que esclareceu que o sistema de contratação de docentes foi descentralizado, desde o nível central até aos distritos, sendo, por isso, responsabilidade da Direcção da Educação da Província de Maputo esclarecer este assunto, uma vez que se trata de um professor da Matola, sua jurisdição.

Instada a pronunciar-se sobre os moldes em que os professores são recrutados, Wiliam disse que estes são recrutados, numa primeira fase, como contratados. Os mesmos devem aguardar por um concurso de ingresso que é dirigido exclusivamente a eles. O referido concurso

é lançado periodicamente. O docente que for apurado no referido concurso ingressa nos quadros do Estado por meio de uma nomeação provisória, por um período de dois anos. Decorridos os dois anos do período probatório, o docente é nomeado automaticamente quadro do Estado, facto que se consuma após publicação da lista no Boletim da República. Pelos dados enviados pelo nosso leitor, pode-se concluir que se trata de um docente contratado, sendo, por isso, necessário, para o seu ingresso nos Aparelhos do Estado, que aguarde pelo concurso de ingresso. Caso seja um quadro de nomeação provisória, estamos perante um grave atropelo ao Estatuto Geral dos Funcionários do Estado. Esperamos ter respondido cabalmente à sua preocupação.

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua Reclamação de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115.

A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Combatentes reavivam manifestação

Num momento em que o mundo, sobretudo o norte de África e os países da costa mediterrânea continuam a ser sacudidos por manifestações populares violentas, o Governo através do Ministério dos Combatentes e as sete associações de desmobilizados de Guerra de Moçambique assinaram, nesta semana, na capital do país, um memorando de entendimento.

Texto: Félix Filipe

O acordo, que culminou com o cancelamento das manifestações pacíficas convocadas pelos desmobilizados para o dia 22, em todo o país, contra a demora na fixação de pensões e outros direitos, decidiu igualmente coordenar o envio e o agendamento dos estatutos dos combatentes.

No entanto, depois da suspensão das manifestações, esta terça-feira a cidade de Maputo acordou sob um forte contingente policial. Por exemplo, a zona de Compone entre os bairros Maxaquene e Polana Caniço estava fortemente vigiada. Na praça da OMM, na zona da Coop, estiveram posicionados dois carros, dos quais um blindado, cenário que se verificou na avenida da Marginal e na avenida Eduardo Mondlane onde apareceram militares envolvidos em actividades de limpeza.

Na reunião da segunda-feira, o Governo comprometeu-se a influenciar a Assembleia da República para a aprovação dos estatutos do combatente na próxima sessão que inicia a 9 de Março, sendo que, depois, os combatentes poderão passar a ter as pensões regularizadas. O trabalho contará também com o apoio dos próprios desmobilizados.

O presidente da Associação, Hermínio dos Santos, garantiu que caso o Governo não aprove os Estatutos, a manifestação poderá ser desencadeada. "Para suspender as manifestações tinha de haver um compromisso em que o Governo assegura a aprovação dos Estatutos na sessão de Março próximo, pelo que, caso façam uma manobra, ainda estamos preparados para seguir com o processo" disse dos Santos.

Do acordo assinado, também poderá resultar a criação do Instituto dos Combatentes. A proposta de Lei foi aprovada na semana passada em sessão do Conselho de Ministros tendo em consideração a necessidade de assegurar a assistência e inserção social dos antigos militares, e a atribuição de pensões aos que tenham três a nove anos de serviço nos termos da proposta de Lei dos combatentes, como também às viúvas ou órfãos dos combatentes perecidos.

O Executivo moçambicano aprovou tal proposta tendo em conta o desejo de garantir a materialização de acções que contribuam para a valorização do combatente como parte do património histórico do povo moçambicano.

Nova estratégia na educação de adultos

Um milhão de pessoas deverá ser alfabetizado anualmente até 2015 no contexto da implementação da segunda estratégia de alfabetização e educação de adultos aprovada pelo Conselho de Ministros na passada terça-feira, em Maputo.

De acordo com o vice-ministro da Educação, Augusto Jone, a ideia é que até 2015 seja possível baixar os actuais índices de analfabetismo, fixados em 48,1 porcento, para 30.

A primeira estratégia foi desenhada e aprovada em 2001, para contrariar os efeitos nefastos da guerra sobre os programas de educação, incluindo na alfabetização. Com o recrudescimento da guerra, segundo Augusto Jone, não houve o avanço necessário na educação.

"Terminada a guerra, foi preciso retomar a alfabetização e educação de adultos. Por isso, em 2001, no lugar de campanhas, o Governo decidiu introduzir a primeira estratégia de alfabetização e educação

de adultos. Quando se introduziu esta estratégia o país já convivia com uma taxa de 60,5 por cento de analfabetismo (dez milhões de pessoas não sabiam ler nem escrever).

Terminada a primeira estratégia em 2005 e prolongada até 2010 os resultados permitiram sair de 60,5 para 48,1 (9,8 milhões de analfabetos) hoje", indicou.

Na explicação do governante, a primeira estratégia cumpriu com a sua missão, daí que o Ministério da Educação achou por bem fazer aprovar a segunda, que pretende continuar com o trabalho já realizado, com a particularidade de esta ser considerada actividade do Executivo.

"Vamos continuar a envolver a sociedade civil e os parceiros, o que tem permitido que haja várias iniciativas de alfabetização e educação de adultos. Queremos capitalizar todas as iniciativas em torno de uma estratégia. É um desafio. Temos planos sectoriais, objectivos, metas e o fundamen-

tal é alfabetizar anualmente um milhão de pessoas para acelerar a redução das taxas de analfabetismo", disse.

Não foram avançados os valores envolvidos na implementação desta iniciativa, uma vez que ela terá de ser alinhada com a estratégia do MINED a ser aprovada ainda este ano.

De recordar que em 1975, quando da independência nacional, o país tinha uma das taxas mais altas de analfabetismo, que se situava em 93 por cento. A primeira campanha de alfabetização aconteceu em 1978, a segunda em 1979 e em 1980 a terceira. Em cinco anos este movimento permitiu a redução de cerca de 21 por cento de analfabetismo, passando para 72.

A apostila do Executivo é criar ainda um fundo nacional de educação de adultos através do qual as empresas e outras pessoas de boa vontade possam apoiar o movimento de redução do analfabetismo. / Escrito por Jornal Notícias

Apesar da redução dos níveis dos rios muitas pessoas ainda correm perigo

Apesar da redução substancial dos níveis hidrométricos na maioria das bacias hidrográficas do Sul e Centro do país, com exceção do Zambeze, ainda há perigo de vida, por isso recomenda-se a manutenção das medidas de precaução ao longo dos rios, uma vez persistirem os caudais elevados e fortes correntes de água susceptíveis de arrastar pessoas e bens.

Segundo a Direcção Nacional de Águas (DNA), pese embora se verifique a tendência global de redução dos níveis, o perigo prevalece, pelo que a população ainda não se pode fazer ao leito ou atravessar dum margem para outra sem observar as medidas de segurança.

Entretanto, o Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC) avalia positivamente o desempenho de todos os parceiros na fase de pronto-díodo e resposta às cheias, o que fez com que os seus efeitos tenham sido até aqui minimizados.

A este respeito, João Ribeiro, director-geral do INGC, disse que também houve uma mudança de atitude da parte da população ribeirinha e particularmente os que exercem a actividade agrícola nas ilhas, que se retiraram a tempo.

Sustentou que durante as cheias médias do ano passado foram coercivamente resgatadas cinco mil pessoas na bacia do Zambeze, enquanto este ano houve apenas necessidade de intervir para um número de 800 pessoas.

Nos distritos de Chemba e Caia, os mais afectados pelas cheias este ano, não houve necessidade de resgatar ninguém, porque as pessoas abandonaram as zonas perigosas através de meios próprios.

O balanço do INGC aponta que em 2008 foram retiradas das zonas baixas 115 mil pessoas, o que mostra claramente que o país caminha para a redução da vulnerabilidade.

Apesar de o número de resgatados ter baixado consideravelmente, o de afectados pode chegar a 40 mil, atendendo que a maioria da população depende das margens do rio para a prática da actividade agrícola. Uma avaliação exaustiva deverá ser feita em breve pelo Grupo de Análise da Vulnerabilidade (GAV).

Em Mopeia, a título de exemplo, duas mil famílias encontram-se na situação de afectados, uma vez que se esfumou a perspectiva de colherem duas mil e novecentas toneladas de culturas.

Entretanto, outros dados relacionados com as inundações referem que está interrompido o trânsito rodoviário entre Mopeia e o posto administrativo de Luabo, no distrito de Chinde. / Escrito por Jornal Notícias

ACOMPANHE AS NOTÍCIAS TODOS OS DIAS EM

verdade.co.mz flash NACIONAL

COMENTE POR SMS 821115



NIASSA

Vodacom oferece livros a escolas primárias

A Vodacom, operadora de telefonia móvel em Moçambique, ofereceu, quarta-feira, mais de um milhar de livros a seis Escolas Primárias do distrito do Lago, província do Niassa, no norte do país. O material, avaliado em 253 mil meticais (cerca de oito mil dólares), visa melhorar as condições



CABO DELGADO

Desinformação leva a destruição de 25 casas

Uma onda de desinformação sobre cólera, uma doença que assola a província nortenha de Cabo Delgado, em Moçambique, levou um grupo de populares a vandalizar o centro de saúde do distrito de Mecúfi e a destruição de 25 casas de líderes comunitários e secretários de bairros.

Falando no seu habitual "briefing" semanal com a imprensa, sobre a situação criminal no país, o porta-voz do Comando Geral de Polícia, Pedro Cossa, disse que já se encontram detidos 13 indivíduos em conexão com o caso.

Os manifestantes, que protagonizaram este acto, semana passada, roubaram e vandalizaram o posto de saúde local, acusando os líderes comunitários e secretários de bairros de serem os autores da propagação da cólera que assola aquela região do país.

Cossa também revelou que, durante as manifestações, alguns elementos do grupo invadiram, sem provocar danos materiais e

humanos, o Gabinete do administrador local para exigirem a libertação dos seus colaboradores detidos pela polícia.

A província de Cabo Delgado tem sido palco deste tipo de manifestações e a última ocorreu em Janeiro do corrente ano, tendo culminado com a detenção de 17 jovens da aldeia de Nancaramu, distrito de Pembametuge, indiciados de vandalizar 12 casas de responsáveis da aldeia.

Os jovens alegavam que os responsáveis pela aldeia possuíam medicamentos para disseminar doenças diarreicas e a cólera na região.

Além da vandalização das moradias, os jovens roubaram bens e dinheiro que encontraram no interior das casas vandalizadas, quando os seus donos se puseram em debandada.

Os actos de vandalização incluem abate indiscriminado de coqueiros, animais domésticos, entre outros actos próprios de malfeiteiros mal-intencionados.

/ Escrito por AIM



NAMPULA

Ainda sem livro de Português

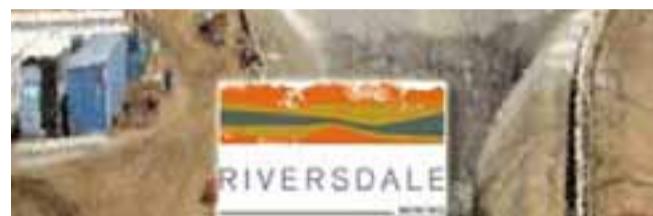
ximos dias. Páscoa explicou que face à demora na recepção do livro, a Direcção de Educação na província está a redobrar esforços através da supervisão pedagógica nas escolas, para que a qualidade do processo de ensino e aprendizagem não seja comprometida.

Para o presente ano lectivo, a província de Nampula planificou a distribuição de um total de 2.157.650 livros da primeira a sétima classe, tendo recebido e distribuído 1.198.079, correspondente a uma cobertura total de 55,5 por cento, sendo 101.670 do EP1 e 182.079 do EP2. / Escrito por Jornal Notícias



TETE

Central termoeléctrica de Benga na fase final



O projecto da central termoeléctrica na região de Benga, província central Tete, entrou na sua fase final esperando-se que a produção de energia inicie entre 2013 e 2014, conforme o preconizado no calendário.

Segundo fontes da 'Riversdale Mining, Lda.', a concessionária das minas de carvão de Benga e proponente do projecto da central termoeléctrica, o investimento inicial avaliado em 1,25 bilião de dólares americanos está na fase avançada e tem um forte apoio do governo.

A mesmas fontes, citadas pela edição pelo matutino 'Notícias', afirmam que já foi celebrado um memorando de entendimento com um consumidor industrial de energia e está em fase adiantada a introdução de um parceiro estratégico para participar no projecto. Numa primeira fase, a central de Benga deverá produzir entre 500 e 600 MW de energia, que será seguida por uma expansão

até 2000 MW, em consonância com o projecto de Linha de Transporte (Projecto de Espinha Dorsal de Energia), que ligará o centro e o sul de Moçambique.

A energia da primeira fase será distribuída através da rede nacional de transporte, com uma porção a ser consumida pelos projectos mineiros de Benga e de Zambeze da Riversdale.

A central térmica será abastecida pelo carvão da mina de Benga que está actualmente em desenvolvimento e que estará a produzir o seu primeiro carvão no terceiro trimestre deste ano. Presente em Moçambique desde 2006, a Riversdale encontra-se envolvida em várias frentes, mas a mais importante é a de Benga, com reservas estimadas em 4,4 biliões de toneladas, prevendo-se uma extração de até 22 milhões de toneladas de carvão mineral por ano. / Escrito por AIM



SOFALA

Intensificado monitoramento da água usada para o consumo

A análise da água usada para o consumo em todos os distritos de Sofala é uma das actividades em curso naquela província do Centro de Moçambique, no âmbito da época chuvosa.

O Governador de Sofala, Carvalho Muária, referiu-se a importância desta actividade, apontando o exemplo da cidade da Beira, a capital provincial, e do distrito de Caia, um dos mais propensos às cheias, onde há poços com água imprópria para o consumo.

Muária indicou ainda que esta é a razão pela qual esta sendo

distribuído Cloro Granulado e ou Certeza, para o tratamento de água, a partir das unidades sanitárias e no seio das próprias comunidades, através dos activistas e líderes comunitários.

As autoridades locais estão ainda empenhadas em supervisionar as condições higiénicas nos centros internatos e infantis, mercados e locais de maior aglomeração populacional, ao mesmo tempo que se intensifica a divulgação de mensagens educativas nas comunidades, unidades sanitárias e rádios comunitários. / Escrito por AIM



ZAMBÉZIA

Camponeses colocam vida em risco para salvar culturas

As famílias sitiadas no vale do Zambeze, centro de Moçambique, recusam-se a abandonar as áreas inundadas, onde preferem permanecer para afugentar os macacos que estão a destruir as suas culturas, sobretudo o milho em fase de maturação.

Segundo estimativas preliminares, 20 mil é o número de pessoas afectadas pelas chuvas que caíram durante a primeira e início da segunda época chuvosa na região centro do país, mas também em consequência da pluviosidade nos países a montante, atravessados por aquela bacia hidrográfica.

As famílias, mesmo reconhecendo o risco de vida que correm, afirmam que quando as águas atingirem as suas casas vão recorrer aos "morros de muchém", para a sua salvação. As canoas são apontadas como outro meio em caso de situação extrema no Zambeze.

Os distritos abrangidos pela hipótese de risco são Chinde, Mopeia, Morrumbala (Zambezí); Mutarara (Tete); Tambala (Manica); Chemba, Caia e Marromeu (Sofala). Na ilha de Catember, distrito de Mopeia, regulado de Chamaanga existe um grande número de famílias que se recusam a abandonar o local para as zonas de reassentamento.

"Eu não saio daqui porque estou a afugentar os macacos que estão a destruir as minhas culturas, especialmente o milho", disse Manuel Wacha, apontando que a produção agrícola é o garante da sua vida e do resto das famílias, uma vez que não há emprego para todos.

Luís Jorge, outro residente entrevistado pelo "Diário de Moçambique", disse que apesar de possuir um terreno no bairro de reassentamento, mas desistiu de morar lá pelas razões levantadas por Wacha, proteger as culturas dos macacos. / Escrito por AIM



MANICA

Cidadão espancado mortalmente a mando do tribunal

Um Tribunal Comunitário em Mossurize ordenou que um cidadão fosse açoitado até a morte por, alegadamente, ter roubado uma carroça de bois. O colectivo de juízes do Tribunal Comunitário de Chirere, sul-oeste de Mossurize, após uma sessão de adivinhação realizada por um curandeiro, acusou e condenou "formalmente" o cidadão por roubo, tendo, de seguida, ordenado que fosse açoitado e amarrado junto a uma árvore.

Segundo reportou a Rádio Moçambique, estação pública, o indivíduo viria a morrer por fratura na coluna vertebral, o que levou a detenção do chefe da localidade. O facto ocorreu para passada semana, quando começou uma discussão em torno de uma carroça de bois que tinha sido roubada. Alertado sobre o caso, o Tribunal Comunitário de Chirere, procurou adivinhos para encontrar o culpado, com o aval do chefe da localidade.

"Após o sucedido criámos uma comissão mista (polícia e outros sectores do Estado) para investigar o caso. Depois de apurarmos a veracidade do acontecimento, mandou-se deter o chefe da localidade de



INHAMBANE

Apreendidos produtos fora do prazo num supermercado chinês

As autoridades da província de Inhambane apreenderam, há alguns dias, produtos fora do prazo avaliados em cerca de 50 mil meticais que estavam sendo comercializados num supermercado gerido por um cidadão de nacionalidade chinesa. Esta irregularidade foi detectada pela Inspecção Nacional de Actividades Económicas (INAEC) que, na sequência disso, ordenou a retirada e posterior incineração destes produtos.

Contudo, o Director Provincial de Indústria e Comércio de Inhambane, Américo Jen-

ga, afirmou que ainda não foram determinadas as medidas a serem tomadas na sequência deste acto ilícito, já que muitos aspectos ainda carecem de explicações.

Dos produtos fora do prazo que ainda eram comercializados no supermercado em causa constam a manteiga, bolachas, queijo e conservas. Após a sua retirada, estes produtos foram substituídos por outros semelhantes, mas que também acabariam por ser removidos das prateleiras, no dia seguinte, devido aos mesmos motivos. / Escrito por AIM



MAPUTO

Três agentes da PRM detidos em Boane

Três agentes do Comando Distrital da Polícia da República de Moçambique (PRM) de Boane, província de Maputo, encontram-se detidos, desde a semana passada, por terem sido surpreendidos a tentar libertar três paquistaneses de um total de 400 imigrantes ilegais expulsos da vizinha África do Sul. Quanto ao valor que é gasto pelo Estado na manutenção do contingente de ilegais naquele centro, Cossa limitou-se a dizer que "não tenho os cálculos em mente, mas é muito dinheiro". / Escrito por Correio da manhã



GAZA

Estragos causados pelas cheias nas estradas ascendem a 100 milhões de meticais

Os danos causados pelas chuvas e inundações nas estradas da província de Gaza, são estimados em cerca de 102 milhões de meticais pela Administração Nacional de Estradas (ANE) que acrescenta que as obras de reparação destes estragos deverão ocorrer em breve de forma a serem solucionados os problemas que a intempérie pro-

vocou nas pontes, aquedutos, entre outras infraestruturas. Igualmente, essas obras visam colmatar danos resultantes de cortes por linhas de água e submersão de plataformas rodoviárias em diversos pontos da província.

O Director Provincial das Obras Públicas e Habitação em Gaza, José Mahumane, disse que o investimento deverá

ser aplicado na construção de uma ponte de betão armado ao longo da Estrada Nacional 222, entre os distritos de Chicualacuala e Chigubo. Ainda no mesmo troço deverão ocorrer acções destinadas a solucionar o problema do arrastamento de solos nos acessos de um dos aquedutos, através do aumento da área de vazão. Entretanto, enquanto se aguar-

Editorial

averdademz@gmail.com

João Vaz de Almada

joao.almada29@gmail.com

Líbia: Entre a Bela (Democracia) e o Monstro (Khadafi)

Muammar Khadafi poderá ser o 'senhor que se segue' – leia-se a ser derrubado – neste começo louco da segunda década do século XXI. Depois de Ben Ali na Tunísia e de Hosni Mubarak no Egito, o ditador líbio está acossado por todos os lados, tendo já, no momento em que escrevo, quarta-feira à noite, perdido o controlo de grande parte do território, onde se inclui a cidade de Bengashi, a segunda maior do país.

Para já, o número de mortos na Líbia supera largamente o das outras revoltas, contabilizando-se já perto de mil vítimas – há ONG's que falam em mais de duas mil – o que atendendo às populações – o Egito possui 83 milhões de habitantes e a Líbia 6,5 milhões – a proporção de mortos na Líbia é assustadoramente superior.

Face aos meios que estão a ser utilizados no terreno, este elevadíssimo número de vítimas mortais não espanta. Khadafi, certamente muito perturbado com o que se passou nos vizinhos, entrou nitidamente a matar, tentando abafar quanto antes os revoltosos, ao mesmo tempo que pretendia desencorajar possíveis adesões. Os meios que estão a ser utilizados são bem dissuasores: helicópteros e aviões de combate, snipers no topo dos edifícios e mercenários estrangeiros especialistas em contra-insurreição. As ordens são claras: atirar em tudo o que mexa. Bem longe dos cassetetes, dos canhões de água e das balas de borracha utilizados na Tunísia e no Egito. A comunidade internacional reagiu tarde ao massacre mas já disse que a morte indiscriminada de civis era um crime monstruoso.

Nesta altura do campeonato, os líbios têm perfeita consciência que ou é agora ou a queda do regime muito dificilmente será uma realidade nos próximos anos. Ou entram na onda libertária da vizinhança e apanham a carreirinha que os livrará da ditadura psicopata do 'Guia da Revolução' ou conhcerão uma repressão bem pior do que a verificada no Iraque após a primeira guerra do Golfo, em 1991. Se Khadafi sobreviver a tudo isto seguir-se-á um massacre colectivo do povo líbio. Disso ninguém tenha dúvidas, basta ver a forma como ele discursou na televisão estatal no início desta semana chamando ratazanas aos revoltosos, ao mesmo tempo que decretava a pena de morte para todos os envolvidos nas manifestações. Como exemplos de controlo de protestos falou de Tienamen, explicando que os tanques de Deng Xiaoping salvaram a unidade da China valendo bem mais do que a vida dessa gente que se manifestava; do bombardeamento de Falloujah no Iraque em 2004; e da reconquista, por ele próprio, da cidade de Darna aos sunitas o que custou a vida a seis mil civis. Agora, mais do que nunca, o povo líbio terá que ser estóico. Esperemos que, para o bem de todos – líbios e Mundo –, consiga ser.



Boqueirão da Verdade

"Temos o direito de enriquecer porque lutámos por este país", dizia Alberto Chipande. Quer dizer, se nós quisermos enriquecer, também temos de lutar por este país. Chipande pronunciou-se sem imaginar o precedente que abria para um futuro imprevisível, num país em que o custo de vida castiga o cidadão que o elegeu, o pobre tornou-se mais pobre e o rico cada vez mais rico.

Lázaro Mabunda, O País

Aquele governante que está no poder pela força - até pode ter sido eleito de maneira legítima, mas não se comporta, hoje, no sentido de considerar as regras democráticas - fomenta a corrupção, não considera o bem-estar do seu povo, não lembra que o poder é muito bom e é sustentado pelo povo. Se isto acontece, acho que esse governante pode ficar de alerta.

Iraê Lundin, O País online - 22.02.2011

No seu habitual editorial no "Magazine Independente", esta semana intitulado "Tomar a sério os ventos do Norte!"... a propósito do que chama "ventos cada vez mais desconfortantes do Norte de África e do Médio Oriente", o jornalista Salomão Moyana

desenvolve o argumento de que os povos devem ser servidos nas suas necessidades e que os seus problemas não se resolvem com violência, mas com sabedoria e inteligência.

<http://oficinadesociologia.blogspot.com/>

Em Moçambique e tomando como eixo as manifestações populares no norte de África e no Médio Oriente, os dirigentes devem avaliar o "grau de insatisfação social" provocada por carências de ordem variada - propõe Moyana -, devem saber que medidas urgentes devem ser postas em prática para contorná-la, reflectindo, afinal, sobre os desafios de gerir um país "com mais de 54 porcento de pobres que sobrevivem com menos de um dólar por dia". É urgente descer às bases não para recolher dados para relatórios triunfalistas, mas para trabalhar directamente com o povo, sustenta.

Idem

Durante anos, o sistema bancário esteve vendendo vazios. Durante esse tempo a arte esteve no empacotar esse vazio. Esse cultivo da aparência em substituição da substância invadiu

as nossas sociedades, no Norte e no Sul do planeta. Esse fascínio pelo brilho exterior estende-se a todos os domínios. Não interessa tanto quem sejas. Interessa o que vestes e como te vendes. Não interessa o que realmente sabes fazer. Interessa a arte de elaborar CV's, de acumular cursos e de te saberes colocar na montra. Não interessa o que pensas.

Mia Couto, O País

Está convocada, ou pelo menos idealizada, uma manifestação em Angola para o dia 7 de Março. A ideia é mostrar ao dono do país, José Eduardo dos Santos, que mesmo de barriga vazia os angolanos continuam a ter cabeça, continuam a saber pensar.

<http://altohama.blogspot.com/>

O parlamento malawiano exige explicações ao governo sobre o facto de a Primeira-Dama, Calista Mutharika, ganhar um salário superior ao da vice-Presidente, Joyce Banda, e de outros dirigentes governamentais, pelo exercício de uma actividade que supostamente deveria realizar por caridade.

RM, Faustino Igreja, em Blantyre

OBITUÁRIO: Imran Akuji 1972 – 2011 – 38 anos



O mundo do ciclismo moçambicano foi abalado, perto do meio-dia do dia 20 Fevereiro: o ciclista Imran Akuji, um dos dinamizadores da modalidade no país, foi mortalmente atropelado. Imran Akuji que ocupava o cargo de presidente da Federação de Ciclismo de Moçambique, não resistiu aos ferimentos e perdeu a vida no local. Fontes ligadas à vítima informam que o veículo que causou a tragédia vinha na direcção oposta, no sentido Maputo/Boane. Refira-se, no entanto, que o embate ocorreu porque o automobilista efectuou uma ultrapassagem e não conseguiu voltar à sua faixa de rodagem, tendo, por via disso, ido colher fatalmente Imran Akuji no lado que lhe cabia da via. Contava 38 anos.

O filho mais velho, Yazid, na altura do acidente, acompanhava o pai no carro de suporte com outros elementos do clube. Recorde-se que na manhã do fatídico dia Imran Akuji participou, na companhia dos membros do Clube de Ciclismo de Moçambique, numa corrida contra-relógio organizada em Namaacha. No final da prova optou por regressar de bicicleta com o fito de completar o treino do dia. Refira-se que Imran deixou mulher e três filhos. O funeral teve lugar esta segunda-feira por volta das 21h, no Cemitério de Lhanguene.

SEMÁFORO



VERMELHO – Muammar Khadafi

O líder líbio, para controlar a revolta popular, contratou mercenários para disparar contra o seu próprio povo. Snipers, helicópteros e aviões de combate, tudo tem servido a Khadafi para estancar a revolta que ameaça ser a mais sangrenta de todas as que têm eclodido no mundo árabe. Fontes independentes falam já em 800 mortos desde o início dos confrontos. A Líbia, o quarto produtor mundial de petróleo, poderá estar à beira da guerra civil.



AMARELO – Empresa 'Destinos'

É o nome da empresa encarregue este ano da organização da Gala da Liga Moçambicana de Futebol (LMF) que teve lugar no passado sábado no hotel VIP em Maputo. O evento e os amantes de futebol mereciam melhor sorte no que à escolha do apresentador diz respeito. As gafes saídas da boca daquele senhor sucederam-se a um ritmo avassalador. O pior foi quando chamou Lucinda Ana à Governadora da Cidade de Maputo Lucília Hama e colocou o Ferroviário de Pemba no Moçambique 2011.



VERDE – INAV

Ao que tudo indica, parece ter sido uma boa opção o trânsito condicionado nas horas de ponta na N4 entre a Matola e Maputo. Logo às primeiras horas da manhã, as três faixas de rolagem no sentido Matola/Maputo têm proporcionado uma viagem muito mais rápida para os automobilistas que utilizam aquela via. Em alguns casos, o tempo da viagem foi reduzido em 50%.



Mário Soares*

"Diário de Notícias"

Começou mais ou menos pacificamente, na Tunísia, há cerca de um mês. Comunicou-se, depois, inesperadamente, ao Egito. Com alguma violência inicial mas que acabou numa euforia generalizada, com a demissão de Mubarak e a neutralidade das Forças Armadas. Mas Mubarak ainda está no seu Palácio de Sharm el Sheikh, apesar de as Forças Armadas terem prometido "eleições livres e justas". Não devemos esquecer que o Egito é um país-chave do Próximo Oriente, cujo povo se revelou politicamente muito maduro.

Na Argélia, uma manifestação tentada foi desfeita pela violência policial, com bastantes feridos, um morto e muitos presos. Mas nem por isso os protestos acabaram, sendo cada vez maiores. Veremos se a semente do descontentamento vai germinar ou não, como parece nos últimos dias estar a acontecer. Há também manifesto mal-estar e inquietação em Marrocos, onde, no sábado passado, houve em várias cidades grandes protestos mais ou menos pacíficos. E na Mauritânia, onde o mesmo sentimento de revolu-

ta está a amadurecer.

Para Leste, o contágio dos acontecimentos da Tunísia, e depois do Egito, foi mais rápido e muito mais violento. A repressão parece ter sido brutal e imediata, sobretudo na Líbia, onde Kadafi estabeleceu um muro de silêncio para o exterior e provocou um verdadeiro massacre no plano interno. A Polícia não bastou e o Exército teve de intervir, fazendo, segundo as agências, duas centenas de mortes, para evitar que em Bengasi e noutras cidades, mesmo em Tripoli, gritasse "Morte ao tirano!" Um militar que governa o país, com mão-de-ferro, há mais de quarenta anos.

No Bahrein, um dos emirados, as manifestações começaram por ser pacíficas. Reclamavam, tão-só, liberdade, democracia, respeito pelos direitos humanos, como por toda a parte. Mas, após a morte de três manifestantes, os protestos endureceram, os reformistas que gritavam nas ruas tornaram-se revolucionários e o exército reagiu com fogo real, fazendo mais de cem feridos, alguns dos quais em estado muito grave.

O príncipe Salman demitiu o Primeiro-Ministro e falou ao país, dizendo que a monarquia do Bahrein "nunca foi um Estado policial e que estava pronto a negociar". Mas alguns observadores acham que será demasiado tarde. Na Jordânia, as manifestações parecem ser menos violentas, dado que o Rei Abdallah II se tem mostrado mais aberto.

No Irão, pela voz do Presidente, Ahmadinejad, comparou-se a revolução vivida agora no Egito com a revolução iraniana de 1979. Não têm nada a ver uma com a outra! Foi um erro tal comparação, num Estado teocrático cuja população está extremamente tensa desde as últimas eleições, que tiveram como resultado a prisão de alguns dos líderes da oposição. Os opositores, em consequência, vieram para a rua pedir liberdade e mudança do regime teocrático. Foram presos e espancados pelas forças repressivas. Na Assembleia, os deputados, favoráveis ao regime, pediram, a gritar, a pena de morte para os líderes da oposição. Foi como deitar gasolina numa fogueira...

No Iémen, a repressão foi enorme. Mas houve também contra-manifestações em favor do ditador Saleh. Na cidade portuária de Aden houve igualmente protestos que se saldaram por vários mortos.

No Iraque, onde há ainda forças americanas, também há sinais de que o tsunami egípcio, que varre o mundo árabo-muçulmano, pode igualmente fazer das suas. Assim como na Síria e na própria Arábia Saudita. Quer dizer, o mundo assiste a uma viragem histórica, como só sucede de longe em longe.

Trata-se, portanto, de um fenômeno político e social novo - que envolve fortemente a juventude - e que está a marcar a segundo década do século XXI, bem como o mundo complexo do nosso tempo. Diga-se que sem os progressos informáticos de telemóveis, Internet, blogues e Twitter, é possível que nada tivesse acontecido. Ninguém, com consciência política, pode ser indiferente às revoluções em curso. A América, de Obama, a seguirá com manifesta simpatia e atenção - sobretudo no que

se refere ao Egito -, mas também com a prudência que resulta das contradições internas americanas, da força do lobby judaico nos Estados Unidos e da situação de isolamento em que parece ficar Israel, face às manifestações de regozijo e incontido entusiasmo com que a Palestina tem saudado as mudanças na região.

Mudanças que, aliás, nada têm a ver com o fanatismo religioso nem, menos ainda, com o terrorismo islâmico. Por toda a parte onde se manifestam, ninguém atacou Israel nem, menos ainda, o Ocidente. Pelo contrário. São os valores do Ocidente - direitos humanos, democracia pluralista, justiça social, direito e dignidade no trabalho, valores éticos, etc. - que os jovens muçulmanos defendem, lutando contra os ditadores que se eternizam nos lugares, a corrupção e as teocracias obsoletas.

Por isso, talvez, a União Europeia dirigida por conservadores, em sociedades em que os valores éticos não abundam - e o supremo valor é o mercado - tardou tanto em

reconhecer o que se passa no mundo árabo-muçulmano. O apoio que lhes tem dado tem sido escandalosamente discreto. Até parece que os dirigentes europeus lamentam que os ditadores corruptos, seus antigos aliados e amigos, que podem vir a cair como um castelo de cartas, lhes façam alguma falta... Sobretudo os que ganharam o hábito de passar férias na região.

Numa entrevista dada ao 'El País', de sábado, Javier Solana, que foi responsável, durante vários anos, pela diplomacia europeia, escreveu: "O esquema de só haver um Islão radical, desapareceu." E acrescentou: "Quem se levantou contra o regime de Mubarak não são perigosos islamistas radicais. São jovens que querem dignidade e exigem respeito." E ainda: "Israel não será mais a única democracia da região. Deverá adaptar-se para poder garantir de outro modo a sua segurança."

Palavras sábias. Pena é que a actual União Europeia - e os seus dirigentes - as não queriam compreender...



Pentchiço Dambuza Capitine

averdademz@gmail.com

Eu sou o "radical-fundamentalista" líder dos Hezzbolah, muito bem conhecido nos corredores da minha escola, por sinal, a maior do país, Moçambique.

Fui ano passado o aluno visto várias vezes embriagado e que despoletou os casos de embriaguez nas escolas. Confesso que vivi momentos de estrelato, porque embora mentalmente alterado, tive à minha frente câmaras das 4 estações televisivas do país. Foi para mim muito honroso ver a minha imagem aliada aos grandes analistas e estrategas do sector da educação que reflectiram sobre o caso.

Mas o negativo disso, pois qualquer acção tem as suas consequências, que para além da suspensão de 2 semanas das aulas até a poeira baixar como o Director Pedagógico avançou e o castigo de não poder sair casa durante o período da suspensão, é sem dúvida o facto de o Município ter decidido retirar as barracas ao redor da escola. É uma chatice das pesadas, o meu atacador, já que não uso cinto para segurar as calças e dos companheiros do Hezzbolah, estará mais apertado, pois com esta medida retirar-se-á a barraca da Dona Berta, a

@ Verdade Convidada

Um Furacão Varre o Mundo Árabe

@Verdade da Manhiça

A confissão de um aluno

nossa esquina, onde se consumia, onde se consumia até no interior da barraca para fugir dos olhares, onde se consumia por valer e já havia, graças à bondade daquela velha senhora, algo preparado ao intervalo e à saída da escola para a Hezzbolah.

Se calhar muitos não percebem esta coisa de Hezzbolah, mas os meus colegas de escola, muitos deles, sabem e muito bem o que é a Hezzbolah. Mas já expliquei de forma breve: Hezzbolah é um grupo de alunos, fundado e liderado por mim, que fomenta o radicalismo de pequena escala na escola. A Hezzbolah resolve quase todo o tipo de problemas afectivos na escola. É este grupo que invade as escolas vizinhas para roubar telemóveis, lanche dos mais ricos e agredir os que, porventura, tenham provocado algum membro do grupo ou da escola, que manifestou vingança. Mas também fazemos isto dentro da nossa escola, por isso é que somos temidos em demasia. Não temos grupos rivais, senão mesmo a Direcção que vezes sem conta nos tem mandado chamar os encarregados, mas sempre fazemos questão de chamar a empregada ou o empregado e a situação fica logo resolvida. A Directora

Red Bull para os superiores e El Salvador para os caloiros do Hezzbolah. Depois comprar naquela esquina perto de casa, um sumo Ceres ou Fizz para a nossa magnífica mistura, "caipirinha" à moda moçambicana.

Seremos bastante cautelosos no consumo, agora não podemos beber antes das aulas, porque além do círculo se demonstrar fechado, temos o guarda que já nem aceita os nossos 20 paus para apanhar da ideia da Tequila. Mas para este último, medidas estão sendo estudadas para doméstico, ainda bem que temos no seio da Hezzbolah gente da elite deste país, Júnior filho do Ministro, Petter filho da Deputada e chefe da bancada, Pastor Brasileiro filho da Governadora e Vlado Boy Manager, o filho do Presidente do Conselho da Administração. Usaremos estas figuras para amedrontá-lo, aliás, são igualmente estas figuras que tornam alguns membros do Hezzbolah intocáveis na escola.

Com sumo Ceres e Fizz adulterado, ninguém perceberá patavina. Até poderemos entrar com o produto em mão, numa clara demonstração de que nenhuma decisão está

acima do povo.

Pessoalmente, fico excessivamente chocado quando se diz que este problema parte de casa, não pode ser verdade, é uma ideia de quem não percebe nada e se acha analista no vazio e pretensiosamente querer puxar as responsabilidades aos nossos pais e mais nada. O problema está na rua, nas nossas companhias, nas nossas amizades. Não falarei de mim como exemplo, mas sim do Júnior o filho do ministro, que ao chegar aqui era todo certinho quase "matreco", bastaram-lhe poucos dias de contacto comigo para começar a ver o mundo de outra forma, mas, quando chega a casa ou quando lá vamos, sincera e honestamente ele vira outra pessoa e até só consumimos refrigerantes made in Italy. E graças a Deus, hoje, ele é o maior financiador dos Hezzbolah, seguido pelo filho da governadora, do PCA e por mim, Chefe da Bancada, uma prova palpável de que direcção ou indirectamente, a elite deste país fomenta o acto de embriaguez nas escolas.

Pelos contornos é possível concluir que pôr fim a esta prática é impossível e o braço-de-ferro que o Município e a Direcção da Escola insta-

ram contra os alunos só vai agravar a situação, porque até os professores de Física, Biologia, Química e Português apresentam-se na sala de aulas embriagados.

Uma solução talvez para apaziguar esta situação seria pressionando-nos a estudar, intensificarem os estudos, ocuparem-nos com matérias como também os docentes deixarem de nos cobrar a cada final do ano valores monetários para a nossa transição de classe para mesmo assim, nas classes com exame, reprovar. Afinal o Ministério da Educação não questiona o porquê das reprovações em massa nas classes com exame? Até mesmo eu, que estudo só e só para passar de classe e entregar o certificado ao meu tio para me empregar na quarta maior empresa do país, a que ele dirige, empresa do Chefe maior, percebo um pouco das coisas.

Mas enfim, se o Município quer mesmo trabalhar, deve saber primeiro que o elenco que hoje o encabeça, chegou aqui e nos encontrou bebendo e não será alguma medida dele que nos fará parar.

Juro palavra de Honra e sinceramente, vou morrer assim.

Apreciação do Metical ou efeito “guerra cambial”?



Em cinco meses consecutivos, de acordo com as últimas informações do Banco de Moçambique, a divisa nacional – o metical – mostrou, em Janeiro último, tendência para apreciação face ao dólar americano, ao fixar-se em 32,10 MT/USD, depois de a paridade ter estado em 32,83 MT/USD, em Dezembro de 2010.

A apreciação do metical não é mais do que efeito da política norte-americana de desvalorizar a sua divisa, visto que as exportações não aumentaram. Aliás, esta tendência do metical para apreciação em relação ao dólar verifica-se pouco tempo depois de os Estados Unidos, campeões em défices, anunciar a emissão de 600 biliões de dólares para escaldar a sua economia. Trata-se de uma medida que contribuirá sobremaneira para a tendência de queda na cotação da divisa americana.

Não será a aparente tendência para a apreciação do metical em relação ao dólar dos Estados Unidos da América o efeito da política norte-americana de manter a sua moeda artificialmente desvalorizada para exportar de forma mais barata? A resposta a essa pergunta poderá definir o futuro da economia do país e, quiçá, do mundo.

Texto: Hélder Xavier

"A emissão de 600 biliões de dólares norte-americanos anunciada pelo Washington está – e irá – a provocar uma grande erosão no valor da divisa americana, por sinal a principal moeda de troca mundial", comenta o economista Jacinto Ribaué.

Com o dólar depreciado, as exportações norte-americanas vão crescer e, consequentemente, tal acto vai prejudicar as nações que exportam para os Estados Unidos. Os especialistas do mundo financeiro olham para esta medida como uma prática comercial "destrutiva e predatória", ou seja, chamaram a isso "matar de fome o vizinho".

Além de desestabilizar o comércio, a moeda norte-americana destabiliza o câmbio a nível mundial e não só. Também o dinheiro americano irrompe sobre os mercados

emergentes, onde os investidores americanos vão em busca de melhores taxas de juro, fugindo dos lastimosos 0,03 porcento que os EUA oferecem. Na década de '80, frágeis e pequenas economias asiáticas foram devastadas, quando foram inundadas por investimento norte-americano. Os economistas dizem que, agora, esse processo volta a acontecer, devastando a moeda de outros países, cujas exportações perdem competitividade.

No ano passado, sobretudo nos meses de Outubro e Novembro, o dólar norte-americano caiu mais de 6 porcento em relação às principais moedas, levando os investidores a correr para o ouro, que valorizou 17 porcento em 60 dias. "Os EUA pretendem exportar inflação para todo o mundo, com o intuito de reduzirem a enorme dívida que têm, pagando os credores com dóla-

res desvalorizados", afirma Ribaué.

Na Cimeira do G-20, em Seul, Coreia do Sul, na qual se encontravam reunidas as principais economias desenvolvidas e emergentes, viu-se claramente que as nações, tanto as deficitárias – aquelas que, no fim do ano, receberam menos capitais externo do que entregaram no que respeita à balança comercial e remessas – como as superavitárias – as que registaram excedente de recursos -, estão furiosas com os Estados Unidos. Os EUA criticaram o Governo chinês por manter a sua divisa, o iuan, desvalorizado em relação às demais. A China, um país superavitário, contra-atacou, reclamando em relação à inundação de dólares feita pelo Governo americano, mas Washington defendeu-se dizendo que "é fundamental para reanimar a economia".



A moeda chinesa está demasiado baixa, o que está a afetar não só o Ocidente mas também outros países em vias de desenvolvimento, especialmente aqueles que têm taxas de câmbio flutuantes. E a decisão tomada pelos Estados Unidos segue o mesmo caminho, ameaçando a estabilidade financeira e o comércio global. Diversos países têm vindo a tomar medidas de política monetária, uma espécie de barreiras, contra o investimento considerado por muitos economistas "predatório".

Em reacção a estes fluxos de capital estrangeiro, muitos governos, sobretudo os de países em desenvolvimento, intervieram na compra de divisas estrangeiras ou aplicaram impostos à entrada de capitais estrangeiros, para não deixar que as suas taxas de câmbio disparem.



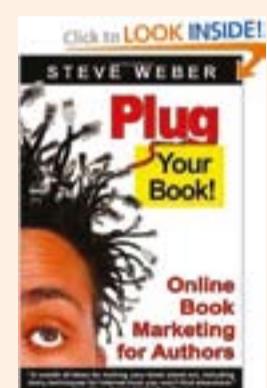
Text: Pedro Barbosa *
pbarbosa@gmail.com

PuraMente

Nome:
Plug Your Book

Autor:
Steve Weber

Data: Dezembro 2008



Há uma ou duas décadas atrás este livro não faria grande sentido para o mainstream do mercado, muito menos para ser qualificável para uma análise no PuraMente. Porém, as circunstâncias mudaram e hoje os consumidores são proativos ao ponto de o número de pessoas que escrevem livros – ou projectos colaterais mas similares – ser suficientemente abrangente para sustentar a existência de obras com os propósitos desta.

A ideia de Plug Your Book é ajudar os autores a encontrarem uma forma de ganhar a máxima exposição dos seus projectos, tendo em conta que a distribuição tradicional já não representa o mesmo papel e relevância. Weber recorre a inúmeros exemplos, para constatar que a publicidade paga por click, as campanhas bestseller e as revisões financiadas não são, na maior parte dos casos, realmente eficazes?

Weber é a favor de referências não financiadas, de reputação peer to peer e outras formas de WOM capazes de acender o rastilho das vendas sem recurso a alguns modelos da distribuição. O autor fez das primeiras incursões profissionais de como capitalizar as redes sociais enquanto plataforma colaborativa capitalizadora de notoriedade e transacções.

Plug Your Book tem a vantagem de ser destinado a qualquer pessoa que esteja interessada na edição e promoção de um livro ou outro projecto editorial relevante, sendo abrangente a tipos de documentos muito diferentes. Em contraponto, os dois anos e meio que leva no mercado desactualizaram alguns dos conteúdos, em matérias tão leading como Internet Buzz. Plug Your Book é mais abrangente, mas para quem procura livros mais recentes e especializados sugere-se Internet Book Marketing, EPublishing, SEOfor 2010, Publish on a Amazon Kindle e dezenas de outros que semanalmente saem para o mercado.

* Pedro Barbosa, Docente do IPAM
pbarbosa@gmail.com

O implacável IPRA

Texto: Redacção

O Imposto Predial Autárquico (IPRA) – uma taxa que incide sobre o valor patrimonial dos prédios urbanos situados no território da respectiva autarquia – subiu de 100 para um montante mínimo de 1 600 meticais anuais no início deste ano, em todos os imóveis do país.

O agravamento resulta das novas regras de reavaliação do património imobiliário dos cidadãos, aprovadas em conselho de ministros a 27 de Dezembro de 2010.

A nível da cidade de Maputo, o IPRA registou um agravamento mínimo de 100 meticais. Esta subida é resultante da aprovação do decreto 61/2010, à luz do qual foram aprovados novos mecanismos de determinação e correção do valor patrimonial dos prédios urbanos, situados no território das autarquias e sujeitos ao IPRA. As novas regras de reavaliação ignoram vários aspectos que eram considerados no regulamento anterior.

Passam a vigorar novos critérios para a determinação do valor que o proprietário de uma casa deve pagar pelo IPRA, de acordo com o documento. A nova fórmula contempla seis aspectos: o valor patrimonial do prédio urbano; área edificada; preço médio de construção por metro quadrado; factor da antiguidade do prédio; factor da localização e a área do terreno não ocupado do respectivo prédio. A título de exemplo, um cidadão que possui uma residência nos bairros com Malanga ou Jardim, eventualmente pague menos do que o que reside na Coop.

As taxas vigentes para a cobrança do IPRA mantêm-se em 0,4% sobre o valor patrimonial de imóveis destinados à habitação, e 0,7% do valor patrimonial dos prédios destinados à actividade de natureza comercial, industrial ou para o exercício de actividades profissionais independentes.

O IPRA é pago em duas prestações por ano: a primeira de 1 a 31 de Janeiro e a outra no mês de Junho. Alegando tentativa de minimizar o impacto desta decisão, o Município de Maputo decidiu alargar o prazo, sendo que o mesmo poderá ser pago até ao mês de Março.

O Centro de Integridade Pública (CIP) acusou o Concelho Municipal da Cidade de Maputo de violar um dos mais elementares princípios do Direito Administrativo - o de publicização dos actos administrativos - ao fazer a cobrança de novos valores do Imposto Predial Autárquico. Além do princípio da publicidade, o CIP diz que está também em causa a irregularidade no cálculo do valor do IPA e o facto de o Conselho de Ministros ter embarcado num verdadeiro irrealismo.

Foi, de acordo com o CIP, "disponibilizado ao público" o Decreto número 61/2010, de 27 de Dezembro, mas "à semelhança do que vem acontecendo com muitos diplomas legais, entrou em vigor antes de ter sido distribuído publicamente, pois a sua disponibilização pública só ocorreu em finais de Janeiro de 2011 e a sua entrada em vigor foi a 1 de Janeiro de 2011".

Sendo assim, "não houve qualquer publicidade sobre a aprovação do Decreto número 61/2010, de 27 de Dezembro, importantíssimo porque tem implicações no orçamento familiar do cidadão, pois aumenta o valor do Imposto Predial Autárquico, devido pelos proprietários de prédios urbanos". Isto é, não tendo havido publicidade do agravamento dos valores do IPRA, o município de Maputo foi encontrado desprevenido quando, ao dirigir-se ao Concelho Municipal para proceder ao pagamento do respectivo IPRA, "se deparou, sem exceção, com um aumento do valor que devia pagar que, a maior parte das vezes, era 10 vezes mais do que pagara no ano anterior".

A base de cálculo do IPA é irregular, considera o CIP. O artigo 2º do Decreto estabelece, no seu número 1, que "o valor patrimonial constante do cadastro fiscal constitui a base de tributação dos prédios urbanos sujeitos ao Imposto Predial Autárquico, devendo ser determinado de acordo com as normas do presente Decreto".

De acordo com o CIP, "até à data, nem o Ministério das Obras Públicas e Habitação, nem o Concelho Municipal da Cidade de Maputo anunciam o preço do metro quadrado de construção ou o preço médio de mercado. Também, até à data, o Concelho Municipal não anunciou qual a divisão em zonas da cidade de Maputo e o factor que será aplicado a cada zona de acordo com o seu valor urbanístico. Sendo factores obrigatórios para o cálculo dum imposto que os contribuintes têm que pagar, os mesmos têm que ser publicados no Boletim da República e têm que ser do conhecimento público antes de se obrigar o seu pagamento".

O CIP defende ainda que sendo o Boletim da República uma publicação de acesso restrito, seria importante que os factores de cálculo fossem publicados em jornal de grande circulação, como, aliás, o Governo faz em relação a outros impostos.

Millenium bim, BCI e Standard Bank lideram banca

O Millenium bim continua a ser líder do ramo bancário nacional, seguido do Banco Comercial e de Investimento e Standard Bank, segundo a Pesquisa Sobre o Sector Bancário, referente ao exercício económico de 2009, realizada pela KPMG em parceria com a Associação Moçambicana de Bancos.

Texto: Redacção

No ranking de activos, o quadro mantém-se inalterado nas seis primeiras posições, quando comparado com o ano anterior. O Millenium bim lidera com mais de 48 milhões de meticais, representando um peso de 36,4% no total dos activos do sector, seguido do BCI com 34 milhões, e do Standard Bank com 25 milhões.

Ainda no que respeita ao ranking dos activos totais, o destaque vai para o Moza Banco que saltou do 10º lugar para 7º com um pouco mais de um milhão de meticais. Os quatro maiores bancos do país – Millenium bim, BCI, Standard Bank e Barclays Bank Moçambique – detêm cerca de 89% do total dos activos agregados do sector.

A pesquisa, que abrangeu 13 instituições financeiras a operarem em Moçambique, conclui que, em 2009, os valores dos activos do sector bancário continuaram a registrar níveis de crescimento consideráveis, apesar dos constrangimentos externos e as fragilidades de resistência da economia nacional a choques externos.

A mesma situação verifica-se na análise feita à carteira de crédito, depósitos e lucros, onde o Millenium bim, o BCI e o Standard Bank ocupam as primeiras três posições. No que concerne

à rendibilidade dos fundos próprios médios, a grande surpresa é o Banco Procredit que ocupa o primeiro lugar, com 38,6%, depois de no ano passado ter estado na 11ª posição.

Crédito

A carteira de crédito da banca vem apresentado, desde 2008, um crescimento quase que exponencial. Em 2009, o crédito observou um crescimento de 63,85% (referente a 70 242 844 meticais), contra os 45,22% em 2008.

O aumento de crédito deveu-se à sua grande procura tanto pelas empresas como por particulares para consumo e aquisição de bens imobiliários; aumento de projectos de investimentos; desinvestimentos das aplicações no mercado estrangeiro; e a descida das taxas de juro dos bilhetes do tesouro. Em termos da qualidade de crédito, o BCI, o Millenium bim e o First National Bank lideram o mercado.

Depósitos

Em 2009, o total de depósitos cresceu na ordem dos 34%, passando dos 76 865 586 meticais para mais de 100 milhões. Este incremento deveu-se ao crescimento económico do país (6%), à expansão da rede de agências bancárias e das estratégias concorrentiais de captação de poupança.

Previsões exageradas?

Pressão. Os preços no consumidor estão a subir, mas as preocupações dos bancos centrais são excessivas.



Onde quer que esteja a ler este artigo, é provável que a inflação seja notícia. Em todo o mundo, os preços elevados das matérias-primas estão a fazer subir os preços no consumidor. A pressão é mais clara nos mercados emergentes em crescimento rápido, nos quais as pessoas gastam uma grande parte dos seus rendimentos na alimentação.

A taxa de inflação da China oscila à volta dos 5%, a do Brasil aproxima-se dos 6% e a da Índia mantém-se perto dos 10%. Mesmo nas economias ricas enfraquecidas, a palavra começada por 'i' voltou às primeiras páginas. No Reino Unido, os preços no consumidor aumentaram 3,7% no ano passado. Na zona euro, os preços aumentaram 2,4% no mesmo período, acima da meta de 2% fixada pelo Banco Central Europeu (BCE).

A grande preocupação é que as condições monetárias a nível mundial sejam demasiado instáveis, devido ao facto de as taxas de juro terem atingido os seus níveis mínimos e, por outro lado, aos balanços financeiros inflacionados dos bancos centrais dos países ricos e à incapacidade – ou relutância – das economias emergentes em tornarem mais restritivas as suas políticas. Esta combinação indica que, se não forem tomadas medidas, a inflação poderá ficar descontrolada.

As preocupações actuais manifestam-se de formas diferentes, consoante os locais. Nos mercados emergentes, os políticos temem a eclosão de conflitos sociais e os tecnocratas receiam o sobreaquecimento da economia. O medo da inflação também está a aumentar entre alguns responsáveis dos bancos centrais das economias ricas, para as quais, até há pouco tempo, a deflação parecia representar o maior risco.

No mês passado, dois membros do comité de política do Banco de Inglaterra votaram a favor de um aumento imediato das taxas de juro. Um alto funcionário do BCE diz que os aumentos da inflação importada na Europa "não podem ser ignorados".

No entanto, os governadores dos bancos centrais não devem ficar alarmados, nem pela escala, nem pela dinâmica da inflação global. A inflação está a aumentar mas não se pode dizer

mães poderão recuperar a seu favor o recente aumento dos preços da alimentação e dos combustíveis. E isso será positivo e não negativo. Os salários alemães estiveram sujeitos a restrições durante uma década; um aumento mais rápido dos salários incentivaria a procura interna e ajudaria a redirecionar a economia da Alemanha. E uma inflação ligeiramente mais elevada na Alemanha facilitaria a vida das economias periféricas endividadas da zona euro, porque os cortes nos salários e nos preços necessários para as

tornar competitivas seriam menores. Por estas duas razões, o BCE não devia tomar medidas severas contra a inflação.

As ferramentas a utilizar

A situação não é exactamente a mesma nas economias emergentes. A maioria destas avança a grande velocidade, em condições monetárias bastante mais instáveis do que em 2008, que representam um risco real de gerar inflação persistente. Mas, mesmo aqui, os perigos podem ser exagerados.

A subida dos preços e dos salários na China, por exemplo, deverá ajudar a reorientar a economia do país para o consumo nacional – na prática, o equivalente de uma moeda mais forte. As baixas taxas de juro das economias ricas complicam mais a vida dos decisores políticos das economias emergentes: se estes aumentarem as taxas, os seus países atraerão mais capital estrangeiro, o que alimentará a inflação. Podem tentar evitar que isso aconteça, através do controlo sobre o capital estrangeiro mas, em muitos casos, esse

controlo não é eficaz.

É muito melhor travar o consumo – e portanto a inflação – através de uma política orçamental mais severa. Na Índia e no Brasil, a principal ferramenta de combate à inflação deveria ser um défice orçamental menor.

Tudo isto indica que não há qualquer vantagem em perder a cabeça. A inflação é sempre motivo para preocupações mas, neste momento, não é motivo para pânico.

Publicidade



CURSOS

Desenvolvimento de habilidades para secretárias(os) executivas(os) e assistentes de direcção

Porque a profissão de secretária está a crescer e a ficar cada vez mais importante no mercado de trabalho, a KPMG irá realizar um curso de formação sobre **"desenvolvimento de habilidades para secretárias executivas e assistentes de direcção"**, que será ministrado nas instalações da KPMG em Maputo.

O curso será nos dias 1 e 2 de Março (Módulo I) e 3 e 4 de Março (Módulo II) e entre os objectivos do curso contam-se:

- Aquisição de competências e comportamentos de uma profissional
- Redefinição do papel de secretária e eliminação da má imagem criada em seu redor;
- Conhecimento a fundo do alto nível de confiança e de autoridade necessários para manter o seu "status" profissional.

No fim da formação os participantes estarão dotados de conhecimentos para demonstrar um elevado grau de responsabilidade, integridade e profissionalismo no local de trabalho, comprometidos com a qualidade e capacitados para os desafios rumo aos objectivos e metas da organização.

Custo de Participação

O valor da inscrição para participação é de **15.000 MT** (quinze mil meticais), IVA incluído, por módulo. Este valor inclui o material do curso, lanche e almoço buffet nos dias em que o curso estiver a decorrer.

Após o curso serão emitidos Certificados de Participação.

Para informações adicionais contacte:

Sandra Nhachale

Rua 1.233, Número 72C-Bairro Central - Edifício Hollard
Maputo - Moçambique

Telefone: +258 21 355200 | Fax: +258 21 313 358 | Mobile: +258 82 3176340
E-mail: snhachale@kpmg.com

AUDIT • TAX • ADVISORY



CARTAZ

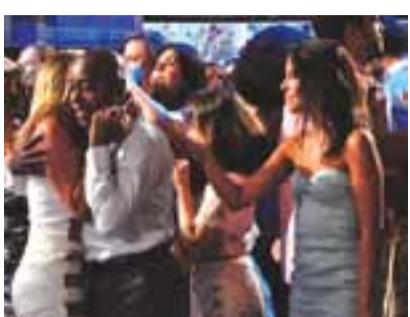
COMENTE POR SMS 821115

Programação da



Segunda a Sábado 20h35

ARAGUAIA



Estela confirma sua gravidez para Solano. Nancy avisa a Pimpinela que Salatiel está próximo do Araguaia. Mariquita comemora o encontro do Solano e Cabo/Gabriel. Glorinha, Nancy e Pimpinela acertam os últimos detalhes do plano para pegar Salatiel. Manuela não consegue convencer Amélia a enfrentar Max.

Solano conta para Manuela que Estela está grávida e a veterinária pede para ficar sozinha. Mariquita avisa a Padre Emílio que Solano encontrou Gabriel. Yvete convence Gabriel a sair de Belo Horizonte. Nancy liga para Glorinha e avisa que Salatiel chegou. Padre Emílio fica atônito ao saber que Estela está esperando um filho.

Aspásia tenta levar Genão ao encontro de Lurdinha. Padre Emílio conversa com Solano e tenta confortá-lo. Manuela diz a Terê que vai abandonar Solano por causa da gravidez de Estela.

Manuela acredita que o nascimento do filho de Estela salvará a vida de Solano. Genão pede permissão a Solano para visitar Aspásia. Max questiona Manuela sobre a colheita de girassol. Vitor lê uma notícia falando sobre o seu acidente e cobrando uma resposta da polícia. Lurdinha comenta com Amélia sobre o sucesso de sua coleção.

Bruno flagra Janaína e Fred namorando e decide ter uma conversa séria com seu futuro padrasto. Solano convida Estela para voltar a morar na estância. Max revela a Amélia que sabe de seu caso com Vitor e a ameaça caso ela o abandone.

Geraldo acaba revelando para Vitor que Max foi o autor dos atentados que ele sofreu. Solano implora que Manuela o perdoe e reate o namoro. Vitor invade a fazenda de Max e afirma que vai levar Amélia embora.

Segunda a Sábado 21h35

TITI TITI

Chico aconselha Ariclenes a perguntar para Cecília se o nome de seu filho é André. Cecília se lembra da irmã e faz uma cópia do vestido que lhe deu quando eram jovens. Dagulene pede para morar com os irmãos. Desirée e Armandinho são resgatados. Após se encontrar com Jacques, Jaqueline se anima a desenhar novos modelos.

Julinho fala sobre Osmar para Thales. Jorgito visita Camila no hospital e descobre que Desirée foi resgatada. Camila pede ajuda a Jorgito para se afastar de Luti. Edgar diz a Bruna que não sabe se ama essa nova Marcela. Jacques diz a Clotilde que Jaqueline lhe propôs um romance secreto. Julinho fica magoado com a indiferença de Thales. Dona Mocinha reconhece Cecília na foto e confirma que ela tinha um filho chamado André.

Ariclenes pede para Chico guardar segredo que Cecília é mãe de Jacques. Stéfany diz para Desirée que Jorgito se apaixonou por ela. Valquíria se candidata a uma bolsa de estudos em Londres e Clotilde sugere que ela inscreva Luti também. Desirée fica indignada com a traição de Jorgito. Armandinho conta para Jorgito que Stéfany arrumou a história do sequestro. Magali rouba um beijo de Gino e se oferece para ser a mãe dos seus filhos.

Julinho se decepciona com Thales. Stela aprova a nova coleção de Jaqueline. Camila se hospeda em um hotel fazenda e Luti não consegue falar com ela. Edgar manda um e-mail para a coluna de Marcela. Isabel dá de presente para Renato um muro para ele grafitar. Suzana ouve Ariclenes dizer que quem faz as roupas de Valentim é a mãe de Jacques.



Segunda a Sábado 22h45

INSENSATO CORAÇÃO

Marina se aproxima de Pedro e eles conversam. Natalie fica indignada ao saber que o lançamento de sua revista vai ser em uma banca de jornal. Haidé suspeita de que Carol esteja grávida, mas Alice garante que a irmã não pode ter filhos. Douglas e Bibi se beijam. Ismael reclama de Isidoro para Zuleica. Vitória fala com Isidoro sobre a reunião que pretende fazer para dar as boas vindas a Teodoro.

Carol sente-se mal novamente. Gilda fica feliz ao receber a notícia da volta de Teodoro. Roni explica para Natalie como ela pode voltar a fazer sucesso. Cortez diz a Wagner que precisa encontrar Natalie novamente. Paula ouve Rafa dizer a Clarice que quer deixar a faculdade de Economia e conta para o pai.

Pedro é condenado e levado para uma casa de custódia. Roni apresenta Natalie para Vicente e eles esperam a chegada do fotógrafo. Marlene se insinua para Oscar e Bibi e Gilda percebem. Sônia diz que Carol está grávida.

Sônia pede para Carol fazer um exame para confirmar a gravidez. Milton chega para o jantar de Vitória como o convidado surpresa de Teodoro. Eunice fica radiante com a notícia da condenação de Pedro. Samuel se apresenta a Pedro na casa de custódia. Marina pede para visitar Pedro com Raul. Irene acusa Marina pelo acidente do primo. Isidoro repreende Ismael por fumar dentro de casa.



Teodoro expulsa Marlene da casa de Vitória, depois de flagrá-la beijando o garçom. Natalie entra com Vicente na boate e eles fingem estar namorando para se promover. Nelson apresenta Natalie para Wagner. Teodoro diz a Oscar que vai contratar um motorista. Natalie chega em casa frustrada com a festa na boate.

Alice diz a Carol que André precisa saber de sua gravidez. Como o número de visitantes é limitado, Léo cede para Marina a sua vez de visitar Pedro e ela fica agradecida. Natalie consegue sair no jornal. André volta de viagem e procura Carol.

FOXlife Segundas, 22h15

Sábado, 21h25

7.ª TEMPORADA DE

DONAS DE CASA DESPERADAS



ESPECIAL 4.ª TEMPORADA DE

IRMÃOS E IRMÃS

Para antecipar a estreia da quinta temporada de 'Irmãos e Irmãs' no dia 01 de Março, a FOX Life prepara um especial para o fim-de-semana de 26 de Fevereiro com os últimos episódios da quarta temporada desta série dramática.

No episódio 'Love All', a família Walker parece estar a passar por uma período de adaptação, ao mesmo tempo que Cooper (Maxwell Perry Cotton) tem态itudes contra Sarah (Rachel Griffiths) e Luc (Gilles Marini) torna-se num membro da família. Entretanto, Justin (Dave Annable) tem problemas em encontrar a mesma paixão que tinha pela medicina de quando estava a fazer serviço no Iraque e Kevin (Matthew Rhys) batalha com a sua nova situação de desemprego.

Em 'Lights Out', os Walker estão de coração desfeito enquanto se preparam para fechar as portas da Ojai Foods para sempre, mas novas oportunidades e alianças secretas desenvolvem-se como resultado desta perda para a família.

No último episódio da quarta temporada, 'On the Road Again', enquanto os Walker tentam ultrapassar a tristeza e a ruína financeira resultado do encerramento da Ojai Foods, eles descobrem um pequeno raio de esperança num dos muitos investimentos secretos de William Walker (Tom Skerritt). Entretanto, a saúde de Robert (Rob Lowe) e a segurança da sua família estão comprometidas quando ele se vê numa posição difícil por causa de um contrato de negócios. Os recém-casados Justin e Rebecca (Emily VanCamp) consideram um divórcio no tribunal.



Publicidade

CONCERTO

MUKHAMBIRA PROJECT

CONTINUIDADE E MUDANÇAS / MUDANÇAS E CONTINUIDADE

LUKA MUKHAVELE

Nuelma e Dulce Muhati: Coros
Coro
Filipinho: Contrabaixo e Baixo electric
Percussão
Amminadab Jean: Violino, Mbira,
Trompete
Elcides Cabral: Guitarra
João Cabral: Guitarra
Pedro: Percussão
Genito: Xilofone
Laurent Roquier: Trompete

CONVIDADOS

Centro Cultural Franco Moçambicano
24 FEBRUARY 2011
250MT | 200€ 27anos | Membro CCFM

Centre Culturel Franco-Mozambique
www.ccfmz.com

FESTIVAL MOZAMBIQUE EN MUSIQUE



STEWART SUKUMA & BANDA NKHUVU

GRAVACAO DVD AO VIVO

SEXTO 23 DE MARÇO DE 2011
CENTRO CULTURAL FRANCO MOÇAMBICANO
ENTRADA 200MT MENOS 27 ANOS

Centre Culturel Franco-Mozambique
www.ccfmz.com



Um blogue em Cuba pela liberdade

Entrevista com Yoani Sánchez, cubana que relata no seu blogue a realidade de Cuba. Ficámos a saber como foi o seu passado e como é o seu presente.

Texto: Anabela Mota Ribeiro / Seleções do Readers Digest • Foto: Yoani Sánchez



Encontrámo-nos no Parque Central, junto ao Capitólio. Parti para o encontro com a tensão de quem não sabe o que esperar. Supunha que Yoani Sánchez fosse aquela que aparece no seu blogue, Generation Y (www.desdecuba.com/generationy). Mas tudo o mais era uma incógnita. Estariam pessoas a segui-la? Simplesmente, eu tinha mandado um e-mail uns dias antes para o endereço que constava no blogue. Ela tinha respondido três ou quatro dias mais tarde (explicou depois que só uma ou duas vezes por semana tem acesso ao e-mail). Apontámos aquela data. Era um sábado, hora do almoço.

Seguimos dali para o Hotel Sevilha, o espaço onde o personagem principal de Graham Greene foi recrutado para os Serviços Secretos Britânicos, na ficção de 1958 "O Nossos Agente em Havana". Era um espaço que ambas conhecímos. Ela conhecia a sala térrea, eu já tinha assistido a um pôr-do-sol na sala do último piso. Pensando bem, não era tão estranho assim que ela não conhecesse aquele espaço luminoso que oferece uma vista fabulosa sobre a cidade. O acesso dos cubanos a hotéis frequentados por turistas é recente. No caminho, eu disse-lhe que levava 11 dias de Havana e que não conseguia

compreender aquele mundo. «Eu também não», respondeu.

«O meu blogue é um resultado dessa observação minuciosa sobre a minha realidade. Depois de 14 anos a trabalhar como professora de Espanhol freelance e guia de cidades, tive de responder centenas de vezes às mesmas perguntas: "Como é o sistema monetário?" "Como funciona isto?" A necessidade constante de ter que analisar a nossa sociedade e explicá-la a alguém que não a conhece ajudou-me muito.»

Yoani Sánchez tem 33 anos. Ela é pequena, franzina e tem a pele cansada de quem já viveu muito. Tem um discurso emotivo, exprime-se com rigor. É a cubana que desafia o regime com um blogue que recebe cerca de 5 milhões de acessos por mês e que está traduzido em 13 línguas. O ano passado foi-lhe atribuído o Prémio Ortega y Gasset, que não pôde receber. Em 2008, a Time considerou-a uma das 100 pessoas mais influentes do Mundo. Sobre o seu passado e o modo como o viveu, sobre quem é e o que a fez ser como é, fala-se a seguir.

Anabela Mota Ribeiro (AMR) - Começaram-se os 50 anos da revolução. Qual foi o primeiro relato que teve dela?

Yoani Sánchez (YS) - Foi através dos meus pais, que são pessoas muito jovens (a minha mãe tem 52 anos, e o meu pai 55). Nasceram apenas um par de anos antes da revolução. E através dos meus avós, imigrantes espanhóis, que tiveram uma visão um pouco crítica da chegada dos «barbudos» a Havana. Tinham ultrapassado os 50 anos quando triunfou a revolução, e não sentiam aquela euforia da juventude; tinham vivido um processo de guerra civil em Espanha e tinham medo da violência social. A minha avó e o meu avô, católicos, foram muito afectados com a chegada do ateísmo, do materialismo dialéctico.

AMR - Vivia com os seus avós e os seus pais?

YS - Sim. Vivi uma tensão muito peculiar entre os meus pais, totalmente emocionados com o processo, e os

meus avós, que pouco a pouco se foram conformando. Foi uma situação típica da minha geração: ter escutado as defesas vivas dos nossos pais e as críticas veladas dos nossos avós.

AMR - Como era a sua casa? E como era veiculada esta ideia da revolução? Falava-se de tudo à mesa?

YS - Venho de uma família muito pobre e de formação escolar baixa. A minha avó lavava e passava para fora, a minha mãe esteve anos sem trabalhar, até que finalmente trabalhou num escritório de táxis; o meu pai e toda a sua família eram trabalhadores ferroviários. Debatia-se muito pouco, não se falava à mesa sobre o rumo do país, não se criticava. Mas os meus pais foram absorvidos pelo tema da revolução. O meu pai foi militante do Partido Comunista até quase à crise económica dos anos 90, quando decidiu não continuar. A minha mãe foi da União de Jovens Comunistas. O fanatismo estava praticamente em toda a sociedade, ouvia-se nos patios das escolas,

nas manifestações, nas ruas ... Mas não havia uma base ideológica para o explicar. Eles não me explicaram: impuseram-me.

AMR - Viveram sempre em Havana?

YS - Nasci no centro de Havana, num pequeno bairro que se chama Cayo Hueso. Para mim, é a verdadeira Havana, porque é um bairro popular, humilde, onde vive o maior número de habitantes por metro quadrado; há muita população negra.

AMR - A vida dos seus pais mudou com a revolução? O encantamento vem daí?

YS - Não posso dizer que foram dessas pessoas que estudaram graças à revolução ... A minha mãe só chegou ao sexto grau ...

AMR - Porquê?

YS - Porque não tinha realmente um

interesse em estudar. O meu pai tinha um trabalho manual e foi fazendo um contacto, através do trabalho, com os livros: começou por colocar os pregos nos carris de ferro e acabou a conduzir uma locomotiva. Eram pessoas humildes e continuaram a ser, mas ficaram fascinados com a ideia de dar um futuro aos seus filhos. Sacrificaram-se muito, não pensando em si próprios, mas no que eu e a minha irmã iríamos desfrutar. Daí que a desilusão tenha chegado quando nos anos 90, depois de tantos anos a empregar tempo, energia e talento num projecto social, os seus filhos estavam a atravessar uma crise económica e uma crise de valores. Aquela sociedade do futuro não chegava.

AMR - Disse que esta ilusão lhe foi imposta. O que é, aparentemente, uma contradição: a ilusão não é uma coisa que se imponha.

YS - Não devia ser. Nasci em 1975, o ano do primeiro congresso do partido, um ano muito soviéticoizado em Cuba.

O subsídio soviético tinha estimulado a economia cubana, desde que em 70 havia fracassado uma grande plantação de cana-de-açúcar (que em teoria iria ser a salvação do país e que significalo a ruína económica). Não cheguei a ver nem barbudos nem jovens rebeldes. Vi funcionários, purgas políticas e ideológicas e a constante referência a uma utopia, a uma ilusão futura.

AMR - E passada?

YS - Passada ... Havia muita epopeia, referências aos heróis, aos mártires, às situações da Sierra Maestra, do Cuartel Moncada, mas era uma sociedade que se projectava sobretudo para esse futuro luminoso, um futuro comunista de igualdade para todos. Nós, os miúdos e miúdas da minha idade, imaginávamo-nos que, chegado o ano 2000, não iríamos necessitar de dinheiro para comprar coisas, porque toda a gente já teria aquilo de que necessitava. Os olhos estavam postos no futuro, e graças a isso suportávamo-nos as necessidades materiais.

DESTAQUE I

COMENTE POR SMS 821115



@yoanisanchez
Yoani Sánchez
#cuba #GY Parece que han detenido a @antuneczuba en Placetas su móvil dice que está apagado y su último tweet fue de SOS

AMR - Anos de racionamento?

YS - No ano em que nasci, fora do mercado rationado só se podia comprar o jornal e o bilhete de autocarro. Tudo o resto estava totalmente limitado. Mas as pessoas tinham o consolo de que não importava o sacrifício material se em breve iria existir um futuro com prosperidade para todos.

AMR - Até à crise dos anos 90, havia uma memória gloriosa dos anos 60 subsequentes à revolução? Do analfabetismo, que tinha sido extinto num ano, do acesso à saúde, da vitória sobre os americanos na baía dos Porcos.

YS - Claro está que a imprensa, as rádios, a televisão, constantemente nos mostravam a reforma agrária, a alfabetização. Os meios oficiais tinham uma intenção de glorificar esses anos. Os participantes directos da revolução sentiam-se muito orgulhosos de ter participado neste processo. O meu marido, por exemplo, foi alfabetizado. Durante muito tempo sentiu-se muito orgulhoso e feliz por ter ensinado a ler e a escrever um grupo de camponeses; até que lhe ocorreu a grande pergunta: «Ensinei-lhes a ler, e agora que livros podem ler?» Havia um desencanto latente, subterrâneo, muito ligeiro. As pessoas começavam a compreender que não era isto que havia sido proposto no ano de 1959. Havia deserções nas próprias fileiras dos rebeldes, já tinham sido fuziladas muitas pessoas. Começava a desfazer-se a maquilhagem da utopia.

AMR - O seu marido tem 62 anos. O relato que faz da revolução é diferente, na sua vida, do dos seus pais e avós.

YS - O meu marido é uma pessoa que vem de uma família da classe média. Não era desses que foram resgatados de um futuro sem educação; teria estudado na universidade, quer houvesse ou não revolução, porque o seu pai tinha meios económicos para financiá-lo. Participou em inúmeros trabalhos voluntários ...

AMR - Participou porque entendia que era uma questão de responsabilidade social.

YS - Exactamente. O pai, que pertencia à burguesia de Camagüey, entregou voluntariamente o seu colégio: não lhe foi confiscado. Sentiu-se muito feliz por se libertar do peso da ditadura de Batista, identificou-se com um sentimento geral de alívio perante o fim de um episódio muito triste na história cubana. O meu marido ligou-se ao jornalismo, que era o que sempre tinha sonhado fazer, e começou a escrever na revista Cuba Internacional. E aí começou a desilusão.

AMR - Como assim?

YS - Quando começou a comprovar que não podia escrever realmente o que lhe ocorria, os planos de produção que não se cumpriam, as insatisfações, os projectos sociais que, no final e na prática, não funcionavam. Não podia escrever isto porque se tratava de projectar para o mundo exterior uma ideia de paraíso socialista. Foi expulso da profissão no ano de 1988.

AMR - Há 20 anos que é proscrito pelo regime?

YS - Há 20 anos que está proibido de publicar em qualquer jornal de Cuba. Conto-lhe isto porque é algo que marca a minha geração: ter visto, como testemunha, o processo de frustração e

de desilusão dos nossos pais. É como uma vacina contra a utopia. Se me deixo arrastar por uma utopia, fico como o meu pai e a minha mãe ...

AMR - A crise dos anos 90, com a derrocada da União Soviética, foi uma explosão derradeira em Cuba? A semente da frustração já lá estava?

YS - Penso que os problemas económicos dos anos 90 foram um catalisador, aceleraram o processo de frustração, mas ela já lá estava. Num diálogo em que a pessoa pode abrir-se sem medo nas ruas, muitos cubanos acreditam que a revolução morreu. Consideram que isso aconteceu em momentos diferentes.

AMR - Em que momento isso aconteceu para o seu marido?

YS - No ano de 1968. Pareceu-lhe intolerável que Fidel Castro aplaudisse a entrada dos tanques soviéticos em Praga. Era David contra Golias; tinha que apoiar David, não Golias! Outras pessoas pensam que a revolução morreu em 1989.

AMR - Com a queda do Muro [de Berlim]?

YS - Quando se deu uma purga militar e se fuzilou o general Arnaldo Ochoa por tráfico de estupefacientes. Tinha sido um dos chefes militares mais importantes na missão de Cuba em Angola. Fez-se um julgamento público, transmitido pela televisão, que muitas pessoas viram em casa. Arnaldo Ochoa era uma figura muito carismática. A sentença foi fuzilamento. Este grau de crueldade do Governo as pessoas não esperavam. Os meus pais desiludiram-se nesse momento. Logo de seguida, veio a crise económica, que foi um remate da situação. Outros não se sentiram desiludidos até Março de 2003, quando o Governo cubano encarcerou 75 opositores e fuzilou três jovens que queriam emigrar e roubaram um barco para o fazer. Outros nunca se sentiram desiludidos.

AMR - Que relato recebeu o seu filho da revolução? Porque é outra geração ...

YS - Tenho um filho de 13 anos, chama-se Teo.

AMR - Como deus ...

YS - Exactamente. Teo é um menino muito inteligente – todos os pais dizem o mesmo dos seus filhos. Tentei não lhe impor nenhuma ideologia, nenhum relato. Deixei que ele próprio chegasse às suas conclusões. É uma geração muito apática, que recebe na escola uma dose de doutrina muito elevada ...

AMR - Mais que a sua?

YS - Mais que a minha. E o efeito é contrário. São apolíticos. Recebe a minha óptica, que nasci em 1975, e a do pai. Não posso dizer que eu tenha acreditado; tive uma infância como a maioria das pessoas da minha idade, gritando slogans: «Pioneiros pelo comunismo, seremos como El Che!». Quando pude abrir os olhos, ter uma consciência política, o Muro de Berlim já tinha caído, a União Soviética já se tinha dissolvido, os problemas materiais eram grandes. O meu filho tem a liberdade de acreditar ou não, para mim é igual.

AMR - Que diz ele das comemorações

dos 50 anos da revolução?

YS - Não diz nada. Em Cuba, temos uma palavra, cheio. São as pessoas que não estão na moda. Para a geração do meu filho, o tema da revolução é uma coisa cheia, fora de moda. Eles não falam sobre isso entre si. Quando têm oportunidade de falar do que realmente querem, falam de moda, de desenhos animados japoneses, de gameboy ou playstation, das mesmas coisas que quaisquer jovens em qualquer parte do Mundo.

AMR - Como foi o seu processo de escolarização?

YS - As mães podiam enviar os filhos com 45 dias para o círculo infantil. Era uma época em que se falava na emancipação da mulher, da sua incorporação no mercado de trabalho. Como vivia com a minha avó, a minha mãe não teve necessidade de me enviar tão pequena para o círculo e fiquei com ela até fazer três anos. Com cinco anos, os meninos em Cuba entram para o pré-escolar, que dura um ano. Estive numa primária que se chamava República Popular da China e depois fui para a escola secundária Protesta de Baraguá (que é um feito histórico cubano). Quando acabei, fui automaticamente para o pré-universitário no campo.

AMR - Foi para fora de Havana, para a paisagem rural?

YS - Sim. O conceito é: os jovens estudam e trabalham, misturam conhecimento com produtividade. Estudam de manhã e trabalham no campo em agricultura à tarde (ou trabalham de manhã e estudam à tarde).

AMR - Vivem em centros pré-universitários, como um campus, ou com as populações?

YS - Vivem em grandes albergues onde cada um tem a sua cama, e não há quartos. Esta teoria tão bonita nos livros, na prática era totalmente diferente. Para os adolescentes é a oportunidade de provarem todos os frutos proibidos da liberdade. Estas escolas no campo convertem-se em sítios onde há muita promiscuidade, onde as pessoas se misturam e transferem doenças性ais – tal como se fosse um pente ... Por outro lado, as pessoas importam-se muito pouco com o estudo, estão mais interessadas em conquistar, em arranjar namorados ou namoradas.

AMR - Porque é que essa experiência foi marcante para si?

YS - Ali, pela primeira vez, entendi a enorme distância que havia entre o projecto e a realidade. Fui para o pré-universitário iludida com a ideia de trabalhar e estudar e, quando lá cheguei, era praticamente uma prisão, numa escala mais pequena, onde reinava a lei do mais forte.

AMR - O mais forte em termos físicos?

YS - Em termos físicos. O mais forte cria um grupo, e este grupo extorque os outros. Por exemplo, levava um sabonete de casa, o grupo mais forte tirava-me o sabonete e eu não podia fazer nada, não havia a quem denunciar. Imperavam relações muito torcidas, havia muitos roubos. Entrei no pré-universitário em 1990, que foi um ano crítico economicamente. A falta de alimentos gerava muita competição. Estive lá dois anos e meio. Até que fiquei muito doente, da vista e do fígado.

AMR - Porquê?



YS - Falta de alimentação. Não havia nada que comer, comíamos muito açúcar, bolachas, couves. Graças a essa doença, pude ter um certificado médico que me deu a possibilidade de estudar num pré-universitário em Havana. Era outro mundo. No pré-universitário em Havana, estudavam os filhos dos altos funcionários, que não queriam ir para o campo: na utopia do trabalho e estudo só acreditávamos nós! Eles não!

AMR - Nós?

YS - Os pobres. As relações eram mais juvenis, ouvia-se música, pensava-se noutras coisas, e não na sobrevivência. Eu vinha de um pré-universitário no campo, o meu nível académico era muito baixo.

AMR - Era a queda de outra ideia, a de que a escolaridade é igual para todos?

YS - É mais do que isso: professor nenhum quer reprovar um aluno, porque assim a promoção do grupo e da escola é afectada. Há pessoas com a classificação máxima, 100, 100, 100, mas não sabem nada. Foi isso que aconteceu comigo. Quando cheguei a Havana, o meu nível era muito mais baixo, e nos exames de Matemática falhei. Não pude estudar jornalismo. Fui parar à lixeira da universidade, o Instituto Pedagógico, para onde vão os que obtêm as piores classificações. Estudei muito durante dois anos para tirar melhores notas e ter direito a uma transferência interna. Tive o meu filho nessa altura, o que complicou as coisas. Tentei a transferência para a especialidade de Filologia, já não queria ser jornalista.

AMR - Porque decidiu ter um bebé com 19 anos?

YS - Queria ser mãe jovem. Há um nível de cumplicidade e proximidade geracional muito grande.

AMR - O encontro com o seu marido mudou a sua vida?

YS - Alargou muito os meus horizontes. Sempre gostei de literatura, sentia-me estranha no seio da minha família. A minha irmã e eu, como na infância não fazímos muitas coisas fora, líamos Dostoevski, praticamente todo, até aos 15 anos, Guerra e Paz, os clássicos, Victor Hugo, Honoré de Balzac, Émile Zola.

AMR - Eram leituras consentidas?

YS - Eram leituras permitidas. Sou uma filha das minhas leituras. Os li-

vros abriram portas que a minha vida e a minha família não me podiam abrir. Dostoevski foi um dos autores que me inocularam com insatisfação. E isso é muito importante, porque estar vegetando, aceitar tudo sem questionar nada, empobrece a vida.

AMR - Não apanhou com resquícios do catolicismo?

YS - A minha avó, às escondidas do meu pai, ensinou-me valores cristãos, transmitiu-me tradições como a dos reis magos, o Natal, a ressurreição. Sou fruto também disto. Surpreende-me muito que haja pessoas que possam viver sem ter a mínima responsabilidade sobre o que se passa no país. Eu não me sinto vítima do que se passou conigo, eu sinto-me responsável; e sou.

AMR - Responsável por quê?

YS - Sou responsável por ter calado, sou responsável por ter aplaudido, sou responsável por não me ter revoltado a tempo. Carrego toda essa responsabilidade, não como uma cruz, mas com o sentimento de ter que fazer mais, de não poder ficar de braços cruzados.

AMR - Sobre a moral: há muitos jovens que nas ruas se tocam de um modo sexualmente muito explícito. Qual é o lugar do corpo, do prazer e do sexo, nesta sociedade?

YS - Imagine que o desejo e o prazer são como um grande lugar onde se acumulou água de maneira artificial e há uma comporta ... Esses diques da moral foram dinamitados um a um com o processo revolucionário, que estigmatizou a moral católica e a moral pequeno-burguesa. O casamento caiu em desgraça – assinar um papel para quê? As grandes mobilizações militares e agrícolas, que uniam homens e mulheres em acampamentos, também geraram este intercâmbio sexual. A virgindade foi estigmatizada, as mulheres passaram a ter experiências sexuais desde muito jovens. O aborto deixou de ter uma conotação satânica. Tudo isto contribuiu, com os pré-universitários no campo, para potenciar o fenômeno da sexualidade. A falta de liberdade noutros aspectos da vida, e simultaneamente a liberalização do tema do erotismo, fez que o indivíduo, incapaz de se pronunciar publicamente sobre os seus direitos, voltasse todas essas necessidades para a sexualidade.

AMR - Qual é a idade com que normalmente se inicia a vida sexual em Cuba?

YS - Dezasseis anos já é muito tarde.



DESLUMBRANTE

COMENTARISTAS 821115

Rapazes e raparigas. Diria que, em média, é entre os 14, 15, 13 anos. A maioridade, legalmente, é aos 16 anos. Portanto, se vir uma miúda de 17 anos a passear com um turista, já não pode ser considerado prostituição infantil. Os cubanos têm uma expressão muito erótica ... O clima, a cultura e a música potenciam tudo isto.

AMR - Sobre Havana, de forma bem visível, paira o fantasma da prostituição infantil.

YS - Antes da revolução, havia prostituição, claro, mas a maioria dos clientes era composta por cubanos. Agora, a maioria dos clientes é constituída por estrangeiros. O que mais mudou é o seguinte: antes da revolução, a profissão de prostituta tinha associado um estigma social, uma recriminação moral. Agora, há uma grande aceitação. Não falo em aceitação da prostituição como actividade normal – acho que deveriam ter um sindicato e direitos perante a lei. Mas não alarmá um pai ou uma mãe que a sua filha possa ser prostituta! Inclusivamente há pais que estimulam as filhas a ter relações com um italiano, um belga ou um alemão porque isso trará benefícios económicos para toda a família.

AMR - Diz no seu blogue que decidiu dar aulas de Espanhol a turistas como forma de ganhar dinheiro. Qual tem sido o papel do dinheiro na sua vida?

YS - Vivo há 15 anos numa esquizofrenia monetária! Desde que se autorizou a circulação do dólar em Cuba e o peso se converteu em peso convertível [moeda cuja cotação está entre o dólar e o euro], os cubanos vivem amarrados a um sistema monetário muito difícil de sustentar. Quando terminei a universidade, fui trabalhar para uma editora oficial; ao fim de um ano, comprehendi que aquele salário nunca ia chegar para poder manter a minha família. Para me deslocar até ao local de trabalho e regressar a casa, precisava de um pouco mais do que o meu salário mensal! Eu custeava o meu trabalho. Perante este absurdo, optei por uma vida de freelance, uma vida com riscos.

AMR - Não tem quaisquer regalias?

YS - Não tenho Segurança Social, não tenho pensão de velhice, mas sou livre! Eu e o meu marido começámos a dar aulas de Espanhol para alemães. Quanto à realidade monetária, trato de manter-me economicamente autónoma do Estado – essa é a minha prioridade. Não sou uma pessoa consumista, isso ajuda-me. Todos aqueles que passámos pela profunda crise dos anos 90 saímos com duas possibilidades: ou o apetite pelo consumo ou uma protecção um pouco à maneira de Ghandi, de saber que posso viver com muito pouco.

AMR - Vive com muito pouco.

YS - Só tenho uma pequena fraqueza: a Internet! A tecnologia. E nisso concentro todos os meus recursos. Às vezes, encontro dois turistas na mesma semana, outras vezes passam-se meses sem encontrar ninguém. Essas flutuações na minha vida económica marcam tudo o resto. Quando não tenho trabalho, fico em casa a ler, a escrever e consumo com baixa intensidade. A maioria dos cubanos vive de desviar recursos do seu centro de trabalho. Para poder lançar esta pedra, eu não roubo ao Estado.

AMR - Desviar recursos pode ser desarranjar uma lâmpada no escritório...

YS - Um frango, óleo, papel. Qualquer coisa que possa depois vender no mercado negro e converter em dinheiro para comprar outras coisas.

AMR - Em Havana, não se pode entrar num supermercado ou centro comercial com uma mala de senhora. Uma garrafa de azeite ou um pacote de bolachas podem significar muitas outras coisas, são uma moeda de troca.

YS - Se roubam um pacote de bolachas numa loja, é porque sabem que nunca poderão comprá-lo e têm vontade de o comer. Acho que a ideia de não levar a mala não é tanto porque possa ser roubada: é porque o Estado não confia na sociedade que formou. Se o próprio Estado não confia nos valores

morais e éticos que transmitiu aos seus cidadãos, esta é a chave de tudo. Enquanto não houver uma imprensa livre que possa denunciar a corrupção, não sabemos nada. Mais do que um Estado corrupto, temos um estado monopolizado.

AMR - A degradação da cidade é imensa. A maior parte das casas tem saneamento, água e luz?

YS - Electricidade praticamente todas. Em Havana Vieja, a canalização é muito má. A maioria das casas tem que pagar para que venha um camião de água para poderem ser abastecidas. Na periferia, há bairros em muito más condições, com casas praticamente de cartão, que obviamente nunca saem nos jornais porque nenhum jornalista está autorizado a reportar isso, nem um correspondente estrangeiro está autorizado a entrar nessa zona. É quase como se não existissem.

AMR - Falemos sobre a sua vida no dia-a-dia. A casa onde vive é paga por si?

YS - A minha geração é uma geração sem casa; muitos estamos à espera de que os nossos pais ou avós morram para que possamos herdá-las. O meu marido, como jornalista, teve a oportunidade de construir com um grupo de pessoas um edifício nos anos do subsídio soviético. Pagou esse apartamento durante 20 anos, até que teve um título de propriedade. Eu desfruto da sua casa.

AMR - Faz compras com CUC's [pesos convertíveis, a moeda usada por estrangeiros] ou nos supermercados dos cubanos com a caderneta de rationamento e pesos cubanos?

YS - As duas coisas. Nós, os cubanos, temos que pensar diariamente e organizar-nos para sabermos em que lugar comprar. Sem CUC's, praticamente não se pode viver. Produtos como sabonete, champô ou azeite são em pesos convertíveis. O mercado rationado tem quantidades muito simbólicas, muito pouca variedade. Arroz, açúcar, um pouco de café, um quilo de frango por mês, quem sabe um pouco

de esparguete. Não se pode alimentar com isso! Depois de um ano, teria uma doença derivada das deficiências proteicas.

AMR - Diz-se que aqui não há fome: há sempre arroz e feijão.

YS - O arroz, o feijão e o açúcar do mercado rationado chegam-nos para duas semanas. Nas duas semanas seguintes, tem de ir ao mercado negro, ao mercado agrícola livre ou ao mercado de pesos convertíveis. Há sempre algo que apoia esse rationamento: pode ser uma família de Miami que manda uma remessa mensal, pode ser um negócio ilícito como o meu, uma profissão paralela. Mas uma pessoa que vista unicamente a roupa do mercado rationado industrial dos anos 80, porque não se fez mais, que só coma arroz e açúcar, que não use champô, não conheço nenhuma. Ninguém morre de fome porque se faz um monte de coisas ilegais!

AMR - Que tipo de coisas?

YS - Todos os miúdos têm sapatos, mas nenhum daqueles pares de sapatos foi comprado com um salário. Os sapatos custam 10 CUC's, que podem equivaler a três quartos de um salário mensal. O Estado gaba-se dessa conquista, mas é uma conquista nossa, pois encontrámos os caminhos paralelos.

AMR - Viveu na Suíça durante dois anos. Porque decidiu emigrar, e porquê a Suíça?

YS - A Suíça não foi uma escolha, foi uma possibilidade que surgiu. Interessava-me a literatura e a cultura alemãs, comecei a estudar alemão sozinha, e isso fez-me entrar em contacto com alemães na Alemanha e na Suíça.

AMR - Porque decidiu voltar?

YS - Por motivos familiares. Por um lado, o meu marido nunca pôde sair de Cuba. O meu marido, o meu amor, o Reinaldo, não podia sair. Uma pessoa que tem um bem [a casa] e sai, após seis meses tem os seus bens confiscados. Ponderei sobre o que era mais importante e decidi que não me queria separar dele. Por outro lado, o meu pai adoeceu gravemente. A minha família é muito pequena; era um drama que eles não podiam enfrentar sozinhos ... Sofria de cada vez que me sentava em frente a um prato de comida: «Eu posso comer, posso viajar, e a minha família em Cuba não.»

AMR - Vinha por outra razão?

YS - Uma vez que decidi regressar, decidi que não vinha para o mesmo ponto: a simulação, o silêncio.

AMR - Com o seu blogue, tem a ilusão de que pode mudar coisas?

YS - Sim. Essa ilusão não está na origem do blogue. Era um grito solitário, um exorcismo pessoal. Se encontrou outros que tinham os mesmos demônios, foi por acidente, não houve premeditação.

AMR - Quando lhe foi atribuído o Prêmio Ortega y Gasset, ou quando a revista Time a elegera como uma das 100 pessoas mais influentes do Mundo, isso quer dizer que a sua voz tem peso. Que consciência tem disso?

YS - Há pessoas que me dizem que me tornei mais crítica, mas se ler os textos iniciais, verá que eram bastante corrosivos desta ilusão de paraíso.

Também não me tornei panfletária. Nunca escrevi a palavra Democracia no meu blogue, mas é um canto à Democracia. Nunca escrevi a palavra Liberdade, mas é um canto à Liberdade. Dou-me conta de que as minhas palavras podem ter influência, por isso não quero influir nos ódios nem nos ressentimentos; quero influir na busca de uma Cuba inclusiva. Sei que tenho responsabilidade, portanto certifico-me de que não corto pontes, mas tento criá-las. Nisso mudou.

AMR - Por que motivo pensa que o sistema a tolera?

YS - Mais do que tolerar-me, aprendem a viver comigo e com outras pessoas que escrevem blogues. Sou talvez pioneira em mostrar o meu rosto e o meu nome quando dou a minha opinião. Com a tecnologia e a Internet, o Governo já não tem o monopólio informativo. No meu caso particular – e eu detesto o papel de vítima –, o blogue tem um custo pessoal elevado: foi-me negada a permissão de sair do país em duas ocasiões; tornei-me uma pessoa radioactiva ...

AMR - Radioactiva?

YS - Quando em torno de uma pessoa se cria um círculo, as outras temem em aproximar-se para não se contagiem com essa radioactividade. A minha família foi advertida e os meus amigos para que me dissuadissem. Sou centro de campanhas de difamação.

AMR - Tem acesso permanente à Internet?

YS - Não! Os cubanos não podem ter ligação à Internet em casa, só os altos funcionários e os estrangeiros que residem em Cuba [podem]. Vou a um hotel com uma pen, ligo-me e envio as minhas mensagens. Desde Março, o Governo impedi o acesso ao meu blogue dentro da ilha. Não posso administrá-lo directamente. Mando os textos e fotografias a amigos que os publicam, depois compilam os comentários e enviam-mos por e-mail; eu faço download, levo para casa e leio. Ligo-me uma ou duas vezes por semana.

AMR - Está sob vigilância? Lêem a correspondência?

YS - Sim, sim. Mas mais riscos é impossível. A minha grande arma é a visibilidade: eu não tenho nada que esconder.

AMR - Tem medo?

YS - Claro que tenho, sobretudo pela minha família. Não tenho tanto medo da prisão. É a última coisa que podem fazer. Tenho medo da destruição agressiva que podem fazer da minha pessoa. Podem destruir-me com campanhas de difamação, fazendo crer aos outros que sou aquilo que não sou. Mas, no final, as pessoas conseguirão retirar a essência das coisas.

AMR - Futuro é uma palavra central desde sempre na sua vida. E agora, o que é o futuro?

YS - Se chegar agora, melhor. Há uma frase que foi muito usada por Fidel Castro: «Um mundo melhor é possível.» Eu gosto mais de: «Um mundo possível é melhor.» Um futuro possível, um futuro que chegue agora, um futuro que eu possa tocar com as minhas mãos. Que não seja uma quimera do amanhã.



MUNDO

COMENTE POR SMS 821115

flash ACOMPANHE AS NOTÍCIAS TODOS OS DIAS EM **verdade.co.mz**



AMÉRICA DO NORTE

O Wisconsin vive a sua revolta popular



Não têm faltado comparações entre a recente revolta popular no Egito e os protestos da última semana no estado americano do Wisconsin. Scott Walker, o governador republicano eleito em Novembro, já foi apelidado de "Mubarak do Midwest" por querer eliminar os direitos dos funcionários públicos a negocarem os termos dos seus contratos. A sua proposta é vista como o maior ataque das últimas décadas contra o sindicalismo nos Estados Unidos.

Walker, que foi apoiado pelo Tea Party nas eleições de Novembro e fez campanha prometendo resolver o défice orçamental do Wisconsin, quer que os funcionários públicos passem a descontar mais para a Segurança Social e para os seguros de saúde, aliviando a carga do governo estadual. A medida permitiria poupar cerca de 150 milhões de dólares por ano. Os líderes sindicais dizem estar dispostos a aceitar o plano.

Mas Walker também quer rever as regras da negociação colectiva: a sua proposta de lei retiraria aos sindicatos dos trabalhadores públicos o direito de discutirem condições de trabalho, benefícios ou políticas de despedimento em futuros contratos. Polícia, bombeiros e state troopers (equivalente à

GNR), cujos sindicatos apoiam Walker nas eleições, ficariam isentos desta medida. A proposta gerou intensos protestos diárias na última semana. Os sindicatos acusam Walker de querer suprimir direitos dos trabalhadores e enfraquecer um grupo - os sindicatos de funcionários públicos - que é a maior fonte de financiamento da campanha política democrata.

"Isto é uma tentativa de silenciar pessoas que discordam dele", disse o director de uma federação de sindicatos públicos ao USA Today. Para muitos, como o Nobel da Economia Paul Krugman, columista do New York Times, a proposta de Walker é um sério ataque contra direitos democráticos conquistados nos últimos 50 anos. "O que está a acontecer à volta do mundo é uma corrida para a democracia", disse um senador democrata do Wisconsin, Bob Jauch. "O que está a acontecer no Wisconsin é o fim do processo democrático."

Mas as comparações com o Egito não são um exclusivo dos democratas. Paul Ryan, congressista do Wisconsin e um dos mais poderosos elementos da nova maioria republicana no Congresso, notou: "É como se o Cairo se tivesse

mudado para Madison", a capital do Wisconsin, onde os maiores protestos têm tido lugar. Outra analogia com o Egito: no sábado houve contramanifestações, de apoiantes de Walker afectos ao Tea Party. O que está a acontecer no Wisconsin é mais do que uma questão local, porque outros estados governados por republicanos planeiam tomar medidas semelhantes. Também é uma réplica da discussão nacional que existe actualmente sobre o orçamento federal e que divide democratas (e a Casa Branca) e republicanos. O Presidente Barack Obama reagiu no final da semana passada, numa entrevista a uma televisão local, dizendo que a proposta de Walker "parece um ataque aos sindicatos".

Como no Egito, no Wisconsin também há políticos em fuga: a proposta de lei de Walker devia ter sido votada na quinta-feira, mas foi adiada depois de 14 senadores democratas terem deixado o estado, refugiando-se no vizinho Illinois, e boicotando o quórum necessário para votação. Se tivessem permanecido no Wisconsin, as autoridades policiais poderiam tê-los obrigado a comparecer na câmara do senado local. / Escrito por Público; Foto D. Hauck/Reuters



EUROPA

Islândia - Um novo referendo sobre o caminho da Europa

Dentro de dois meses, os islandeses vão poder dizer pela segunda vez se aprovam, ou não, o acordo celebrado entre o Governo nacional e o Governo do Reino Unido e da Holanda para saldar contas, depois do colapso bancário, no outono de 2008. A 20 de fevereiro, o presidente Olafur Ragnar Grimson vetou, pela segunda vez num ano, uma lei aprovada pela maioria (44 votos contra 16) do Parlamento islandês a 16 de fevereiro. Era uma lei sobre o novo acordo de reembolso por Reiquiavique de quase três milhões e 900 mil euros adiantados por Londres e Haia, no seguimento da falência do banco online Icesave. Os eleitores islandeses vão, assim,

decidir em referendo. "Será que este novo escândalo (...) irá ter consequências na candidatura islandesa à União Europeia?", interroga-se Le Soir. Se "Londres e Haia tivessem ameaçado atrasar ou bloquear a candidatura da ilha nórdica à UE", a recusa em massa (93%) dos islandeses, chamados a pronunciar-se pela primeira vez em março de 2010, não teria impedido a abertura das negociações sobre a adesão em julho". Em declarações ao diário belga, Baldur Thorhallsson, político, sublinha que sobretudo os britânicos, depois de terem feito subir o tom, "mostraram-se menos agressivos porque gostariam muito de

ter um novo aliado eurocético no seio da UE". Olafur Gylfason, director do Instituto de Sondagens, considera que os islandeses "não misturam este assunto com a questão da adesão à UE". A opinião islandesa, com efeito, evolui bastante desde a crise financeira, acrescenta Le Soir. "No meio do pânico, muita gente viu na Europa uma garantia de futuro", explica Gylfason, mas "hoje, as ideias assentaram e apenas 18% da população considera a UE credível e o destino da candidatura, que divide inclusivamente o Governo de centro-esquerda, será jogado com o dossier ultra sensível da pesca". / Escrito por Soir



ÁSIA

Tailândia - Líderes dos camisas vermelhas libertados sob caução

Sete dirigentes do movimento tailandês de protesto anti-governamental Frente Unida para a Democracia e Contra a Ditadura, foram libertados esta terça-feira sob caução, depois de nove meses de prisão por envolvimento nas manifestações ocorridas durante a Primavera do ano passado.

Os dirigentes do movimento, os chamados camisas vermelhas, são acusados de terrorismo e encontravam-se detidos desde Maio de 2010, depois de terem participado em manifestações de oposição ao poder, violentamente reprimidas pelas forças militares tailandesas.

Os manifestantes ocuparam o centro de Banguecoque entre Março e Maio para exigir a demissão do Governo, mas rapidamente foram expulsos pelo Exército tailandês. Os confrontos acabaram por provocar mais de 90 mortos e perto de 1900 feridos e a crise obrigou o primeiro ministro tailandês Abhisit Vejjajiva, a convocar eleições antecipadas.

A libertação dos camisas vermelhas foi anunciada na passada terça-feira por um juiz do Tribunal Criminal de Ban-

guecoque que, de acordo com a AFP, explicou que a decisão fora tomada com base em novas provas apresentadas pela defesa.

Esta libertação sob caução significa que os dirigentes do movimento estão interditos de sair do país e de incitar à violência, explicou o advogado dos camisas vermelhas, Narinpong Jina-pak, à Reuters. Entre os libertados estão Nattawut Saikua, Weng Tojurakarn e Kokaew Pukulthong, que participaram activamente nas manifestações anti-regime de 2010.

Na sala do tribunal, perto de 200 apoiantes dos camisas vermelhas terão acolhido a decisão judicial com gritos de alegria e as mulheres dos sete ex-prisioneiros receberam os maridos em lágrimas, segundo a AFP.

Com receio de que a libertação dos elementos chave dos camisas vermelhas leve à organização de mais protestos, o Governo tailandês decidiu prolongar por mais um mês o Acto Internacional de Segurança. Com esta medida as autoridades pretendem evitar a continuação das manifestações, tanto dos camisas vermelhas como

dos seus directos opositores, os camisas amarelas, movimento monárquico e nacionalista.

Jatuporn Prompan, líder dos camisas vermelhas e membro do Parlamento tailandês, disse estar satisfeita com a libertação dos seus companheiros mas adiantou que as manifestações não terminaram. "Estamos satisfeitos com a decisão do tribunal mas os nossos protestos não acabam aqui", declarou à Reuters. "Ainda há outros assuntos que precisam de ser tratados", acrescentou.

O analista Jacob Ramsay, do grupo Control Risks, uma consultora independente, explicou à Reuters que embora a libertação dos líderes dos camisas vermelhas possa acalmar os ânimos políticos e manter a paz durante um certo período, o movimento não pode ser visto como uma força sem influência.

Ramsay vê esta libertação como uma jogada calculada do Governo tailandês, uma concessão aos camisas vermelhas pouco tempo antes das eleições que se deverão realizar até Junho. / Escrito por Público; Foto AFP



OCEANIA

Sismo na Nova Zelândia causou 75 mortos

Pelo menos 75 pessoas morreram no sismo que esta segunda-feira abalou a cidade de Christchurch, na Nova Zelândia, segundo um balanço avançado pelo presidente da autarquia local, Bob Parker. O primeiro-ministro John Key decretou, entretanto, o estado de emergência.

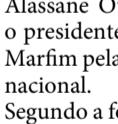
A protecção civil da Nova Zelândia já tinha identificado esta tarde 38 corpos, e o primeiro-ministro do país tinha avançado com um primeiro balanço de 65 mortes. John Hamilton, director da protecção civil, disse ao jornal neozelandês New Zealand Herald, que o número de vítimas deverá aumentar, enquanto Bob Parker confirmou que há pelo menos 300 desaparecidos.

Cerca de 120 sobreviventes foram resgatados dos destroços

causados pelo sismo, mas haverá ainda uma centena de pessoas presas nos escombros.

Durante toda a noite e madrugada várias equipas estiveram a tentar retirar pessoas dos edifícios devastados. O superintendente Russel Gibson disse à Rádio Nova Zelândia que o centro da cidade está "numa carnificina total". Segundo a chefia, foram retiradas 30 pessoas vivas durante a noite. "Algumas pessoas que tirámos não tinham sequer um arranhão", disse Gibson, mas acrescentou que foi necessário amputar os membros de outras pessoas para serem resgatadas dos destroços.

A água está cortada em cerca de 80 por cento da cidade e várias áreas continuam sem electricidade. Cerca de 950 pessoas passaram a noite em dois cen-



AMÉRICA CENTRAL / SUL

Bolívia decreta estado de emergência após inundações

O governo boliviano decretou na passada terça-feira o estado de emergência por causa das chuvas que desde o fim de semana já causaram a morte de três pessoas, deixaram outras 50 mil desabrigadas, bloquearam estradas e destruíram milhares de hectares de plantações no país.

O ministro da Defesa, Rúben Saavedra, confirmou em conferência de imprensa que as inundações e desmoronamentos

causados pelo fenômeno climático conhecido como "La Niña", afetaram a "aproximadamente 6.500 famílias" em sete dos nove departamentos (estados) do país. Os meios de comunicação bolivianos, no entanto, estimam que o número seja de 50 mil pessoas afetadas.

Duas das três vítimas fatais da enchente dos rios são argentinos que retornavam a seu país após fazer compras no município de Bermejo. O outro morto

foi arrastado pelas águas de um rio localizado na região central do país. As regiões mais atingidas foram La Paz, Cochabamba, Santa Cruz, Chuquisaca e Tarija, onde vários municípios rurais ficaram inundados, segundo dados da Defesa Civil.

Em Pando e Beni estão a ser promovidos trabalhos de prevenção para o aumento no fluxo das águas via fluviais. / Escrito por Folha de São Paulo

O leitor tem estado a acompanhar as manifestações no mundo árabe? Queremos saber a sua opinião.

Que lição tira do que aconteceu na Tunísia e no Egito e tem estado a ocorrer na Líbia? Envie-nos SMS 821115

DESTAQUE II
COMENTE POR SMS 821115

Os ventos da revolução árabe

Há três meses, ninguém poderia imaginar a magnitude da revolução que varre o mundo árabe. Como a lavagem das escadarias do Bonfim, está a arrastar ditaduras e as suas elites para os livros de história. Imprevisível, doida varrida, a revolução já derrubou os ditadores Ben Ali, na Tunísia, e Hosni Mubarak, no Egito. Tiranos que, até pouco tempo, eram tidos por sólidos como rocha. Neste instante, uma multidão luta com gritos e pedras contra as ditaduras no Bahrein, na Líbia, no Iémen, na Argélia. Tumultos também afloraram no sul do Iraque pós-ocupação americana, no Irão teocrático, no Marrocos e até no Djibuti.



A revolução chamejou como faísca na gasolina, e lançou um espectro a assombrar regimes autoritários, do Magreb à China, passando pelos governos xenófobos da Europa, pródigos em reprimir e humilhar os imigrantes. Se o pavor da classe dominante ante a revolução haitiana (1804) condicionou a história do século 19; e ante a revolução russa (1917), a do 20; quem sabe a revolução árabe (2011) não seja o evento fundador das lutas deste século.

No entanto, não faltam analistas de primeira hora, a enquadrar essa revolução sem precedentes nos seus esquemas e teorias de plantão. Em vez de tentar entender a singularidade do movimento, disputam entre si quem será o primeiro a dar-lhe a última palavra.



Por um lado, comentadores mais à direita resmungam que a revolução acabará mal. Sem alternativa organizada, o futuro da revolução estaria nas mãos dos fundamentalistas islâmicos. A Fraternidade Muçulmana, conectada ao Irão e à al-Qaeda, seria a única vanguarda activa. Portanto, a médio prazo, o único grupo capaz de suceder as ditaduras depostas. Profetizam o retrocesso em direitos humanos e em igualdade de género, bem como o fortalecimento do "terrorismo" (sic). Para eles, os muçulmanos não estariam preparados para a democracia e o islamismo teria uma tendência intrínseca e historicamente comprovada ao homem-bomba. E concluem com um falso problema: melhor uma ditadura laica "occidentalizada", do que uma teocracia à maneira aiatolá.

Por outro lado, analistas de uma esquerda nacional, herdeira do jacobinismo do século 19, igualmente



antecipam o fracasso da revolução. Adoptam a mesma razão em essência: ausência de vanguarda organizada. Por não haver um partido e um programa de esquerda como fios condutores, os revoltosos não teriam como resistir à contra-revolução. Sem "mudança estrutural", as vitórias conquistadas paulatinamente seriam diluídas, e o regime recomporia as suas bases aos bocadinhos. Muda-se tudo para não mudar nada: as novas elites e os seus representantes maquilhariam reformas, e o sistema de exploração, enfim, persistiria. O putsch militar no Egito seria sinal desse anticlímax.

Ambos os modos de analisar o tumulto falham. Escapam-lhes o mais importante: a materialidade das lutas em análise. Idealistas, vêm com modelos prontos, em vez de pinçar as relações de força e dinâmicas materiais que aconteceram. Não é que a revolução tenha ocorrido sem organização partidária ou militante coesa. É que ela só poderia ter acontecido assim, tanto que aconteceu. Que dificuldade em atribuir realidade aos acontecimentos como tais!

As pessoas que escrevem de dentro do turbilhão – quer dos media infiltrados (Al-Jazeera, Robert Fisk), quer de árabes engajados na luta (como o relato vívido do sociólogo Mohamed Bamyeh) – concordam que esta revolução fez-se e faz-se um dia após o outro. Ao deparar com desafios e ameaças, encara-as à sua maneira, sem receitas do que fazer, livros messianicos ou directivas de comités centrais. Não houve complô de seitas iluminadas, fundamentalistas ou socialistas – e foi isso que assegurou a potência do acontecimento.

Ora, com que peripécia os analistas podem apontar fraqueza no que, precisamente, tem sido a força da revolução?

Em primeiro lugar, não acreditam na multidão. Em parte, porque estão cegos à inovação, ao que de singular pulsa no Magreb e Médio Oriente. Não conseguem explicar como os revolucionários se organizam e lutam, o seu corpo político que dispensa ideologia ou bandeira unificada. Confundem formas transversais de organização com anarquia; governo imanente da multidão com desgoverno das massas. Não vêem que o saber revolucionário circula de boca em boca, alimenta-se da prática concreta, difunde-se nas redes sociais. Uma sabedoria inacabada e imperfeita, mas concreta. Os árabes aprenderam muitas coisas e não à toa, a Praça Tahir, enquanto experiência, se repete noutros lugares (a Praça Pétrola, no Bahrein). Porém, isso não cabe no noticiário, monopolizado por comentários sobre efeitos de superfície (geopolítica), com honrosas exceções (TV Al-Jazeera).

Em segundo, supervvalorizam o poder. Cacoete de ler os acontecimentos com os olhos dos vencedores, isto é, por meio da História. Assim, examinado sob a espécie do poder, supõem que o exército egípcio "deixou" a revolução acontecer. Quando, na realidade, o exército foi feito refém pela energia da multidão. E findou carreado pelo processo constituinte, inclusi-

ve amalgamando-se a ele. Se, agora, o alto comando encetar algum golpe ou manobra para defraudar o povo, a Praça Tahir está pronta para ser ocupada uma vez mais e mostrar à evidência quem manda.

Uma revolução impacta o modo de sentir das pessoas. O medo muda de lado e elas passam a perceber a fragilidade do poder. Menos que planos mirabolantes, a revolução é "sopro que abre brechas nos muros". Basta as pessoas determinarem-se a não mais participar, que a panóplia de autoridades e interditos colapsa em questão de dias. Aí as ruas inundam-se de revolta e ódio, mas também de carnaval e amor. O porvir abre-se, cada dia torna-se uma aventura, as pessoas amam-se com mais cupidez. Carpe diem político. Essa proliferação de afectos contagia as multidões noutras lugares e noutras tempos, retratizando os eventos na sua própria língua – somos todos tunisinos, egípcios!

As formas de organização, o saber-fazer da luta, a sensibilidade revolucionária, nada disso se perde. A História fecha-se às lutas, mas não a memória e o sonho. Com efeito, o tumulto revolucionário irrompe da história e mesmo contra ela. A revolução liberta as pessoas da linha histórica, da mesmice, da narrativa do poder. Desata-as de um passado e um futuro pré-definidos de fora, e instala-as como produtoras de seu tempo, um novo tempo.



Haiti 1804, Rússia 1917, Egito 2011: a mesma luta, sempre diferente. Daí o erro dos ranzinhas ao praguar que, "como das outras vezes", tudo vai terminar mal. Erram ao retroagir um juízo de valor histórico, que encerra a revolução no passado: traída, malograda, nociva. O erro está em exigir da revolução uma finalidade, um fim da História, quando ela exprime, justamente, a recusa de qualquer limite. Para o historiador das paixões tristes, nada nunca muda. Mas se nada pode acontecer, o palco está entregue à paz dos vencedores, ou seja, ao status quo.



Por tudo isso, o filósofo Gilles Deleuze advertia para não se confundir o futuro da revolução com o devir revolucionário. Pouco importa o futuro, pois a verdadeira metamorfose se dá e já se deu. A percepção mudou. Nenhuma revolução genuína discute o futuro, mas sim o recomeço aqui e agora. Quando passa a discutir o futuro, fecha-se como constituinte, e cede a vez aos usurpadores que governarão em seu nome.

É preciso ignorar os discursos lamuriantos, à direita ou à esquerda, e também os pomposos (wishful thinking), e tentar aprender com os árabes. Aprender a sua face poética, demiúrgica, a sua fagulha raiosa e o seu grande amor. Somos privilegiados. Ela potencializa os corpos e encadeia os pensamentos, que surgem espessos do frágil fio do quotidiano. Temos diante de nós uma revolução de verdade.

Text: Bruno Cava, do Outras Palavras e Universidade Nômade • Foto: Lusa

Acerca das revoluções do século 21 em África e no Médio Oriente



As revoluções egípcia e tunisina alteraram agora os cálculos políticos e as considerações sobre a política e a revolução. Não só essas revoluções transformaram a consciência do povo, mas deram origem também a um novo surto de energia criativa e tornaram-se uma escola de novas técnicas revolucionárias para o século 21. Estas energias podem ser traduzidas em inúmeras ações voltadas para transformações revolucionárias em toda a África e Médio Oriente. Não há dúvida de que as mudanças nas condições económicas que as pessoas estão a exigir não serão obtidas graças aos tipos de reforma financiados por doadores estrangeiros para promover "maior" liberdade económica. Elas só serão alcançadas se os povos elegerem novos líderes e governos com coragem para implementar políticas económicas alternativas que se concentram na abordagem das condições de vida, em oposição aos interesses dos investidores estrangeiros e das elites locais.

A revolta no Egito chegou a um ponto em que as forças contra-revolucionárias estão em desordem e não podem acompanhar o ritmo da mudança. Existe um modelo de efusão popular que se difunde da Tunísia e do Egito para todas as sociedades sob regime ditatorial em África e no Médio Oriente. A tarefa dos progressistas é celebrar as lições positivas de auto-organização e os ventos de auto-emancipação soprando através de África. Os progressistas não podem estar à margem e têm de descobrir as suas próprias formas de se mostrarem solidários para com as pessoas que estão a ser dizimadas nas ruas.

Explicamos o que estamos a aprender com algumas das características destas revoluções do século XXI. As características mais importantes que até agora destacamos são:

1. As revoluções são feitas por pessoas comuns, independentemente de partidos de vanguarda e de revolucionários autoproclamados.
2. O carácter das redes de redes sociais independentes e a sofisticação das ferramentas da revolução.
3. A liderança das pessoas comuns que se automobilizaram para a revolução.
4. A construção de uma não-violência revolucionária para autodefesa.
5. As ideias revolucionárias do povo, cujo objectivo final é ser seres humanos dignos e não robôs nem fanáticos de ditadores.

Cabe agora a nós, progressistas, apoiar e aderir a este modelo de revolução, para iniciar um salto qualitativo além do neoliberalismo, do capitalismo, do militarismo e da ditadura em África e no Médio Oriente.

DESTAKE

COMENTE POR SMS 821115

"Não sou presidente, não posso renunciar. Mas se tivesse um cargo renunciaria e esfregaria isto na vossa cara" - Muammar Khadafi na TV estatal no dia 21/02/2011

Khadafi já perdeu o leste da Líbia para a revolta popular

O líder líbio Muammar Khadafi perdeu já o leste do país, que se encontra desde quarta-feira nas mãos do movimento de revolta ao seu regime autoritário de mais de quatro décadas. As forças que permanecem leais ao regime de Trípoli concentram agora os combates no lado ocidental e todo o país parece mergulhado num caos sem lei nem ordem, a desmando de multidões armadas.

Texto: Dulce Furtado / "Público" • Foto: AFP

Com Bengasi – a cidade embrião dos protestos – e toda a província de Cyrenaica, na costa leste da Líbia, sob o controlo dos revoltosos, Khadafi tenta agora recuperar terreno na capital e asfixiar os sinais de contestação em Misurata, Sabratha e Zawiya, do lado ocidental.

Algumas das cidades do lado ocidental parecem começar a dar sinais de capitulação para a revolta, mas as estradas entre Trípoli e as fronteiras tunisina e argelina permanecem nas mãos de grupos leais a Khadafi ou entregues ao banditismo. Centenas de pessoas em fuga da violência passam a fronteira para a Tunísia com o mesmo desejo: "Que Deus os ajude", a todos quantos ficaram para trás, sitiados numa terra sem lei nem ordem.

Trípoli era esta quarta-feira uma cidade cercada por postos de controlo militares, com as ruas desertas à exceção de grupos armados pró-regime em patrulhas contínuas a intimidar os residentes aterrorizados em

sus casas. "Muitas pessoas estão a desejar que chegue gente do Leste ou que os soldados desertem, para os ajudarem", relata o correspondente da BBC em Trípoli.

Funcionários públicos e outros trabalhadores têm vindo a receber hoje mensagens escritas nos seus telemóveis, enviadas por responsáveis governamentais, instando-os a regressarem ao trabalho na capital. Mas o medo impera, e também uma nova forma de contestação a Khadafi: "Espero que as pessoas não vão trabalhar, essa pode ser a nossa maneira de protestar pacificamente. Vamos ficar em casa indefinidamente", afirmou um residente de Trípoli à BBC.

Ao fim de dez dias de convulsão no país, a Federação internacional das ligas de defesa dos Direitos Humanos actualizou em alta o balanço de mortos para 640 pessoas (275 na capital, 230 em Bengasi) – quando as autoridades líbias não reconhecem ainda mais do que uma contagem oficial de 300 mortos.



Na manhã de quarta-feira, porém, o ministro italiano dos Negócios Estrangeiros, Franco Frattini, cujo país é o principal parceiro económico da Líbia, avaliou que uma outra estimativa não oficial, a ascender dos mil mortos era "bastante

creível". De resto, um médico francês que regressou a Paris na segunda-feira vindo de Bengasi, avaliou que só naquela cidade morreram duas mil pessoas, vítimas de bombardeamentos de aviões e atiradores furtivos militares e paramilitares a man-

do de Khadafi.

"Havia snipers em todo o lado em Bengasi. Dei comigo a atirar-me para o chão nas ruas, no meio de toda aquela carnificina. Tentei reanimar um dos meus alunos, que ia comigo... uma

bala atingira-o na cabeça, saiu-lhe pela boca. Naqueles primeiros dias (da repressão aos protestos) a polícia empilhava os corpos nas ruas, para intimidar quem queria continuar a manifestar-se. Mas eles não se deixaram assustar, continuaram. Eles sabem, sentem, que ou o regime cai esta semana ou jamais cairá", descreveu o clínico, Gerard Buffet à revista francesa "Le Point".

Mas esta quarta-feira, em Bengasi celebrou-se o sucesso da revolta popular na região, de onde militares e polícias fugiram ou desertaram para o lado dos manifestantes ao longo dos últimos dias. Nas ruas são empunhadas bandeiras líbias da era pré-Khadafi – o qual chegou ao poder no golpe militar de 1969 que depôs o rei Idris – e distribuídas comida e bebidas. E, à semelhança de Bengasi, muitas outras cidades do Leste do país, desde a fronteira com o Egito até Ajdabiya – a 800 quilómetros para Leste de Trípoli – estão agora sob o controlo das forças anti-regime.

Khadafi promete morrer como um mártir

Acossado por todos os lados, o líder líbio, Muammar Khadafi, foi esta terça-feira pela segunda vez à televisão estatal. "Morrerei como um mártir" disse, prometendo limpar o país "casa por casa" e ameaçando os manifestantes com a pena de morte.

Texto: Redacção / com EFE • Foto: TV Líbia

Era a segunda aparição na televisão estatal nas últimas 24 horas, obrigado pelos protestos históricos que pedem a sua destituição do poder. Mas se na segunda-feira o "guia da revolução" se limitou a aparecer uns fugazes segundos no ecrã, sentado num carro e sob a protecção de um guarda-chuva para provar que não havia fugido para a Venezuela, esta terça-feira descarregou toda a sua artilharia de palavras num cenário onde não faltaram as tradicionais imagens anti-americanas, nem as suas grandes declarações de "guerra contra as ratazanas". Também não faltou a ira e a cólera de ditador de outrora, contra aqueles que "querem converter a Líbia num Estado islâmico, num novo Afeganistão."

Muammar Khadafi, o homem que ultimamente tem passeado amigavelmente pelo mundo ocidental, promete morrer na Líbia. "Não deixarei esta terra. Morrerei aqui como um mártir. Sou guia da revolução até ao fim, não um presidente que abandona o seu posto. Este é o meu país. Sou guerreiro beduíno transportando a glória dos líbios."

Vestido com um dos seus típicos trajes de cor castanha e munido dos seus inseparáveis óculos, Khadafi perguntou aos manifestantes: "Onde es-



tavam vocês, suas ratazanas, quando os Estados Unidos nos bombardearam durante o governo de Reagan em 1986?" Aliás, o líder líbio, numa clara tentativa de puxar pelos seus galões de grande patriota, escolheu precisamente um edifício bombardeado pela Administração Reagan para cenário do seu discurso televisivo. Khadafi colocou-se diante das ruínas daquela que em tempos foi a sua mansão em Tripoli, bombardeada pelos EUA em 1986 e que depois foi convertida numa espécie de Museu com o nome de "Casa da Resistência". Ao seu lado via-se uma escultura em for-

ma de punho gigante desfeita por um caça norte-americano.

No seu acirrado, e muitas vezes incoerente discurso, o coronel culpou os países árabes por estarem a tergiversar a sua imagem, dando igualmente uma imagem distorcida da Líbia. "Nós só estamos a reagir a provocações. Não estamos a usar a força, mas utilizá-la-ei se for necessário", afirmou negando ter ordenado os bombardeamentos que nos últimos dias fizeram mais de 300 mortos. Depois, exortou os seus fiéis "a saírem à rua para prender as ratazanas", numa alusão aos rebeldes que se

têm vindo a manifestar contra o regime, prometendo ainda "limpar a Líbia casa por casa", se os manifestantes não se renderem. Depois, já no final da sua intervenção, retirou um livro de capa verde e, abrindo-o, advertiu: "De acordo com a lei líbia, os que protestam merecem a pena de morte."

Por fim, disse não ter nada contra a elaboração de uma nova Constituição, afirmando que amanhã, se assim o desejarem, pode nascer uma "nova Jamahiriya (República)" no país. "Os líbios são livres porque o poder está nas mãos do povo", concluiu.

Ministro do Interior diz que Kadhafi vai suicidar-se

Texto: Redacção / com Agências • Foto: AFP



Abdul Fattah Yunnes, ministro do interior da Líbia, disse ter-se "juntado à revolução popular em curso" no seu país, em declarações à cadeia de televisão Al Arabiya.

Negado responsabilidades nos massacres cometidos nos últimos dias, afirmou que tinha dado ordens às suas forças para "não apontarem armas a líbios".

O antigo responsável contou que, recentemente, um ajudante de Muammar Kadhafi tinha tentado atingir o líder líbio a tiro num comício, mas que falhou o alvo e feriu outra pessoa. Disse ainda à Al Arabiya que «o regime de Kadhafi acabou», sugerindo que o dirigente não abandonará o país mas que provavelmente se suicidará.

Pilotos deixam avião despenhar-se recusando-se a bombardear Bengazi

Texto: Redacção / com Agências

Um avião da Força Aérea líbia despenhou-se perto da cidade de Ajdabiya nesta quarta-feira, depois de os pilotos se terem ejectado por se recusarem a bombardear Bengazi, cidade que tem sido o epicentro dos protestos contra o regime de Muammar Kadhafi, avança o jornal líbio Quryana.

Segundo o artigo deste jornal, o capitão Attia Abdel Salem al Abdali e o seu comandante, Ali Omar Gaddafi, saltaram de pára-quedas do caça Sukhoi-22, deixando-o despenhar-se.

O avião, que partiu de Trípoli, caiu a cerca de 160 quilómetros de Benghazi.

"Vocês conhecem alguém decente a participar nisto? São todos bêbados e drogados. São ratos, mercenários, que não representam o povo líbio" - Muammar Khadafi na TV estatal no dia 21/02/2011

DESTAQUE II

COMENTE POR SMS 821115

Khadafi e o seu aparelho de segurança vão travar esta batalha até ao fim

Texto: Margarida Santos Lopes / "Público"

Considerado um dos maiores especialistas na Líbia, Diederick Vandewalle é professor associado da Faculdade de Dartmouth (New Hampshire, EUA), e autor de vários livros, designadamente *Libya since Independence: Oil and State-building* e *Qaddafi's Libya (1969-1994)*. Esta entrevista concedeu-a pelo telefone.

Como avalia a actual situação na Líbia?

Diederick Vandewalle (DV) - A situação tornou-se insustentável. Neste momento, prevalece a incerteza, porque este é um regime muito obstinado e determinado a manter-se no poder. Há muitas questões em aberto. Se Khadafi não cair, terá de reconquistar a parte oriental do país porque já não a controla. Para já, os manifestantes parecem estar em vantagem. Porque tem havido numerosas deserções, sobretudo nas missões diplomáticas líbias. Não sei por quanto tempo Khadafi e o seu aparelho de segurança vão aguentar este tipo de pressão.

O Exército pode precipitar a queda de Khadafi? (DV) - Não há um exército profissional na Líbia. O exército sempre foi mantido à margem. É composto por elementos das diferentes tribos que Khadafi tem usado seguindo a política de dividir para reinar. Não um exército a sério, e isso é problemático. Na Tunísia e no Egipto, o Exército interveio como tampão entre o regime e os manifestantes - isso não é exequível na Líbia. Esta é uma batalha que será travada até ao fim.

É verdade que são batalhões comandados por filhos de Khadafi a lançar os ataques mais

mortíferos?

(DV) - Sim, um deles é a 2.ª Brigada, que normalmente actua em Bengasi, e é chefiada por Khamis, o terceiro filho de Khadafi. Foi sempre assim, mas há outras forças do Exército envolvidas nos ataques.

As ordens para matar são dadas por Khadafi? (DV) - Oh, sim, as ordens vêm do topo. Ele continua a mandar numa parte do Exército que, por ainda lhe ser leal, continua a disparar sobre os manifestantes. Não sabemos, porém, nem conseguimos adivinhar, que força detém e até quando irá resistir.

As tribos são um elemento crucial para o desfecho desta revolta?

(DV) - Até certo ponto, sim, mas não são o único elemento. Esta é uma guerra de atrito. É preciso avaliar quem pode dominar a outra parte, quem tem mais munições, quem é mais paciente. Não vale a pena enfatizar a questão das tribos, porque o mais importante é o aparelho de segurança e as principais tribos nem fazem parte dele. Muitas tribos querem apenas garantir que o seu meio de subsistência não desapareça. Serão leais ao mais forte. O apoio a Khadafi está a deteriorar.

rar-se rapidamente, à medida que as pessoas vão tomando conhecimento das deserções, que são muito simbólicas. Quando este tipo de notícias se espalha pelo país, é um grande incentivo para elevar o moral dos manifestantes.

Como é que os líbios tomam conhecimento da deserção de diplomatas no estrangeiro?

(DV) - A Líbia é uma sociedade tribal - as notícias viajam muito rapidamente. Há sempre um telefone em cada família para espalhar a informação. A Internet foi bloqueada mas as linhas terrestres continuam a funcionar.

Como será uma Líbia pós-Khadafi?

(DV) - Vamos assistir a uma situação extremamente caótica, porque a Líbia como um estado moderno nunca existiu. Tem sido uma fachada de sistema político. Não há uma nova geração que tenha sido formada, não há sindicatos, não há grupos de sociedade civil. Que comunidade política pode existir quando não se construíram instituições? Temo que vá haver um banho de sangue - mas não uma guerra civil, porque há muitos interesses comuns em garantir que o petróleo continue a ser exportado.

Text: Jorge Almeida Fernandes
Jornal "Público"



Análise: regime de Khadafi vacila e fala-se em risco de guerra civil

O regime de Khadafi vacila. Há três dias, comentando as manifestações de Bengasi, o analista italiano Lucio Caracciolo dizia que, para a insurreição ter sucesso, eram necessárias três condições: estender-se a Trípoli, "coração político do país", inverter os equilíbrios tribais em que Khadafi se apoia há décadas e atrair uma parte das Forças Armadas, que então pareciam incondicionalmente ao lado do regime. Ontem (terça-feira), analistas árabes falavam numa derrapagem para a guerra civil, na medida em que o poder tinha perdido o controlo sobre vastas regiões do país.

É importante somar os indícios. A revolta instalou-se ontem em Trípoli, surgiram rumores de ruptura entre militares, um crescente número de tribos começou a apelar à demissão de Khadafi, entre elas a Tarhuna - um terço da população da capital. Crescia o movimento de deserção de dignitários do regime - o ministro da Justiça e um grande número de diplomatas. Também alguns chefes religiosos aderiram ao protesto.

Dois exércitos

Na Líbia, o Exército não representa o mesmo que na Tunísia ou no Egipto. As Forças Armadas regulares são mal equipadas, cabendo à poderosa Guarda Revolucionária a defesa do regime. No país onde reina um blackout informativo, os indícios nem sempre podem ser confirmados. Em Bengasi, unidades militares ter-se-ão juntado à revolta. Khadafi teria ordenado a execução dos soldados que se recusaram a disparar contra os manifestantes. Dois aviões terão aterrado em Malta com dois pilotos que teriam desertado.

O risco de guerra civil decorre da diferença líbia. Não há um exército que possa arbitrar ou intervir. Há dois, um deles a guarda pretoriana do regime.

O cenário de guerra foi evocado no domingo à noite, na televisão, por Saif al-Islam, o filho "reformador" de Khadafi. Propôs uma reforma de última hora através de uma Constituição. Advertiu: "A Líbia não é a Tunísia ou o Egipto. Não tem sociedade civil nem partidos políticos." As "forças que tentam destruir a Líbia e desmembrá-la estão armadas e o resultado será uma guerra civil. Nenhum se submeterá ao outro (...) e matar-nos-emos nas ruas (...) até ao último homem". Um escritor líbio exilado em Londres, Ashour Shamis, declarou ao Guardian: "Khadafi morre ou mata. De momento optou por matar." Isto é: o regime não cairá sem "rios de sangue".

Algo se desmoronou

A Líbia é o país mais rico de África, com menos de sete milhões de habitantes e uma astronómica renda petrolífera. A população tem níveis de vida e de educação superiores aos dos vizinhos. Não tem as manchas de miséria do Egipto. A corrupção não é mais grave do que no resto do mundo árabe. No entanto, os cidadãos revoltam-se. As desigualdades regionais têm um papel relevante. Há uma juventude urbana moderna que terá aspirações incompatíveis com o regime e que perdeu o medo. É simbólico o ataque dos manifestantes ao Livro Verde de Khadafi, o brevíario ideológico do regime.

É o próprio sistema político que mostra fissuras e risco de implosão. Khadafi impediou a construção de um Estado formal. Este resume-se aos aparelhos de segurança, à administração do petróleo e pouco mais. O "Estado das massas" tem no centro os comités revolucionários, um simulacro de democracia directa. Os comités gerem os recursos. Promovem o controlo e a repressão sociais ao mesmo tempo que funcionam como válvula de segurança, apresentando ao poder as reivindicações da população.

Da mesma maneira, Khadafi promove os equilíbrios - e a redistribuição dos recursos - entre as regiões e entre as tribos. Estas apagaram-se perante o poder despótico do "guia", mas a lealdade tribal é indispensável à sua sobrevivência. Por isso é ameaçador que tribos mais ou menos fiéis se passem para o campo do protesto. Algo se está a desmoronar.

As pressões externas não têm qualquer influência sobre a Líbia. É um grande exportador de petróleo e um apetecível mercado para o investimento estrangeiro em obras públicas. E tem uma ameaça suplementar sobre a Europa, que aliás já invocou: abrir os "diques" das vagas de emigração africana. A Itália está nervosa.

A família dividida e disfuncional que governa a Líbia

Alguns analistas consideram que Saif el-Islam, escolhido para suceder ao "guia da revolução", destruiu as suas hipóteses ao ameaçar com uma guerra civil.

Texto: Francisca Gorjão Henriques / "Público" • Foto: TV Líbia



Quando participou no golpe de Estado contra a monarquia líbia, a 1 de Setembro de 1969, Muammar Khadafi tinha apenas 27 anos. Não admira que tenha sentido necessidade de se rodear de familiares em quem confiava. Ainda hoje, o seu clã domina vários aspectos da vida no país.

"Não há ninguém cuja cara é conhecida da televisão que não seja próximo de Khadafi", disse ao Guardian um antigo responsável líbio.

Mas nem por isso a família do coronel é unida. Aos 68 anos, Khadafi não se poderá gabar de ter criado de forma irrepreensível os seus oito filhos. Os telegramas enviados para Washington em 2009 pelo embaixador americano em Tripoli, conhecidos através do WikiLeaks, falavam num clã familiar "com fama de dividido", poderoso, rico, disfuncional e com lutas internas.

Num país fragmentado por lealdades tribais, o coronel encontrou no nepotismo a resposta para o controlo económico e político, colocando os seus familiares em postos-chave.

Chegou mesmo, em Outubro de 2009, a nomear o seu segundo filho, Saif el-Islam, para lhe suceder na chefia do Estado - aquele que no domingo se dirigiu aos líbios amedrontando-os com uma "guerra civil" e "anarquia", e que, por isso, poderá ter acabado com a hipótese de vir a comandá-los, segundo alguns analistas.

Saif el-Islam (Espada do Islão), de 38 anos, doutorado pela London School of Economics, era até há pouco tempo visto como a face reformadora do regime. Foi uma voz bastante crítica do seu pai, e em 2006 deixou a Líbia,

para depois regressar e tornar-se o mais provável herdeiro. A liderança da Fundação Internacional Khadafi para o Desenvolvimento e Caridade, envolvida nas negociações para a libertação de reféns sequestrados por islamistas nas Filipinas, trouxe-lhe prestígio. Tomou conta do dossier Lockerbie e encorajou o desmantelamento do programa nuclear líbio, amenizando a imagem do regime no exterior.

O seu futuro parecia traçado. Mas muita coisa mudou desde domingo. Enquanto a população desafavia as forças de segurança com manifestações na rua - tinham morrido até então mais de 230 pessoas - Saif el-Islam lutou para uma luta "até ao último homem e até à última mulher. Não deixaremos a Líbia para italianos e turcos".

O jornal argelino El Watan considera que Saif el-Islam "mostrou a face de um homem tão impiedoso e conservador como os seus irmãos Mutassim e Hannibal".

Os outros herdeiros

Mutassim, que o El Watan diz invejar a ascensão rápida do irmão, uma vez que antes era ele o provável herdeiro, é coronel do Exército. Fugiu para o Egito

Muhammad, o filho mais velho e fruto do primeiro casamento de Khadafi (que durou apenas seis meses), lidera o Comité Olímpico da Líbia. É ainda presidente dos serviços postais e da empresa de telecomunicações.

Hannibal, de 34 anos, costuma trabalhar para a empresa nacional de transportes marítimos,

especializada em exportações de petróleo. Ganhou (má) fama por vários episódios de violência. Foi acusado em 2005 de espancar a sua mulher grávida, durante uma estadia em Paris. Em 2008, foi preso depois de ter agredido dois empregados de um hotel em Genebra. Pagou 300 mil euros de fiança e quando regressou à Líbia empenhou-se em criar uma crise diplomática - o Governo de Tripoli chegou a expulsar empresas e boicotar os produtos suíços, e o país foi descrito por Hannibal como "um mundo mafioso" que deveria ser desmembrado.

O diário El País refere que a raiz anti-imperialista do "guia da revolução" está na sua única filha, Aisha (Hanna, adoptada tal como Milad, morreu no ataque americano a Tripoli em 1986 com quatro anos). A advogada de 30 anos juntou-se à equipa de defesa de Saddam Hussein, em Julho de 2004. É casada com um primo do pai.

A família está ainda noutras cantos. O cunhado, Abdallah al-Sanussi, "número dois" da Jamahiriya Security Organisation (JSO), agência de espionagem líbia, treinou e armou terroristas da Irlanda à Indonésia. Em 1991, Sanussi foi acusado de ajudar a orquestrar o atentado contra o voo 722 da transportadora francesa UTA, em Setembro de 1989, de que resultou a morte dos 156 passageiros e 14 tripulantes.

Nenhum dos filhos de Khadafi tem a garantia de que seguirá as pisadas do pai, porque, como explicou ao Guardian George Joffé, especialista em Norte de África na Universidade de Cambridge, "Khadafi destruiu qualquer esperança de herdarem o poder, colocando-os uns contra os outros".

Roer unhas é sinal de compulsão

Texto: Revista Veja • Foto: iStockphoto



Quem nunca deu consigo a roer as unhas em momentos de stress, nervosismo e ansiedade? O que muitos não sabem é que o hábito pode ser compulsivo e que causa danos sim. Trata-se da chamada onicofagia, que atinge homens e mulheres de todas as idades. "Não há idade específica, mas observo muitos casos com adolescentes. Há crianças que começam a roer por

ver os pais a fazerem o mesmo", afirmou a médica Meire Parada, membro da Sociedade Brasileira de Dermatologia.

Segundo ela, essa compulsão pode trazer consequências, como traumatizar a base da unha. "Ao levar a unha à boca, você acaba por ter o contacto com o dente, que causa danos e acaba por deformar a unha. Além disso, pode machucar a cutícula e causar infecções, já que a boca contém



bactérias", disse a dermatologista. "Nem sempre esses medicamentos são suficientes. É preciso ser feito um trabalho junto ao psicólogo para que se entenda que motivo leva a pessoa a manter o hábito", afirmou a médica, ao acrescentar que, para parar, a pessoa precisa de ter consciência disso e querer mudar os seus hábitos.

Para a psicóloga clínica Marina Genova, roer as unhas não é considerado um distúrbio, mas um sintoma de que algo não está bem. "Não há causas isoladas que gerem a onicofagia. O problema pode ocorrer como sinalizador de algum desconforto relacionado com a ansiedade do paciente, como pensamentos, sofrimentos, e angústia", disse. Em alguns casos, pode ser indicado até o uso de medicação antidepressiva por um médico especializado.

10 dicas para se ter uma boa noite de sono

Texto: Revista Veja • Foto: iStockphoto



O dia-a-dia agitado e stressante, com muitas informações e problemas por solucionar, acaba por comprometer as noites de sono de muita gente. A ansiedade e os maus hábitos nocturnos também podem levar à insónia, mal que já atinge cerca de um terço da população mundial.

Aquietar a mente é essencial para relaxar, mas muitos insones não sabem como conseguir isso. A meditação é uma poderosa ferramenta para alcançar esse objectivo. Existem várias formas e técnicas de meditação que ajudam a relaxar, aquietar a mente e facilitar o nosso sono, dizem os especialistas. Selecionei 10 dicas de meditação e hábitos nocturnos para se ter uma boa e recuperadora noite de sono:

1) Deite, feche os olhos e desvie a atenção dos pensamentos para a sua respiração e para os seus batimentos cardíacos. Perceba como estão as suas emoções, como está o seu corpo, se há algum ponto de tensão e relaxe, diminuindo o ritmo da respiração até que fique bem lento. Toda a vez que o pensamento vier, mude o foco para a respiration.

2) Deite-se, feche os olhos, inspire lenta e profundamente pelo nariz e expire também profunda e lentamente pela boca. Durante cada respiração, acompanhe o ar a entrar pelas narinas, a sair pela boca e o trajecto que ele faz pelo seu corpo. Repita a inspiração e a expiração sempre lenta e profundamente várias vezes.

3) Deitado e de olhos fechados, faça três respirações completas e profundas, inspirando e expirando lentamente pelo nariz. Depois, respire normalmente, observando, soltando e relaxando cada parte do seu corpo. Inicie pelo couro cabeludo, passando pela face, pescoço, nuca, ombros, braços – um de cada vez – músculos das costas e coluna, parte frontal do corpo, quadris, pernas – uma de cada vez – até chegar à pontinha dos dedos dos pés. Finalize fazendo novamente as três respirações, da forma como iniciou.

4) Tome um copo de leite morno antes de dormir. Não é lenda, o leite possui o amionácido triptofano que relaxa os músculos e induz ao sono.

5) Faça uma caminhada leve ou exercícios leves poucas horas antes de dormir.

6) Mantenha a temperatura do quarto agradável, evite claridade e observe se o colchão e travesseiros estão em bom estado.

7) Tome um banho morno, escove os dentes e vista um pijama ou roupas de algodão confortáveis. São hábitos que nos condicionam a dormir.

8) Opte por refeições leves antes de dormir, evitando carne vermelha, frituras e gorduras.

9) Evite cafeína, bebidas alcoólicas e fumo quatro a seis horas antes de dormir por serem estimulantes.

10) Pense nos problemas, soluções e afazeres até duas horas antes de dormir. Depois, entretenha-se apenas com o que possa acalmar e relaxar.



Caro leitor

Pergunta à Tina...Porque é que já não gosto de fazer com ela?

Olá meus queridos leitores! Vocês já ouviram falar de violadores de menores que pensam que os seus actos são a cura para o HIV? Eu até pensei que isto tivesse diminuído, até ler uma notícia num jornal a semana passada! Este acto de violação sexual contra crianças (meninas ou rapazes) e contra mulheres, é categoricamente desprezível e inaceitável. Se conheces ou desconfias de alguém que faz isso, denuncia à polícia. Se tu mesmo possuis algum desequilíbrio emocional ou de saúde sexual que te faz querer pensar nisso, não hesites em procurar uma solução saudável

através de um sms para

821115 ou 8415152

E-mail: averdademz@gmail.com

Olá Tina. Em primeiro lugar agradeço a si e ao @Verdade pelo pequeno espaço que reserva aos leitores/público e em particular aos jovens para que possamos expor questões relacionadas com a vida sexual e/ou reprodutiva. Tenho 20 anos, e o meu período (menstruação) é irregular. Fui ao médico que me receitou pílulas. Há 4 anos uso pílulas. Gostaria de saber se o uso da pílula por um período longo não é ou será prejudicial quando quiser engravidar. Não existe outro método para remediar a irregularidade da minha menstruação a não ser o uso de pílula?

Olá minha querida! Obrigada pela parte que nos toca. Directo ao assunto, de trás para a frente. A irregularidade do ciclo menstrual tem a ver com a inconsistência de produção das hormonas que provocam a menstruação. Pode acontecer, em casos raros, que o ciclo volte ao normal e se regularize por si só. Entretanto, enquanto isso não acontece é preciso que a mulher passe por uma terapia médica. O que seria esta terapia? A terapia implica a ingestão de medicamentos feitos à base das moléculas similares, as moléculas das hormonas naturais do corpo da mulher – isto é, pílulas contendo hormonas que provocam a menstruação. Na maior parte dos casos, estas pílulas são anticoncepcionais, o que significa que não poderás engravidar enquanto estiveres a tomar esta pílula. Entretanto, existe uma terapia mais especializada para mulheres que desejam regularizar o ciclo menstrual, mas ao mesmo tempo poderem engravidar quando desejarem. Estas pílulas são as pílulas de progesterona. Quando desejas engravidar, procura o conselho do médico/a ginecologista. Mas se não desejas engravidar tão cedo, convém continuar a usar a pílula e, para maior segurança, usa também o preservativo. O preservativo não só previne a gravidez, mas ajuda-nos a prevenir contra infecções de transmissão sexual, como o HIV.

Oi Tina. Sou um jovem de 30 anos, casado. Mas dum momento para o outro, perdi a vontade de manter relações sexuais com ela, tenho como recurso a masturbação. Será que isso é saudável? Mundinho.

Olá querido Mundinho. Essa é bem chata, não é? Se bem entendo, tu ainda sentes vontade de fazer sexo, e tens ereção, só não sentes vontade de fazer com a tua esposa? Há pessoas que deixam de sentir desejo sexual completo, e nem chegam a ficar sexualmente excitadas. Há também pessoas que sofrem de impotência sexual, geralmente os homens, devido a instabilidade emocional ou física. No teu caso tu só não desejas fazer sexo com a tua mulher. Isto pode estar relacionado com a própria saúde da vossa relação! Eu faria as seguintes perguntas de reflexão: como é que vocês estão emocionalmente? Ainda sentem vontade de ficar juntos? Estão a passar por alguma crise conjugal? Ainda achas a tua mulher uma pessoa fisicamente e intelectualmente atraente? Eu sempre acredito que a nossa atração pelo nosso parceiro é como uma planta que deve ser regada por nós e por eles. Às vezes, os casais acomodam-se à vida rotineira, estão sempre preocupados com a organização familiar, com problemas laborais, traições, solidão e discutem sobre estas coisas. Estas discussões contribuem para que as pessoas se isolem, e o isolamento pode-se traduzir nesta falta de vontade de se relacionar com a outra pessoa. Na minha opinião, vocês deveriam conversar para poderem juntos identificar de forma honesta e sincera as coisas que faltam na vossa relação e que podem estar a provocar esta falta de desejo sexual da tua parte. Tudo de bom para vocês.

Quem vai pescar o último atum?

A produção pesqueira mundial cai desde 2004 e o consumo só aumenta. Os dilemas da humanidade para continuar a comer peixe.

Texto: Peter Moon/ Revista Nature • Foto: iStockphoto

O peso de cada espécie

Como funciona a cadeia alimentar marinha

NIVEL 1 - Grandes predadores

São espécies que se reproduzem lentamente, como o **atum**, o **bacalhau**, o **salmão** e o **bonito**

Para produzir **0,5 Kg** dessas espécies, cada indivíduo consome **5 kg** de peixe do nível 2

■ A PESCA ■ OS 10 MAIORES ■ O PESO ■ O MERCADO ■ ESPÉCIES MAIS ■ AQUACULTURA
PREDATÓRIA PRODUTORES DA CHINA DO PEIXE CAPTURADAS EM EXPANSÃO

Gráficos: Rodrigo Cunha Fonte: The State of the World Fisheries and Aquaculture, National Geographic a Sea Around Us

A devastação da vida nos oceanos é invisível. Ela não chama a atenção como a imagem das queimadas na Amazónia. A pesca predatória dos cardumes marinhos chama a atenção de forma indireta na hora de ir ao mercado. O preço do quilo do nobre atum está pela hora da morte. O atum à venda nas peixarias é pequeno, em nada comparável ao majestoso atum adulto, um peixe tão grande que chamava a atenção do público nas feiras livres e nos mercados municipais, quando ainda era visto, nos anos 1970.

Hoje, espécimes desse porte são raríssimos. Quando um pescador japonês tem a sorte de fisgar um toro, o atum gordo adulto do qual sai o melhor sushi, o animal é disputado em leilões concorridíssimos no porto de Tóquio. O recorde foi alcançado em 5 de Janeiro, quando um toro de 342 quilos foi arrematado por 396 mil dólares – o recorde anterior, de 2001, foi de 173 mil dólares, pagos por um toro de 202 quilos. Só os clientes de restaurantes de elite no mundo provam esse atum. O resto da humanidade contenta-se com os atuns minguados do supermercado.

Quanto ao atum enlatado, ele há muito deixou de ser atum. O que se vende com o nome de atum são bonito e albacora, espécies da família do atum.

"Dos 23 stocks de atum, a maior parte foi totalmente explorada (mais de 60%), alguns estão super-explorados ou esgotados (até 35%) e só um pouco

mundiais - 2010", divulgado em 10 de Fevereiro pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO).

O relatório mostra que a indústria pesqueira actual é insustentável – para não dizer irresponsável. A pesca oceânica está com os dias contados. A aquacultura responde hoje por 30% de todo o peixe consumido e será dominante em 2020. Mas a sua expansão não ocorrerá sem perdas. O dano ambiental será irreparável.

Há espécies, como o atum, que desaparecerão do cardápio: as que não forem domesticadas. O atum é um grande predador marinho, um dos ocupantes do topo da cadeia alimentar no oceano. É o caso do bacalhau, do robalo e do salmão. Todos estão ameaçados. Nenhum faz parte da lista das dez espécies mais pescadas hoje. Mas não era assim.

No passado, cardumes com milhões de peixes imensos cruzavam os oceanos perseguindo biliões de sardinhas e lulas. Hoje, os cardumes dos grandes predadores são raros, formados por indivíduos de proporções risíveis, uma sombra dos seus ancestrais. A redução do tamanho dos peixes é consequência da pesca. Ao matar os peixes maiores de uma espécie, o homem selecciona a sobrevivência dos menores.

O bacalhau é um exemplo. Por séculos, foi um esteio alimentar, a principal fonte de proteína animal dos pobres de

Irlanda. Até os anos 1980 o bacalhau era barato. O seu preço só subia na Semana Santa. Hoje, o preço é proibitivo o ano inteiro. Os cardumes desapareceram. Sem o banimento da sua pesca, os stocks restantes não serão suficientes para recompor os cardumes.

O bacalhau, que sustentou a indústria pesqueira por séculos, agora é escasso. O peixe dos pobres tornou-se um prato requintado. E o preço subiu. Daí valer a pena, sob a óptica pesqueira, investir em tecnologia para exterminar os últimos cardumes de atum e bacalhau.

foram 118 toneladas, e a tendência do consumo é continuar a crescer, dada a falta de terras para a produção de proteína animal na forma de gado. Até agora a indústria do peixe conseguiu satisfazer o apetite humano por peixes, crustáceos e moluscos.

Em 2009, chegaram ao mercado 145 milhões de toneladas, a soma da produção das indústrias pesqueira e de aquacultura no mar e em terra. O consumo humano respondeu por 81% da produção. Os 19% restantes foram transformados em ração na aquacultura e farelo para o gado.

as subespécies de salmão. "A primeira subespécie a desaparecer foi o salmão do Nordeste brasileiro, ainda nos anos 1970", diz o jornalista e pescador americano Paul Greenberg, autor de "Quatro peixes - O futuro do último alimento selvagem".

Greenberg revela os detalhes da destruição progressiva dos stocks de atum, bacalhau, salmão e robalo. "Tudo começou com a extinção do salmão brasileiro", diz. Em seguida foi a vez das subespécies ibérica, francesa, inglesa, nórdica, americana do Atlântico, californiana e canadiana. Hoje, a última

O peso de cada espécie

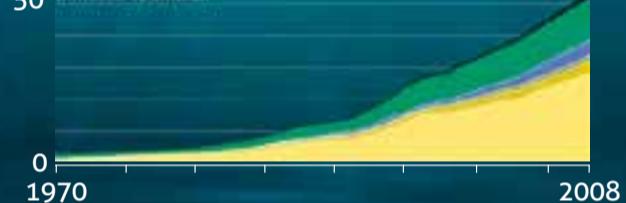
Como funciona a cadeia alimentar marinha

AQUACULTURA EM EXPANSÃO

A aquacultura cresceu 25 vezes em 40 anos

■ Plâncton ■ Moluscos ■ Crustáceos ■ Peixes ■ Peixes de Marinhos Migratórios ■ agua doce

Em milhões de toneladas



A aquacultura, que até 1970 era uma actividade marginal, desde então multiplicou a produção em 25 vezes. Ela responde hoje por um terço do peixe produzido. O maior produtor e consumidor é a China.

A sua frota retira um quinto do peixe sa-

O peso de cada espécie

Como funciona a cadeia alimentar marinha

OS 10 MAIORES PRODUTORES

Em milhões de toneladas, em 2008

China	14,8
Peru	7,4
Indonésia	5,0
EUA	4,3
Japão	4,2
Índia	4,1
Chile	3,6
Rússia	3,4
Filipinas	2,6
Mianmar	2,5

■ A PESCA ■ OS 10 MAIORES ■ O PESO ■ DA CHINA ■ DO PEIXE ■ ESPÉCIES MAIS ■ AQUACULTURA PREDATÓRIA PRODUTORES DA CHINA DO PEIXE CAPTURADAS EM EXPANSÃO

Gráficos: Rodrigo Cunha Fonte: The State of the World Fisheries and Aquaculture, National Geographic a Sea Around Us

O peso de cada espécie

Como funciona a cadeia alimentar marinha

PESCA PREDATÓRIA

Pesca-se hoje 5 vezes mais que há 60 anos



■ A PESCA ■ OS 10 MAIORES ■ O PESO ■ DA CHINA ■ DO PEIXE ■ ESPÉCIES MAIS ■ AQUACULTURA PREDATÓRIA PRODUTORES DA CHINA DO PEIXE CAPTURADAS EM EXPANSÃO

Gráficos: Rodrigo Cunha Fonte: The State of the World Fisheries and Aquaculture, National Geographic a Sea Around Us

parece estar subaproveitado (principalmente o bonito)", lê-se no relatório "O estado dos pesqueiros e da aquacultura

Portugal e da Escandinávia. Era abundante, encontrado em números assombrosos nas águas frias da Groenlândia à

Portugal e da Escandinávia. Era abundante, encontrado em números assombrosos nas águas frias da Groenlândia à

ído dos mares, as suas fazendas respondem por um terço da aquacultura e cada chinês come 60 quilos de peixe por ano – três vezes mais que a média mundial, de 17 quilos.

O declínio da pesca marítima é irreversível, a não ser que se estabeleça uma suspensão mundial, dando tempo para a recomposição dos cardumes. A medida, embora sensata, seria impensável. Caso a suspensão fosse aplicada, 40 milhões de pessoas que trabalham e dependem da pesca – a maioria nos países pobres – perderiam a fonte de sustento.

A solução poderia ser empregá-las na aquacultura. Tome o exemplo do salmão. O extermínio dos cardumes selvagens de salmão seguiu o mesmo padrão do atum e do bacalhau. O salmão é um peixe que nasce em água doce, passa a vida adulta no mar e retorna ao rio onde nasceu para procriar e morrer. A construção de barragens, hidroelétricas e a poluição dos rios, associada à pesca oceânica, dizimaram quase todas

subespécies selvagens sobre viventes é o salmão do Alasca. Se continuarmos a comer salmão é porque, daquelas quatro espécies, o salmão foi a única domesticada. Quase todo o salmão consumido no mundo é criado em fazendas na Escandinávia e no sul do Chile.

O custo ambiental é imenso. A rede mundial de supermercados Wal-Mart transformou fiordes no sul do Chile em piscinas de criação de salmão. A sua frota pesqueira retira quantidades enormes de sardinha do Pacífico – que faz falta aos peixes selvagens – para alimentar o salmão domesticado. O salmão engorda rapidamente, é morto, cortado em filetes, congelado e enviado de avião aos Estados Unidos. O subproduto é a destruição do ecossistema de um fiordo chileno. Talvez esse seja o único caminho.

O salmão, a truta, a carpa, a lagosta e as ostras não faltam no supermercado. O mesmo acontece com a tilápia, um peixe de água doce vendido com o requintado nome de Saint Peter (ou Saint Pierre). "No Brasil, na Amazónia, estão a tentar criar o pirarucu em cativeiro. Seria fantástico. É o maior peixe de água doce do mundo", disse Greenberg.

Há de facto uma corrida mundial para descobrir como criar espécies de valor comercial em cativeiro. Desde 1970, os chineses domesticaram 15 espécies de peixes, número igual à domesticadas em 2.500 anos. Sempre haverá espécies impossíveis de domesticar. Esse pode ser o destino do nobre atum. Faça uma analogia com os grandes predadores terrestres, os ursos, felinos e lobos. Só cães e gatos foram domesticados. O solitário tigre pode desaparecer da natureza em dez anos. Ursos-polares, onças e lobos-guarás estão ameaçados. Todas estas espécies podem sobreviver em zoológicos. Mas não serão domesticadas. O ser humano não assumirá o controlo do seu ciclo de vida e de reprodução. Os cães têm sorte. Eles olham-nos como os líderes da matilha. É quase inconcebível que o mesmo aconteça com o salmão. Qual será o destino dos grandes peixes oceânicos? O aquário?

DESPORTO

COMENTE POR SMS 821115

Ciclismo moçambicano de luto

O mundo do ciclismo moçambicano foi abalado, à beira do meio-dia de 20 Fevereiro, por um forte contratempo: o ciclista Imran Akuji, um dos dinamizadores da modalidade no país, foi atropelado mortalmente.

Texto: Redacção • Foto: Cedidas



Imran Akuji era um homem franzino, cuja estatura media na encobia a grandeza da sua obra – quase que sozinho revi-

talizou o ciclismo moçambicano, o qual depois da época brilhante em que foi galvanizado pelo “velho” Açucena andou

praticamente de rastos. Certo dia, Imran olhou profundamente para o ciclismo e nele reconheceu uma modalidade

que devia ser revitalizada. Resolveu, então, devolver-lhe a dignidade e o brilho há muito perdido, prometendo que ela recuperaria a alvura dos tempos áureos.

Entusiasmo inesgotável

Através do seu gosto pelo ciclismo, ele encorajou os seus pares a olharem para a modalidade com um pouco mais de seriedade, organizando provas de dois a dois domingos, sob a égide do Clube de Ciclismo de Moçambique.

Mais recentemente, Imran Akuji, aproveitando-se da abertura por parte do Ministério da Juventude e Desportos, através da sua direcção dos desportos, no sentido de acelerar o processo de legalização das federações, conseguiu que os ciclistas reunissem esforços à volta de um organismo mais institucional, a Federação Moçambicana de Ciclismo (FMC), que o nomeou presidente interino.

Na manhã de Domingo, 20 de Fevereiro, Imran organizou uma prova de contra-relógio de Mandevo à Namaacha, um circuito que consistia em 16 quilómetros de constantes subidas. Após a prova, Imran, que adorava provas de contra-relógio, preferiu, como muitos outros ciclistas que participaram naquele certame, fazer o percurso de regresso a Maputo de bicicleta.

Infelizmente não chegou a casa: uma viatura de marca Toyota Mark II, que rodava a grande velocidade no sentido Maputo-Boane, fez uma ultrapassagem perigosa na curva de Umbeluzi, tendo assim saído da sua faixa e atropelado o ciclista Imran Akuji, que teve uma morte instantânea. Em virtude de ser muçulmano, Imran foi sepultado no mesmo dia, deixando viúva e três filhos menores, sendo que o mais velho, Yazid Imran, segundo nas peugadas do pai, abraçou também o ciclismo.

Imran faleceu a fazer o que mais gostava: pedalar. Mais é preciso frisar que pedalar não é tarefa fácil visto que um ciclista que se preze faz um enorme esforço para treinar

um mínimo de seis horas diárias, e Imran era um desses ciclistas.

É devido ao reconhecimento das suas virtudes e comprometimento para com o ciclismo, e sobretudo pelo seu desaparecimento físico num dia em que estava ao serviço da modalidade, que os seus pares planeiam uma pedalada ao local onde ocorreu o acidente em sua homenagem.

O ciclismo moçambicano perde assim um grande desportista que com o seu abnegado esforço se dedicou à revitalização da modalidade até a sua constituição em federação. É nesse sentido, por exemplo, que juntamente com o secretariado da FMC, Imran estava a planificar a presença de forma condigna dos ciclistas moçambicanos na próxima edição dos Jogos Africanos, em Maputo.

No entanto, a FMC indicou que é sua intenção continuar com o trabalho do malogrado de modo a honrar de forma mais digna possível a sua memória e o seu compromisso com a modalidade, e não deixar apagar a grande obra e os feitos de Imran Akuji.

Hóquei em patins continua sem competição

No ano em que a seleção nacional de hóquei em patins vai participar na 40ª edição do Mundial do Grupo "A", a Associação de Patinagem da Cidade do Maputo planificou realizar sete provas envolvendo os clubes ainda no activo, com o intuito de treinar os praticantes da modalidade que poderão ser seleccionados a representarem o país em finais de Setembro na Argentina. Porém, na quadra o cenário é sombrio pois o torneio de abertura que começou a ser disputado no passado dia 11 conta com a participação de duas equipas apenas.

Texto: Adérito Caldeira

O Desportivo de Maputo e o Estrela Vermelha, também da capital do país, são as duas únicas equipas que no presente estão em competição no hóquei em patins nacional. Juntas, somam pouco mais de uma dezena de praticantes.

É importante destacar que em Moçambique existem apenas praticantes de hóquei em patins pois atletas são pessoas que se dedicam ao desporto e participam regularmente em competições, o que claramente não é o caso dos hoquistas moçambicanos.

Estes sobreviventes do hóquei, para além de várias contrariedades, sobejamente conhecidas e similares às de outras modalidades em Moçambique, disputam este torneio de abertura sem equipas técnicas e com a ausência de um treinador.

A primeira jornada do torneio de abertura ficou marcada pela não realização do jogo entre o Desportivo e o Maxaquene, devido à falta de comparência da equipa tricolor, e daquele que colocaria frente a frente o Ferroviário de Maputo e o

Os melhores do Moçambique

As figuras que se destacaram no Moçambique passado foram premiadas pela Liga Moçambicana do Futebol. Jerry voltou a conquistar mais um prémio; Tony foi o jogador mais popular; Soarito o guarda-redes menos batido; Telinho o MVP da época; e Mateus Infante ficou com o prémio relativo ao melhor árbitro.

Texto: Redacção

Jerry: Melhor marcador



Apesar de o grande objectivo da temporada, o título nacional, não ter sorrido aos locomotivas, Jerry pode recordar com satisfação a época de 2010. Aos 26 anos, o avançado conquista pela segunda vez consecutiva o lugar mais alto do pódio dos melhores marcadores do Moçambique, com 16 golos no pecúlio, relegando Tony para segundo plano.

O ponta-de-lança da Liga Muçulmana, onde chegou esta época vindo do Ferroviário de Maputo, é um finalizador nato, cresce à medida que a bola se aproxima da área, indo buscar muitas bolas nas laterais do campo. Também recua no terreno para pegar na bola, mas nesses espaços, sem grande técnica, já parece inofensivo. Na área, é tudo diferente.

Soarito: Guarda-redes menos batido



Entre os guarda-redes, um nome para fixar: Soarito. Joga no Maxaquene, clube onde chegou vindo do Têxtil de Punguè, mas demorou

duas épocas para mostrar o seu real valor. Algo estranho depois de ver as suas exibições neste Moçambique: sempre bem colocado, evita golos com uma simplicidade ágil. Nunca se lhe detecta um traço de ansiedade e no um para um, frente a avançados isolados parece que cresce, tapa todos os ângulos e faz defesas espectaculares.

Tony: Jogador mais popular

Está cada vez mais um ponta-de-lança completo. Tanto pode jogar fixo, como um nove clássico, aguentando a bola de costas para a baliza e surgindo a responder a cruzamentos, oportunamente, do estilo goleador de pequena área, forte de cabeça. Ou tanto pode jogar mais móvel, indo buscar a bola a outras zonas e combinando jogadas. Aliás, é a grande promessa para o futuro do futebol moçambicano a nível de dimensão internacional. As suas aparições no Moçambique pelo Ferroviário da Beira, o clube onde nasceu e cresceu, confirmaram as impressões deixadas nos relvados do Chiveve.

Avançado puro, pode jogar nas faixas ou no centro, mas, em qualquer lugar, necessita de ter mobilidade para soltar o seu futebol tecnicista e com imaginação. Repentista, Tony foge muito bem aos defesas, mas não é um driblador. Destro, procura sempre espaço para rematar. Um talento a não perder de vista.

Telinho: MVP

É, muito provavelmente, o jogador de maior talento que jogou nos relvados de Pemba. Telinho brilhou mais do que a equipa. Por isso, esta desceu de divisão e Telinho foi parar na Liga Muçulmana. Trata-se de um médio disfarçado de avançado e um avançado mascarado de médio.

Capaz de jogar a toda a largura do campo (nas faixas, como um ala dando profundidade; ou no centro, surgindo desde trás) tem versatilidade posicional para encaixar em diferentes sistemas. Fisicamente resistente, quando entra na área tem frieza e grande poder de concretização.

Quando surge na ala, sabe fazer o passe no momento certo. O troféu de MVP só não é tão brilhante porque as cores que defendia não se mantiveram no Moçambique.

Ferroviário de Pemba: Prémio Fair Play



O Ferroviário de Pemba desceu de divisão, mas não abdicou de ser uma equipa correcta. O prémio Fair Play assenta-lhe como uma luva. Para quem pensou que o comportamento desportivo dos pembenenses mudaria com os maus resultados enganou-se. Mesmo na beira do precipício, O Ferroviário de Pemba continuou a pautar pelo desportivismo.

Mateus Infante: Melhor árbitro

Foi considerado melhor árbitro numa prova que ficou marcada pela suspeição em torno dos homens do apito. O que não é fácil. Até porque é costume dizer-se que quando um peixe está podre todos os outros, no mesmo cesto, também o estão. Mas, pela consagração, é caso para contrariar o ditado popular e dizer: quem sai os seus também pode degenerar.

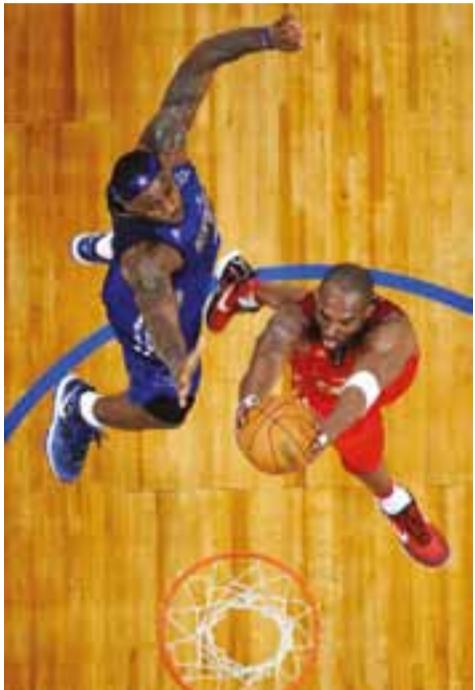


O francês **Teddy Tamgho** bateu o recorde do mundo do triplo salto em pista coberta, com uma marca de 17.91 metros, durante os campeonatos nacionais de França, em Aubière. O registo foi alcançado ao quarto ensaio, depois de o atleta ter feito 17.36 metros na tentativa anterior. Além desta marca, Tamgho, de 21 anos, detém também o terceiro melhor registo mundial ao ar livre (17.98m), apenas atrás de Jonathan Edwards (18.29) e Kenny Harrison (18.09m).

NBA: Oeste mantém alternância e vence Leste no All Star Game

O dono da casa comandou a festa. Com o Staples Center, em Los Angeles, lotado de celebridades, Kobe Bryant mostrou quem manda no ginásio dos Lakers. Aos 32 anos, a estrela da equipa californiana levou o prémio de MVP do jogo e comandou a vitória do Oeste, que bateu o Leste no All-Star Game (Jogo das Estrelas) da temporada 2010/11 da NBA por 148 a 143, mantendo a alternância de vitórias dos últimos anos.

Texto: Redação/Agências • Foto: Lusa



Em 2010, o vencedor tinha sido a equipa da Conferência Leste, assim como em 2008. Já o Oeste vinha de vitórias em 2009 e 2007. A última vez que uma equipa ganhou o Jogo das Estrelas por dois anos seguidos foi o Leste em 2005 e 2006. Já o Oeste teve a sua sequência mais recente em 2002, 2003 e 2004.

Na quadra, o show foi de quem mais conhece o lugar. Nos 29 minutos que actuou, Kobe Bryant marcou 37 pontos e completou um duplo-duplo

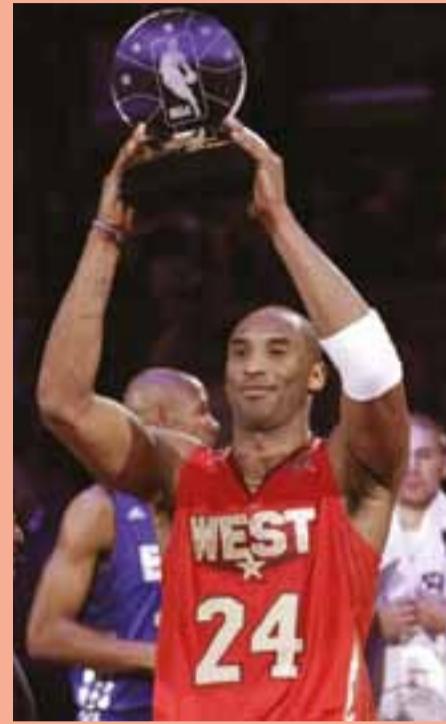
com mais 14 ressaltos, tendo levado o seu quarto prémio de MVP do All-Star Game. Dessa forma, ele igualou o recorde de Bob Pettit, que era sozinho, até então, o maior vencedor da honraria do Jogo das Estrelas.

Em seguida veio o principal candidato a sucessor de Bryant no posto de estrela do Oeste. O ala Kevin Durant, do Oklahoma City Thunder, anotou mais 34 tentos. Pau Gasol fez outros 17 e foi o melhor suplente.

A equipa do Leste foi mais democrática: sete jogadores marcaram pelo menos 11 tentos. Se não saiu com a vitória, LeBron James pelo menos alcançou uma impressionante marca. Com 29 pontos, 12 ressaltos e dez assistências, foi apenas o segundo jogador a conseguir um triplo-duplo na história da partida. O primeiro foi Michael Jordan, em 1997, com 14 pontos, 11 ressaltos e 11 assistências.

O ala-pivô Amare Stoudemire, do New York Knick, também foi um dos maiores marcadores da equipa com mais 29 tentos em 28 minutos jogados. Os parceiros de LeBron no Miami Heat também estiveram bem. O armador Dwyane Wade e o ala-pivô Chris Bosh fizeram outros 14 pontos cada.

Durante o jogo o Oeste foi pressionado pelo Leste em poucos momentos. Os 'donos da casa' já impunham a sua vantagem no comando do marcador. Venceram o primeiro quarto por dez pontos e foram para o intervalo com mais dois de frente. A equipa vermelha continuou bem no segundo tempo e abriu mais cinco tentos no terceiro quarto, o suficiente para apenas administrar o resultado nos 12 minutos finais.



AS MARCAS DE KOBE BRYANT

Melhor marcador da história dos Lakers
Títulos da NBA: 5 (2000, 2001, 2002, 2009 e 2010)
Finais da NBA: 7 (2000, 2001, 2002, 2004, 2008, 2009 e 2010)
MVP das Finais: 2 (2009 e 2010)
MVP da temporada regular: 1 (2008)
All-Star Game: 13 (1998, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2011)
MVP do All-Star Game: 4 (2002, 2007, 2009 e 2011)
Maior marcador da temporada regular: 2003 (2.461 pontos), 2006 (2.832 pontos), 2007 (2.430 pontos) e 2008 (2.323 pontos)
E mais: maior número de cestos de três pontos num único jogo, mais jovem jogador a marcar 15 mil pontos, mais jovem jogador a marcar 18 mil pontos, mais jovem jogador a marcar 20 mil pontos, mais jovem jogador a marcar 23 mil pontos, mais jovem jogador a marcar 25 mil pontos, mais jovem jogador a marcar 27 mil pontos, e segundo maior a pontuar num único jogo da NBA: 81 pontos.

NOVATO DOS CLIPPERS, GRIFFIN SALTA CARRO E VENCE O CONCURSO DE AFUNDANÇOS



Todos anos os jogadores da NBA têm de tirar um novo coelho da cartola para impressionar os jurados e, principalmente, o público que gosta de basquete e que já viu nomes como Michael Jordan e o "Superman" Dwight Howard vencerem o Concurso de Afundanços. No tradicional fim-de-semana do All-Star Game, o Jogo das Estrelas da liga norte-americana, um novato conseguiu fazer os queixos cairem no passado sábado.

Blake Griffin, que disputa o seu primeiro ano da NBA vestindo as cores dos Los Angeles Clippers, não teve medo de ouvir. E o esforço deu certo: ao conseguir afundar a sua bola saltando por sobre um carro, ele garantiu para si o troféu de melhor afundâncio da noite.

O novo de 21 anos, uma das promessas da liga, competiu na fase final do torneio contra Javale McGee, do Washington Wizards. A disputa de afundanços preocupava os espectadores, já que, ao contrário do prometido, os grandes astros da NBA não voltaram a participar na tradicional competição – o baixinho Nate Robinson foi o vencedor das duas edições anteriores.

Mas tanto McGee quanto Griffin mostraram talento de sobra. O primeiro apostou em múltiplos afundanços simultâneos. Com dois cestos instalados um ao lado do outro, afundou duas bolas. Depois cravou três bolas dentro do mesmo aro.

Já Griffin começou por afundando com um salto enquanto fazia um giro de 360º. Depois atirou a bola para o aro e, no "ressalto", afundou enfim até o cotovelo dentro do cesto.

O show do calouro terminou com o salto sobre um carro. Ele pediu para o veículo ser colocado dentro da quadra, chamou um coral para fazer o fundo musical e contou com o auxílio do companheiro Baron Davis. Com o tecto solar do carro aberto, Davis passou-lhe a bola. Griffin saltou por cima da parte dianteira do carro – acima do motor – e afundou forte, com as duas mãos.

No torneio de melhor jogador nos três pontos, a vitória foi para o Miami Heat. James Jones mostrou ser o mais preciso ao marcar 20 pontos na jornada final, contra os astros do Boston Celtics Paul Pierce e Ray Allen.

Ligas da Europa: Sem perder o ritmo e a vantagem

Enquanto no fim-de-semana passado os clubes da Inglaterra só entraram em campo pela FA Cup, a bola rolou normalmente nas outras quatro principais ligas nacionais da Europa. Na Alemanha, o Borussia Dortmund continuou a sua marcha rumo ao título, desta vez com uma vitória fácil sobre o St. Pauli. Na Itália, a supremacia do líder também continua inabalável. O AC Milan conquistou mais três pontos e manteve a distância em relação à concorrência. A Ligue 1, por sua vez, está cada vez mais emocionante, ainda mais agora que o líder Lille foi derrotado e viu os seus concorrentes aproximarem-se. Enquanto isso, o Barcelona conseguiu a vitória no melhor jogo da jornada da Espanha contra o Atlético de Bilbao e continua cinco pontos à frente do Real Madrid.

Texto: Redação/FIFA • Foto: Lusa



tém-se soberano

O líder Borussia Dortmund não teve dificuldades para vencer por 2 a 0 o St. Pauli (11º), que ainda estava em clima de comemoração pela vitória obtida alguns dias antes no derby contra o Hamburgo (7º) por 1 a 0. Para a alegria dos seus adeptos, o Hamburgo recuperou em grande estilo da derrota, goleando o Werder Bremen (14º) por 4 a 0.

Após a quarta derrota consecutiva, o Wolfsburg (15º), campeão alemão em 2009, também está a lutar contra a descida. No sábado, os "lobos" foram derrotados por 2 a 1 pelo Freiburg (6º). A surpresa da temporada continua a ser o Hannover (4º). O clube da Baixa Saxónia conseguiu uma excelente vitória por 3 a 0 sobre o Kaiserslautern (16º) e continua a sonhar com uma vaga na Liga dos Campeões. O Bayern (3º) não se assustou por jogar fora de casa e ganhou ao Mainz por 3 a 1. No entanto, como o Bayer Leverkusen (2º) também somou mais três pontos ao vencer o Stuttgart por 4 a 2, o conjunto de Munique não conseguiu assumir vice-liderança.

Os três primeiros: Barcelona (65 pontos), Real Madrid (60), Valencia (48)

Os três últimos:

Zaragoza (23)

Almería (21)

Málaga (20)

Marcadores:

Lionel Messi

(25 golos)

Cristiano Ronaldo

(24)

e David Villa (16)

Bundesliga: Borussia man-

Mönchengladbach (ambos com 19)

Marcadores: Mario Gomez (18 golos), Papiss Demba Cissé (16), e Theofanis Gekas (14)

Série A: AC Milan, Inter e Napoli vencem

O AC Milan conseguiu manter a sua vantagem em relação à concorrência no Campeonato Italiano. O clube de Milão der-

do tropeço da Vecchia Signora foram a Udinese (5º), que empatou sem golos com o Brescia (18º), e a Lazio (4º), que derrotou o Bari (20º) por 1 a 0 com um golo de Hernanes. Agora, as duas equipas têm, respectivamente, mais três e sete pontos do que a Juve.

Os três primeiros: Milan (55 pontos), Napoli (52), Internazionale (50)

do tropeço da Vecchia Signora foram a Udinese (5º), que empatou sem golos com o Brescia (18º), e a Lazio (4º), que derrotou o Bari (20º) por 1 a 0 com um golo de Hernanes. Agora, as duas equipas têm, respectivamente, mais três e sete pontos do que a Juve.

Os três últimos: Brescia (23), Cesena (22), Bari (15)

Marcadores: Edinson Cavani (20 golos), Antonio Di Natale (18), e Samuel Eto'o (15)

Ligue 1: Lille tropeça

O Lille sofreu no fim-de-semana a sua primeira derrota desde o dia 24 de Outubro de 2010. O líder do Campeonato Francês caiu diante do Montpellier (6º) por 1 a 0. O Rennes aproveitou-se do tropeço e diminuiu para

dois pontos a desvantagem em relação ao primeiro classificado depois de derrotar o Toulouse por 2 a 1 na casa do adversário. O actual campeão Olympique de Marselha (3º) também conseguiu uma importante vitória por 2 a 1 contra o St. Étienne (7º).

O Lyon (4º) está a jogar cada vez melhor e continua com hipóteses de conquistar o título após golear o Nancy por 4 a 0. Já o Paris Saint-Germain (5º) chegou ao mesmo número de pontos do ex-heptacampeão francês depois de derrotar o Nice (17º) por 3 a 0. Para o Bordeaux (12º), a crise está cada vez mais grave: a má fase da equipa talvez tenha chegado ao seu pior momento com a goleada por 5 a 1 sofrida diante do Lorient (8º), um recorde negativo na história do campeão francês da temporada 2008/09. O Mónaco (18º) e o Lens (19º) continuam na zona de descida depois de terem sido derrotados, respectivamente, pelo Brest (9º) por 2 a 0 e pelo Sochaux (11º) por 3 a 2.

Os três primeiros: Lille (45 pontos), Rennes (43), Olympique de Marselha (42)

Os três últimos: Mónaco e

Lens (ambos com 24 pontos), Arles-Avignon (10)

Marcadores: Moussa Sow (16 golos), Kevin Gameiro (15), e Nenê (13).



Os três últimos: Brescia (23), Cesena (22), Bari (15)

Marcadores: Edinson Cavani (20 golos), Antonio Di Natale (18), e Samuel Eto'o (15)

Ligue 1: Lille tropeça

O Lille sofreu no fim-de-semana a sua primeira derrota desde o dia 24 de Outubro de 2010. O líder do Campeonato Francês caiu diante do Montpellier (6º) por 1 a 0. O Rennes aproveitou-se do tropeço e diminuiu para

La Liga: Barcelona caminha sem tropeços

O Barcelona (1º) não está a facilitar a vida do Real Madrid (2º) e conquistou mais uma vitória na 21ª jornada do Campeonato Espanhol. Os catalães derrotaram o Atlético de Bilbao (5º) por 2 a 1. O golo da vitória foi anotado pelo argentino Lionel Messi. Por sua vez, os galáticos venceram o Levante (17º) por 2 a 0 e permanecem no encalço do Barça. Já o Valencia (3º) tropeçou e não passou de um empate sem golos em casa contra o Sporting de Gijón (16º). O Atlético de Madrid (8º), actual campeão da Liga Europa da UEFA, havia perdido as suas quatro últimas partidas, mas a situa-

ção mudou no fim-de-semana: o clube da capital derrotou o Zaragoza (18º) por 1 a 0 e continua na luta por uma vaga nos torneios continentais. O Espanyol (6º) deixou de conquistar importantes pontos ao ser goleado por 4 a 0 pelo Osasuna (14º). O Villarreal (4º) também não justificou o seu favoritismo e ficou-se pelo 0 a 0 com o lanterna Málaga.

Os três primeiros: Barcelona (65 pontos), Real Madrid (60), Valencia (48)

Os três últimos: Zaragoza (23)

Almería (21)

Málaga (20)

Marcadores:

Lionel Messi (25 golos)

Cristiano Ronaldo (24)

e David Villa (16)

Bundesliga: Borussia man-

MOTORES

COMENTE POR SMS 821115

Renault 4



O Renault 4 é um dos ícones da história do automóvel. Entre 1961 e 1992 foram produzidas 8 135 424 unidades, um número que até hoje apenas o VW Carocha e o Ford T lograram superar. Marcou gerações durante três décadas e ainda hoje há muitos a circular.

Texto: Rui Faria/ Automotor • Foto: Lusa

Em 2011, a Renault celebra os 50 anos do seu modelo de maior sucesso: o R4. A história deste automóvel começou no final dos anos '50 com a ideia de Pierre Dreyfus, o então presidente da Régie Nationale des Usines Renault, que lançou o projecto "automóvel blue jeans", adoptando como lema o estilo que marcava o início dos loucos anos '60.

Dreyfus imaginou um automóvel versátil, económico e capaz de ser vendido em qualquer ponto do globo, numa altura em que ainda não se falava de globalização. O desenvolvimento do projecto do primeiro Renault com tração dianteira demorou cerca de cinco anos, mas a marca surgiu orgulhosa no Salão Automóvel de Paris de 1961 com três versões: R4, R 4L (o "L" refere pomposamente o nível de equipamento "luxo") e uma carrinha, denominada R3, que logo no ano seguinte deixou de ser produzida.

Apesar das linhas simples e do habitáculo espartano, o R4 foi bem recebido, tanto mais que o preço era mais do que convidativo e a sua polivalência indiscutível. Estava a meio caminho do que se espera de um automóvel e de uma carrinha. Era como que um crossover antes do tempo...

O sucesso das vendas cresceu de forma exponencial e, ao fim de trinta anos de vida, o R4 já era vendido em 27 países (sem contar com França), em latitudes tão diversas como a Austrália e a África do Sul, o Chile ou as Filipinas, e ao longo da sua vida foi produzido ou montado numa dúzia de países.



Intuição inequívoca

De Pierre Dreyfus diz-se que era mais forte em termos sociológicos do que técnicos, mas mesmo os seus críticos lhe reconheceram sempre a grande intuição e, muito em especial no caso do R4, os seus sonhos foram largamente superados. Ele queria um veículo multiusos e o R4 foi "pau para toda a obra": garantiu a mobilidade, foi veículo de trabalho, objecto de culto e marcou gerações de jovens ávidos de aventura, que o utilizaram para partir à descoberta do mundo.

Apesar da sua simplicidade, também marcou presença no mundo da competição. Participou em vários ralis de grande prestígio, desde o nosso TAP ao Monte Carlo, e, em 1980, uma versão de quatro rodas

O Grande Prémio do Bahrein foi cancelado na sequência dos tumultos que têm tido lugar naquele país. Assim, o Mundial de Fórmula 1 de 2011 terá início na Austrália, a 27 de Março, sabendo-se entretanto que os derradeiros testes de pré-temporada terão lugar em Barcelona.



motrizes preparada pela Sinpar permitiu aos irmãos Marreau garantirem o terceiro lugar no famoso Rali Paris-Alger-Dakar.

Ao longo da sua vida, o R4 evoluiu em termos mecânicos. O motor inicial era um quatro cilindros de 603 cc e 20 cv com caixa de três velocidades, mas a cilindrada passou por 747 cc, 782 cc, 845 cc, 852 cc e 956 cc, até atingir a versão de 1108 cc combinada

com uma caixa de quatro velocidades.

Em 1992, as restrições à emissão de poluentes ditaram o final de vida do R4. Para a despedida da sua legião de fãs surgiu uma edição especial de 1000 unidades com um nome significativo: Bye-bye. A produção terminou, mas, ainda hoje, passados quase 20 anos, há muitas unidades que teimosamente continuam a rolar pelos quatro cantos do mundo.

Publicidade

Ford APRESENTA:

NOITE DE CABARET EXTRAVAGANZA EM MOÇAMBIQUE

3 E 4 DE MARÇO A PARTIR DAS 20H30 COCONUTS LIVE

1500.00 MT PUB HORA INICIAIS DE GALA ENTRADAS
3500.00 MT PUB HORA INICIAIS DE GALA ENTRADAS
OS BILHETES PODEM SER ADQUIRIDOS NO COCONUTS LIVE E NO DOLCE VITA.
O NÚMERO DE LUGARES É LIMITADO.

PATROCÍNIO InterAuto
Comércio Automóvel Ltda.

AFILIADO LM RÁDIO 97.8 FM

PRODUÇÃO Coconuts

ORGANIZAÇÃO OgilvyAction

EXPOSIÇÃO DE ANÚNCIOS DE HÁ MUITO TEMPO CRIADOS PELA GOLO - A ÚNICA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE EM MOÇAMBIQUE QUE É DOS TEMPOS. ANÚNCIOS CLÁSSICOS QUE MARCARAM A ÉPOCA, VENDERAM GRANDES MARCAS E CONTAM A HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE NARRADA ATRAVÉS DE ANÚNCIOS CLÁSSICOS. UMA EXPOSIÇÃO QUE MOSTRA CRIATIVIDADE INTEMPORAL E FAZ PARTE DA CULTURA POP MOÇAMBICANA.

ANÚNCIOS DOS TEMPOS

14 DE FEVEREIRO A 5 DE MARÇO

GOLO

Think local



“LANÇAMENTO DO LIVRO”

LANÇAMENTO DO LIVRO “ANÚNCIOS DOS TEMPOS”

MAPUTO, Março de 2011 - Um livro inédito que conta a história e o percurso da GOLO revisitando anúncios clássicos criados em Moçambique. Edição limitada, o cocktail de lançamento terá lugar no Instituto Camões em data a anunciar brevemente.

Já imaginou viver até os 103 anos? Mas, para isso, um sacrifício: não fazer sexo! Foi a receita de Gladys Gough, que nunca se importou com os relacionamentos íntimos. A virgem ainda afirmou que nunca fumou, nunca experimentou uma bebida alcoólica e nem sequer tomou remédios de prescrição médica.

A vida oculta das mulatas brasileiras



Estrela da escola de samba Grande Rio, a passista Rose Bombom, de 21 anos, esbanja simpatia e beleza. O contraste da pele negra com os olhos verdes é raro e espectacular. Registada como Rose Cláudia dos Santos, ela tem porte de princesa, mas mora num barranco na Favela Parque Centenário, em Duque de Caxias. Ela ajuda a avó – com quem mora desde os 8 meses, quando foi abandonada pela mãe – a sustentar oito primas menores. Namorado, faz tempo que não tem. O último terminou por causa do samba. "Ele disse: 'Se você me amasse, largaria tudo'." Rose preferiu ficar sozinha.

"Ser mulata é uma coisa que está no sangue. Já vem de pequena", diz ela, misturando cor e personagem, origem e profissão.

A mulata do imaginário popular, que faz sucesso no samba e na televisão, tem, além do corpo escultural, habilidades de dançarina e talentos de atriz. Não apenas para sorrir o tempo inteiro. Mas para encarnar, de forma convincente, um personagem que pouco tem a ver com sua existência.

Ana Pérola, de 24 anos, é um bom exemplo das contradições entre a mulher e o mito. Ela estrela os shows nocturnos da Mocidade Independente de Padre Miguel. À noite. Durante o dia, é apanhadora de lixo no Rio de Janeiro.

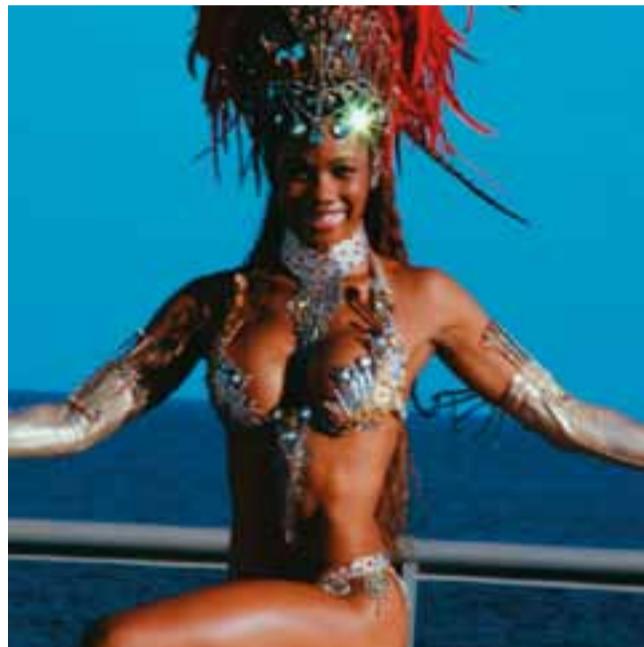
O uniforme laranja da Companhia de limpeza Urbana é bem diferente do biquíni de paetês (adereços) e das plumas que ela usa quando se apresenta. "As pessoas pensam que para ser mulata basta vestir um biquininho e sambar", afirma ela, cujo nome verdadeiro é Ana Lúcia da Silva.

Rafaela Bastos, de 29 anos, passista da Mangueira, fez faculdade de geografia. Amante dos livros, gosta de pensar a mulata através da história. "Tudo isso vem da escravidão. Os negros eram comprados pela sua força e beleza", afirma. Rafaela tem razão. Esse tipo físico de brasileira mestiça ganhou prestígio devido aos fetiches escravocratas – que, de alguma forma, permanecem.

Filha do branco descendente de portugueses com a negra trazida da África, a mulata virou símbolo de sensualidade e permissividade. No século XVIII, Gregório de Matos escrevia sobre a intensa actividade sexual das mulatas na Bahia. Na virada para o século XX, Aloísio de Azevedo reforçaria esse símbolo com a sua Rita Baiana, de O cortiço, uma das personagens mais famosas da nossa literatura. Descrita como bonita e sensual, era comparada pelo

O quotidiano das chamadas mulatas show, aquelas que trabalham sambando, não têm tanto glamour como imaginamos, mas complementam o orçamento doméstico. Ser mulata no Brasil exige, nos dias de hoje, muito mais do que exibir cor e traços intermediários entre o branco e o negro.

Texto: Adaptado da revista Época • Foto: Revista Época



autor a uma "cadela no cio". Porém, muitas vezes, a mulata sedutora pode ser apenas ficção.

Tânia Bisteka – Tânia de Fátima Souza Lima –, de 36 anos, casou-se com o homem que amava, mas flagrou-o com outra mulher quando estava grávida de cinco meses. Com o choque, perdeu o bebé e nunca mais quis ter filhos.

Sônia Capeta, da Beija-Flor, destrói outro tabu. Aos 50 anos, Sônia Maria Regina da Silva, a ex-rainha de bateria, revela que, depois de decepções amorosas com homens, agora vive com uma mulher. "É igual, o amor é o mesmo", diz. Apesar da cintura fina e do quadril frondoso, uma mulata nunca é igual a outra. Se a vida real das mulatas reflecte a pródiga diversidade humana, o papel que elas interpretam no imaginário brasileiro, e não só, é sempre parecido. A mulata lasciva do Brasil colónia foi sucedida pela mulata fogosa do Brasil imperial.

Agora, transformou-se na mulata show do Carnaval e da televisão. Lançada pelo teatro de revistas, essa é a mais recente encarnação do velho mito. Foi lançada por Carlos Machado, que começou a colocar mulatas nos seus espectáculos. Elas fizeram sucesso, e a moda chegou às escolas de samba, que já tinham passistas. "Hoje, mulata é uma profissão, que exige talento e disciplina", diz Sérgio Cabral, especialista em Carnaval.

Idealizador e roteirista do documentário, o jornalista Aydano André Motta diz que, ao longo da pesquisa, percebeu o preconceito em relação à expressão artística das mulatas. "Poucas pessoas olham para elas como artistas de verdade", afirma. Por isso, muitas mulatas tentam reconhecimento – e dinheiro – como dançarinas fora do Brasil. Uma opção que tampouco é fácil.

Elaine Ribeiro, de 28 anos, ex-rainha da Pedra, saiu do Brasil aos 18. Morou em diversos países, sempre dançando. Viveu por seis anos na

Itália. Nem sempre tinha dinheiro. Voltou a saber falar três idiomas. Hoje trabalha num hotel, no Rio de Janeiro.



Dandan Firmo, de 28 anos, do Salgueiro, mora no Morro do Vidigal. Também já tentou o exterior. Por um ano, viveu em Moscovo. "Passei frio e muita solidão", afirma. Havia dias em que ela não podia sair de casa por causa dos ataques de skinheads. "Eles não toleram gente de outra raça e imigrantes." O Brasil mais do que tolera as mulatas. Admira-as mesmo, mas talvez ainda não as entenda completamente".



A ntyiso wa wansati

* A verdade da Mulher



Text: Margarida Rebelo Pinto
averdademz@gmail.com

E Aqui Vai Disto

Tu não me conheces bem, Carminho. Limpas-me as lágrimas e aturas-me os desabafos, tens-me em conta como uma boa amiga e uma pessoa de bem, mas tu não sabes do que eu sou capaz quando perco a cabeça e me dá para enfiar um murro ou dois numa gaja qualquer. Sou pequenina mas sou tesa e quando me enfureço fico cega, Carminho, literalmente cega; puxo o braço atrás, calculo o ângulo de projecção e ferro dois selos seguidos que as deixo estendidas no chão com se fossem feitas de areia.

Esta noite sonhei que encontrava a parvalhona da Soraya num desses bares da moda. Lembras-te de eu te falar da Patrícia, não te lembras? É aquela pirosa que começou a andar atrás do Manel ainda antes de ele ter saído de casa, uma alta, de cabelos ao caracóis pelas costas abaiixo, em cachos, deve ter ido à Gulbenkian quando era miúda e enfeitiçou-se com o look das gajas nos vasos etruscos – bela colecção, a do Museu Gulbenkian, de vez em quando vou lá para refrescar ideias e procurar temas para os meus quadros – de maneira que, estava eu a contar-te que sonhei que encontrava a gaja num bar e lhe dava uma tareia da qual ela nunca mais recuperava.

Fecha a boca Carminho, não te espantes nem te choques, lá porque sou assim destravada não quer dizer que um dia te salte à boca. Descansa, só me dá para isto quando alguém me chateia até ao limite. Como o Manel, que veio cá a casa outro dia sintonizar-me a televisão e começou a falar do jeito que a Soraya tinha para os filhos dele, como se eu não tivesse andado quatro anos a mudar fraldas e a dar biberões, feita estúpida de amaseca sem remuneração, só para provar ao Manel que gostava dele, as coisas que uma gaja não faz por eles, está tu a pensar, mas olha que nem foi o caso, eu gostava mesmo dos miúdos e quando o Manel saiu de casa desferiu-me duas facadas no peito, a primeira foi sair assim sem mais nem menos e a outra, a pior, nunca mais me deixou ver os miúdos.

Olha que eu preciso de encher muito para me passar, mas quando me passo aqui vai disto, e foi assim que lhe espetei automaticamente um estaladão na cara que ele até voou, e teve sorte em não ter levado um murro como aquele que vou enfiar este fim-de-semana na Patrícia que anda mesmo a pedi-las.

Não te assustes, querida, isto já nasceu comigo, sou a mais nova de três irmãos e aprendi quase tudo com eles. O resto aprendi sozinha, nos filmes do Rambo e do Van Damme que o estúpido do Manel tinha a mania de alugar, eu a querer ver o Talentoso Mr Ripley e o gajo com a mania dos filmes de pancadaria.

Ao menos aprendi alguma coisa nesses serões parvos de vida de casal que finge que é feliz quando já há pouco para dizer e fazer. É como te digo Carminho, se apanho aquela gaja pela frente, fecho-me na casa de banho com ela e faço pontaria para que os cornos batam na caixa de metal do secador de mãos e depois lavo as minhas com sabonete líquido, tudo bem esfregado que é por causa das tosses.

Este Fevereiro vais navegar a dobrar

Junte-se já a nós e receba 50% de desconto na compra de modem e a dobro do que comprares em cartões pré-pagos! O seu bolso vai adorar esta promoção!

*Promoção disponível para novos clientes.

= 999,00 MT

ESTA PÁGINA É FOTOCINCIADA POR:

Internet para todos

Próteses serão melhores que o corpo e substituirão quase tudo

No filme 'Eu, Robô', o personagem de Will Smith tem um braço robótico melhor que o humano, mas odeia a prótese. O filme 'Ghost in the Shell' ('Fantasma do Futuro') mostra um futuro no qual é comum substituir partes do corpo por próteses que são melhores que o que foi substituído.

Texto: Adaptado de terra.com • Foto: Lusa



Braços robóticos, olhos biônicos, pulmões artificiais. Os avanços da medicina na área de próteses e órteses parecem cada vez mais com o mundo previsto pelos livros e filmes de ficção científica. Com a evolução da tecnologia e da biomedicina, o futuro promete surpreender ainda mais com equipamentos que ultrapassam os limites do corpo e que podem substituir quase tudo e até levar a um problema: algumas pessoas podem querer trocar partes de corpos por próteses.

A opinião é do professor da faculdade de medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e ortopedista do Hospital Mãe de Deus, de Porto Alegre, Luiz Roberto Marczyk. Segundo o médico, a área evolui por dois caminhos diferentes: o da tecnologia e o da biomedicina.

Marczyk dá o exemplo dos membros superiores. As próteses de pernas mais avançadas já conseguem devolver boa parte dos movimentos dos pa-

cientes – ele lembra o caso do corredor paratleta sul-africano Oscar Pistorius, que usa prótese nas duas pernas e chegou a participar das eliminatórias para a Olimpíada-2008.

O caso causou polémica porque a Federação Internacional de Atletismo (IAAF) afirmou que as pernas artificiais davam vantagem a Pistorius. "As próteses estão tão boas que os atletas de paraolimpíada estão a correr mais rapidamente que os outros", diz o médico. Pistorius disputou a Paraolimpíada de Pequim no mesmo ano e venceu em três categorias.

Já nas mãos, o problema é maior por causa do movimento dos dedos. "Hoje, existem próteses maravilhosas, bonitas, que imitam a mão. Mas não têm movimento. E não servem para nada", explica.

O médico diz que as próteses mecânicas tentam suprir essa necessidade, mas têm um grande desafio, que é o tacto, a sensibilidade da mão. "Se não (tiver sensibilidade), o paciente vai segurar um copo, vai segurar exageradamente, com muita força, e vai partir o copo". "Hoje é melhor fazer um transplante de mão, apesar de não funcionar maravilhosamente bem."

O futuro é das células-tronco?

O médico afirma que as pesquisas com células-tronco abrem uma nova possibilidade para esta área da medicina que já está em curso: a criação de próteses biológicas, vivas. "Uma prótese de quadril, hoje, é de metal ou plástico. No futuro,

ela vai ser de um material bio-absorvível e o paciente vai cultivar nela células-tronco. Com o passar do tempo, o organismo vai absorvendo a prótese e substituindo-a por tecido vivo", afirma. Essas pesquisas permitem que tenhamos próteses de quase tudo, diz o médico.

Contudo, ao contrário da linha puramente tecnológica, a que se baseia nas células-tronco está apenas a começar, ainda é muito rudimentar. "Estamos a descobrir o caminho." Marczyk diz que a linha biológica parece melhor que a da tecnologia, já que vai fazer com que os pacientes se sintam melhor com a prótese.

Ou é da tecnologia?

Para o médico André Pedrinelli, chefe do grupo de órteses e próteses do Hospital das Clínicas da USP, o caminho que a evolução vai seguir é o da tecnologia. Para Pedrinelli, ainda não se sabe o que vai resultar das pesquisas de células-tronco e a criação de próteses vivas ainda se mostra muito difícil. Um dos maiores problemas é que as pesquisas conseguem formar apenas um tipo de tecido de cada vez. "Um membro amputado não é só um tecido. Tem osso, pele, tendão, nervo, vaso (sanguíneo). Tem toda uma engenharia", diz o pesquisador.

O médico diz que o que se espera do futuro é o desenvolvimento da sensibilidade das próteses e do controlo cerebral – já que as próteses actuais movimentam-se por pressão dos músculos.

Segundo Pedrinelli, muitas dessas próteses que parecem futuristas já estão à disposição dos pacientes. Membros superiores com capacidade de movimentação dos dedos e até sensores de pressão, que garantem a capacidade de se-



gurar um copo ou uma caneta sem quebrar o objecto, nem deixá-lo cair no chão.

recuperação chega a 70% da função do membro.

Melhores que o corpo humano

Segundo os dois especialistas, as próteses, pelo menos de perna, já se mostram melhores que o membro natural em certos aspectos – se por um lado é melhor para correr, por outro, a falta de sensibilidade complica algumas acções, como conduzir um carro.

Mas não deve parar por aí. Braços mais fortes, olhos mais potentes e muito mais. Para Pedrinelli, até a legislação desportiva terá de mudar. Um atleta com prótese teria uma grande vantagem em relação ao adversário.

Questionado se, no futuro, as pessoas podem querer trocar partes do corpo por próteses, o médico responde: "Isso fica bem nos livros de fantasia".

Consolas de Jogos - a fasquia subiu

Os japoneses da Nintendo mostraram ao mundo a 3DS, uma consola portátil que permite jogar a 3 dimensões, sem necessidade de óculos

Texto: João Paulo Vieira/ Revista Visão • Foto: Lusa



Quando chegar, a 25 de Março, a 3DS terá uma escolta de luxo: cerca de 30 jogos, entre eles o PES 2011 e o Street Fighter, conteúdos televisivos fornecidos pelas cadeias Eurosport e Sky, animação com a assinatura dos estúdios Aardman (de onde saíram Wallace & Gromit e A Ovelha Choné, entre outros) e conectividade sem fios, com inúmeras possibilidades. Tudo isto em três dimensões e sem nos obrigar a colocar óculos especiais.

Quatro anos depois de revolucionar o universo dos videojogos, com os comandos sem fios e sensores de movimentos da consola doméstica Wii, eis a tentativa de estabelecer um novo paradigma.

Mas, ao contrário do que sucedeu no final de 2006 – Sony e Microsoft apostavam forte na alta-definição e a Nintendo preferiu uma nova forma de jogar, com a definição antiga –, a companhia japonesa faz uma aposta pioneira com uma consola que utiliza a estereoscopia para simular a profundidade. Serve para jogar, ver vídeos, filmes, programas televisivos e não só.

A nível da conectividade, a 3DS dá um passo de gigante em relação à antecessora DSi. A nova função StreetPass possibilita o intercâmbio de informações e itens de jogos com outras 3DS sempre que os seus proprietários se cruzem, na rua ou em qualquer outro local, desde que a consola esteja ligada ou em modo de suspensão.

Com o novo SpotPass activado, é possível ligar a 3DS à Internet através de redes sem fios, públicas ou domésticas, e manter a consola permanentemente actualizada. Ecrã a três dimensões, outro táctil, três câmaras e conectividade wi-fi... Poderá a 3DS ser algo mais que uma consola de jogos? «É um dispositivo único e tem muito mais a oferecer além do 3D», sublinha Laurent Fischer, director de marketing e relações públicas da Nintendo Europe.

E conclui: «Os limites estão nas mãos dos produtores de conteúdos, jogos e aplicações. A tecnologia também está nas mãos deles.» Falta saber o preço. A marca não revela, por agora, mas a divisão inglesa da mega-loja virtual Amazon.com está a aceitar pré-encomendas por cerca de 240 euros.



O músico e etnomusicólogo Luka Mucavele leva ao palco do Centro Cultural Franco-Moçambicano o espectáculo "Continuity and Changes", que é a sua tese de mestrado em World Music Studies, Ethnomusicology, que obteve ao fim de alguns anos na Universidade de Sheffield, no Reino Unido.

O humorista com espírito de cantor



Aos 50 anos já é o maior humorista moçambicano e na infância tudo o que queria era ser músico. Nelson Coutinho de Sousa é natural de Chimoio e chegou a Maputo para gravar um disco, mas cinco minutos a contar piadas numa festa radiofónica abriram-lhe as portas da Rádio Moçambique. Ainda é do tempo em que se podia chamar o PR de Mariazinha. Hoje, nem pensar...

Chaguatica Dzero continua a ser uma das mentes mais criativas do humor nacional. Aos 50 anos de idade, o seu virtuosismo está longe de se esgotar apenas na arte de contar piadas e fazer sátira. A música é a sua outra paixão e acompanha-o desde miúdo mas o humor é o dom que se lhe cola à pele quando o seu nome vem a terreiro.

Nelson Coutinho de Sousa, ou simplesmente Chaguatica, é mais do que um simples humorista. Despertou para o mundo das artes ainda cedo, quando frequentava uma escola primária na cidade de Chimoio. Mas foi aos 10 anos de idade que começou a dar os primeiros passos no universo da música no agrupamento Oliveira Muge.

"Era um grupo constituído por pessoas adultas e era uma das melhores bandas de música que existia na época", comenta. Iniciou-se a tocar bateria e, mais tarde, passou a dedilhar guitarra. A paixão pela música

ainda se mantém, embora não de forma intensa.

Ainda na infância, fez parte de pequenos grupos teatrais que se apresentavam em datas importantes como as de festas de Natal e do fim do ano. "Sempre fazia papéis cómicos nas peças teatrais. Numa das nossas apresentações, um professor prestou atenção à minha actuação e viu que tinha talento", conta.

Não deve a sua fama ao escrutínio público e tão-pouco a um mero golpe de sorte, mas graças a uma rara qualidade inata em contar piadas e satirizar a realidade tornou-se o melhor humorista nacional de todos os tempos. Diga-se, Chaguatica é um de poucos artistas capazes de galvanizar a atenção do público sem ter de mostrar o seu rosto. "Há humoristas cujas piadas só têm graça quando os vemos. Eu, particularmente, nunca precisei de dar a cara para que as

Textos: Hélder Xavier • Foto: Miguel Manguezé

pessoas se riem das minhas piadas", orgulha-se.

Mas fazer humor nunca foi a sua prioridade, até porque o sonho de menino sempre foi tornar-se um grande músico. "Cresci num ambiente no qual os meus pais incentivavam-nos a estudar. Eu estava inclinado para a música e dediquei-me muito a ela".

A sua entrada no mundo de humor não foi algo pensado. Tudo inicia quando o mercado de música começou a registar momentos difíceis em termos de espectáculos. Com mais de 25 anos de trabalho e uma legião de admiradores, o músico viu-se na desconfortável situação de reinventar a sua carreira porque "a música já não estava a dar", visto que, por um lado, não havia instrumentos musicais e, por outro, as casas de pasto começaram a apostar nos DJ's.

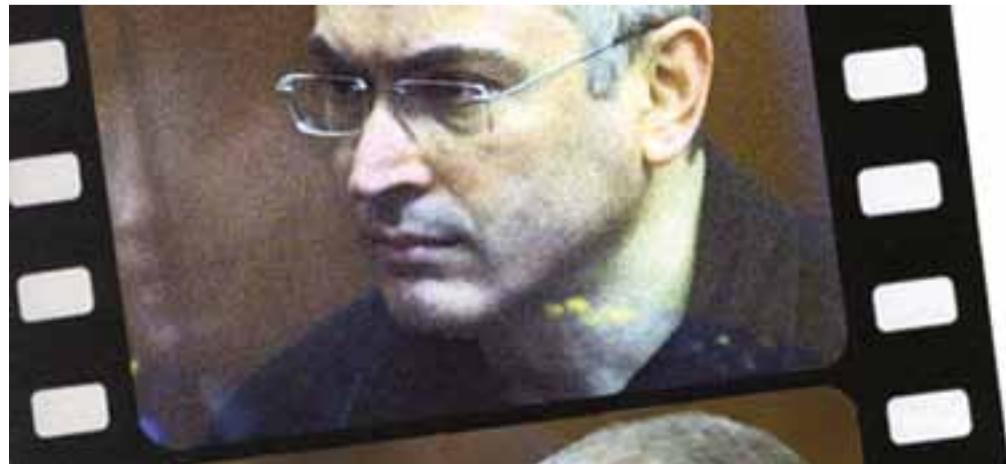
continua Pag. 29 →

Um toque de "thriller" russo na Berlinale

Texto: Thorsten Schmitz / Süddeutsche Zeitung • Foto: Lusa

O realizador alemão Cyril Tuschi iria apresentar um filme sobre o dissidente russo Mikhail Khodorkovsky no Festival de Cinema de Berlim. Mas o filme foi roubado e o cineasta sente-se perseguido.

continua Pag. 27 →



Pandza

Hélder Faife
helder.faife@yahoo.com.br



Se fosse no T3

– Sabes, Muamar...

Abordei-o em tom sincero, tilintando num pires encardido um copo com água até a cintura, no mais puro gesto de hospitalidade. Muamar estava parado em frente da pequena abertura que fingia de janela, apreensivo, concentrado na agitação lá de fora, por isso respondeu-me com apenas um olhar de soslaio rápido. Aproximou-se com cuidado da suposta janela, de modo que pudesse ver sem ser visto. Aos poucos os feixes de luz que se entornavam para o escuro da sala em que estávamos iluminavam-lhe a face. Tacteou o ar para, sem olhar, receber o copo que eu lhe oferecia, quase derrubando-o. Estranhou a loiça metálica, habituado a luxos, mas não rejeitou a água. Deixou o olhar percorrer os reflexos do copo, depois atravessou a janela sem vidraça, segurando a ferrugem fria da grade embaciada com a humidade da sala. Em tom de resignação, murmurou, desviando o olhar para o chão:

– Está tudo lixado!

Fez-se um longo silêncio entre nós, só se ouvindo apenas as vozes revoltadas dos manifestantes abafadas pela distância. Por camaradagem masculina quis dizer algo para animá-lo mas senti-me impotente. Em dois tragos esvaziou o copo com sede própria de aflitos, como se as chamas das revoltas lhe incendiassem por dentro. Ainda ofegava. Havia poucos minutos que mo tinham trazido, fugindo da fúria popular como quem foge do diabo, procurando abrigo.

– Sabes, Muamar, podia ser pior. – Disse o que me ocorreu, tentando quebrar o gelo do silêncio.

– Pior do que isto? – perguntou com autoridade, a voz tornou-se grave e falou-me por cima do ombro, com altivez dos tempos de chefia, esquecendo-se da sua nova condição.

– Sim, no T3, por exemplo, seria pior.

– Onde é T3?

– É um bairro, lá da na minha terra... – expliquei – um bairro que subdivide Maputo. Um bairro como muitos de lá, recalcado pelas insídias da sociedade – nostálgico, fiz uma pausa e o homem olhou para mim com curiosidade, perguntando-me com o olhar:

– O que tem o T3? O que acontece se fosse lá?

– É um bairro penhorado ao esquecimento, um bairro que parece um bolso furado à espera de um salário mínimo – interrompendo-me, de vez em quando, ouvia-se uma explosão, depois era abafada pelos festejos dos manifestantes, Muamar assustava-se, eu acalma-o – é um bairro que pelas carências criou as suas próprias leis e desenvolveu a sua própria soberania.

– Mas o que aconteceria? – Perguntou. Percebia-se na curiosidade uma procura desesperada de alternativas à nova situação.

– Se fosse no T3 o teu julgamento, Muamar...

– Julgamento? Que julgamento? Quem disse que eu vou ser julgado? – Assustado, exaltou-se com arrogância de quem desaprendeu a prática da humildade com os longos anos de chefia.

Pus-lhe a mão no ombro e senti a qualidade distinta dos panos que vestia. Acalmei-o como se faz aos animais irracionais, quando se rebelam. Domestiquei-o. Regressou à razão e eu prossegui.

– Se fosse no T3, o teu julgamento seria célebre, livre dos trâmites burocráticos que caracterizam os tribunais. Se fosse no T3 ninguém confiscaria os teus bens. Ninguém se importaria com as tuas contas bancárias. Não haveria a pompa dos tribunais convencionais. Aquela palhaçada de Haia... nem o protagonismo de primeira página nos jornais... apenas uma notícia na televisão popular a realçar o acontecido e não o visado: "Mais um cadastrado assassinado pela população em fúria..." anunciar-se-ia com a voz mecânica dos noticiários legendando um cenário de paus, pedras, pneus em chama, e o teu corpo chamuscado, a fumegar, anônimo! Anônimo! Entendes?

Sacudiu a cabeça para cima e para baixo, dizendo sim, com os olhos violentamente esbogalhados de susto.

– E a população em júbilo gritando vitórias... e o teu corpo em chamas, para depois ser servido aos vermes de uma vala comum qualquer. Morro, sem merecer uma página, uma alínea sequer, na história.

Parecia um menino aterrorizado pelas minhas palavras. Deixei-o no frio do cómodo minúsculo, escuro e húmido, ao som dos cada vez mais exaltados gritos dos manifestantes, sentado na prancha de madeira que lhe serviria de cama. Despedi-me dele com duas palmadas no ombro, gesto de camaradagem masculina, e tranquei as grades metálicas da cela, protegendo-o de si mesmo.

A Associação Moçambicana de Cineastas (AMOCINE) e a Eventos Biz Lda homenagearam o cineasta José Cardoso, considerado o decano do cinema moçambicano.

COMENTE POR SMS 821115

PLATEIA

continuação → Um toque de "thriller" russo na Berlinale

Cyril Tuschi tem um ar nervoso e fala depressa. A 14 de Fevereiro, o seu documentário sobre o dissidente russo Mikhaïl Khodorkovsky iria ser apresentado em anteestreia mundial na Berlinale (que decorreu de 10 a 20 de Fevereiro). Mas ao fim de uns dias, o realizador tem a impressão de estar a ser protagonista de um filme, contra a sua vontade. "Parece um policial de terror", declara Tuschi. Neste momento, vive em casa de amigos e afirma: "Querem meter-me medo e tenho de reconhecer que conseguiram".

Dia 4 de Fevereiro à noite, as instalações da sociedade de produção berlinese foram assaltadas. Desapareceram os dois computadores e os dois portáteis que continham a versão definitiva do filme de 111 minutos. A polícia fala em "assaltantes altamente profissionais". É a segunda vez que Tuschi fica sem os computadores. O primeiro incidente teve lugar há umas semanas no Bali, onde o realizador contava finalizar a

sua participação na Berlinale no seu quarto de hotel.

"Cometeste um erro ao dares uma entrevista a jornalistas russos"



"Sinto-me perdido", acrescenta Tuschi. Na Rússia, reinava um clima "de histeria mesmo antes da estreia". A 5 de Fevereiro, o diário económico Kommersant

afirmou em primeira página que iria trazer consequências penais para os que nele interviniham. Elena, ex-mulher de Khodorkovsky, que faz um discurso no documentário, enviou uma mensagem a Tuschi a dar-lhe

Durante cinco anos, Cyril Tuschi recolheu 180 horas de depoimentos em Moscovo, Telavive, Londres, Nova Iorque, Sibéria e Berlim. Este filme conseguia contornar a cortina de fumo da máquina de propaganda da

vsky e o filho, que vive exilado em Nova Iorque, também falam, bem como Leonid Nevezline, antigo acionista maioritário do grupo petrolífero Loukos, e o antigo ministro (alemão) dos Negócios Estrangeiros, Joschka Fischer. Este último refere um encontro insólito com Putin, em Hamburgo, quando o então Presidente russo tinha afirmado que o Estado iria delapidar a Loukos sem

juízes. Conseguiu dois minutos preciosos. O diálogo mostra um homem que quer dar a impressão de ser forte e que, apesar de tudo, confessa: "Acreditei ingenuamente que havia justiça na Rússia".

Segundo Tuschi, os Serviços Secretos russos não estão por trás dos roubos. "Não têm estilo para isso." Seja como for, os parceiros russos aconselharam a pedir proteção pessoal na Alemanha. E não estão a brincar. Eles próprios decidiram não estar presentes em Berlim para a estreia mundial. Que vai poder desenrolar-se como estava previsto: umas horas antes do assalto, Tuschi tinha enviado uma versão anterior do filme para a secção Panorama do festival. Cyril Tuschi, cujos pais, de origem russa, também nasceram na Alemanha, mostram-se hoje mais prudentes: "Para dizer a verdade, queria fazer um filme sobre Assange, mas, neste momento, vou deixar passar mais um tempo. Prefiro fazer um filme fantástico".

Para quando um filme sobre Julian Assange?

A entrevista é feita ao próprio prisioneiro, condenado a ficar atrás das grades, pelo menos até 2017. É a única entrevista autêntica com o ex-oligarca, nestes últimos sete anos. Só está autorizado a comunicar por escrito. Mas houve um dia em que, durante o julgamento, a ministra da Justiça (alemã), Sabine Leutheusser-Schnarrenberger, conseguiu falar dois minutos com Khodorkovsky e Tuschi tomou a iniciativa de solicitar uma entrevista aos

conta das suas preocupações: "Cometeste um erro ao dares uma entrevista aos jornalistas russos".

tin e mostra como aquele que em tempos foi o homem mais rico do seu país passou para a oposição, antes de ser posto na prisão. A mãe de Khodorko-

Urso de Ouro: de Berlim para o Irão, com amor e medo

"Nader and Simin, a Separation", de Asghar Farhadi, foi o grande vencedor, no ano da ausência de Jafar Panahi.

Texto: Diana Garrido/ Jornal I • Foto: Reuters



Nader é iraniano, funcionário de um banco e casado com Simin. Simin é iraniana e quer emigrar em busca de melhores oportunidades para a filha. Nader não quer deixar o Irão e por isso Simin sai de casa e pede o divórcio, apesar do peso das tradições iranianas.

É a partir daí que toda a ação se desenrola. Falamos de "Nader and Simin, a Separation", o filme vencedor do Urso de Ouro (Melhor Filme) deste ano do Festival de Berlim, do realizador iraniano Asghar Farhadi. O filme é um olhar sobre a classe média e a sociedade iraniana contemporânea, ainda em conflito com a religião e tradições. A revista "Variety" descreve a narrativa do realizador como "tensa, complexa e moralmente desafiadora".

Esta não foi a primeira vez que Farhadi subiu ao palco do Festival de Berlim, já que em 2009

o realizador iraniano ganhou o Urso de Prata, para Melhor Realizador, com "About Elly".

Censura

Este seria o ano em que Jafar Panahi, vencedor do Urso de Prata em 2006, faria parte do júri da Berlinale, ao lado de nomes como Isabella Rossellini, Jan Chapman ou Guy Maddin.

O lugar permaneceu vazio em sua homenagem, já que o realizador iraniano foi condenado a seis anos de prisão e proibido de fazer filmes ou sair do país durante 20 anos, por oposição ao regime e apoio à oposição. Com ele, foi também preso o realizador Mohammad Rasoulof, entretanto libertado.

Abbas Kiarostami, Juliette Binoche, Steven Spielberg, entre muitos outros, falaram a favor do realizador iraniano, exigindo a sua libertação, mas sem

sucesso.

O próprio Asghar Farhadi sofreu na pele as consequências de um discurso levemente contra o regime. Em 2009, com o Urso de Prata na mão, o realizador iraniano referiu ter a esperança de que fosse permitido aos seus colegas exilados regressar a casa. O resultado não se fez esperar: o ministro da cultura iraniano proibiu as filmagens de "Nader and Simin, a Separation", só voltando atrás na decisão depois das inúmeras garantias de Farhadi – mais diplomata e contido do que os seus colegas – de que as suas intenções não eram de crítica ideológica ou política.

Nova Vaga

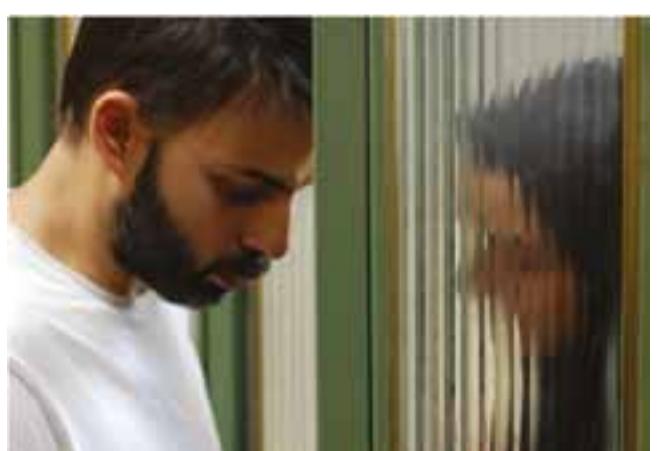
Asghar Farhadi pertence à terceira geração da new wave do cinema iraniano, que surgiu no final dos anos 60 e trouxe um tom político, filosófico e crítico,

misturado com uma linguagem mais poética, à produção cinematográfica iraniana. Abbas Kiarostami faz parte da primeira geração new wave, Jafar Panahi da segunda geração e Bahman Ghobadi, ao lado de Farhadi, representa a terceira.

Em comum entre todos os nomes, uma dúvida constante sobre a aceitação das suas obras por parte do Estado. No Irão, para se ser um realizador abençoado pelo Governo é preciso assinar filmes épicos, de grandes feitos bélicos, ou comédias frívolas. Quem escolhe o caminho do protesto ou da reflexão política e social, ou se exila ou terá problemas com o Governo.

Cada guião tem de ser aprovado pela censura e, mesmo quando o é, a própria produção pode não ter essa sorte. O realizador Bahman Ghobadi referiu, em entrevista ao site "Iranian.com", que nunca escreveu guiões livremente, já que desde os 18 anos, altura em que começou a fazer filmes, vivia "90% do tempo preocupado com a censura".

Este ano, na conferência de imprensa no final da Berlinale, Asghar não evitou responder às perguntas sobre os últimos acontecimentos políticos no Irão. Para o realizador, uma das razões para o caos social é "a luta de classes entre os pobres, que são mais tradicionais, e uma outra classe que quer viver de forma moderna". "É de certa forma uma luta escondida entre velhos e novos e um conflito que se tem vindo a desenrolar e por esta luta a sociedade pagará um preço elevado", concluiu.

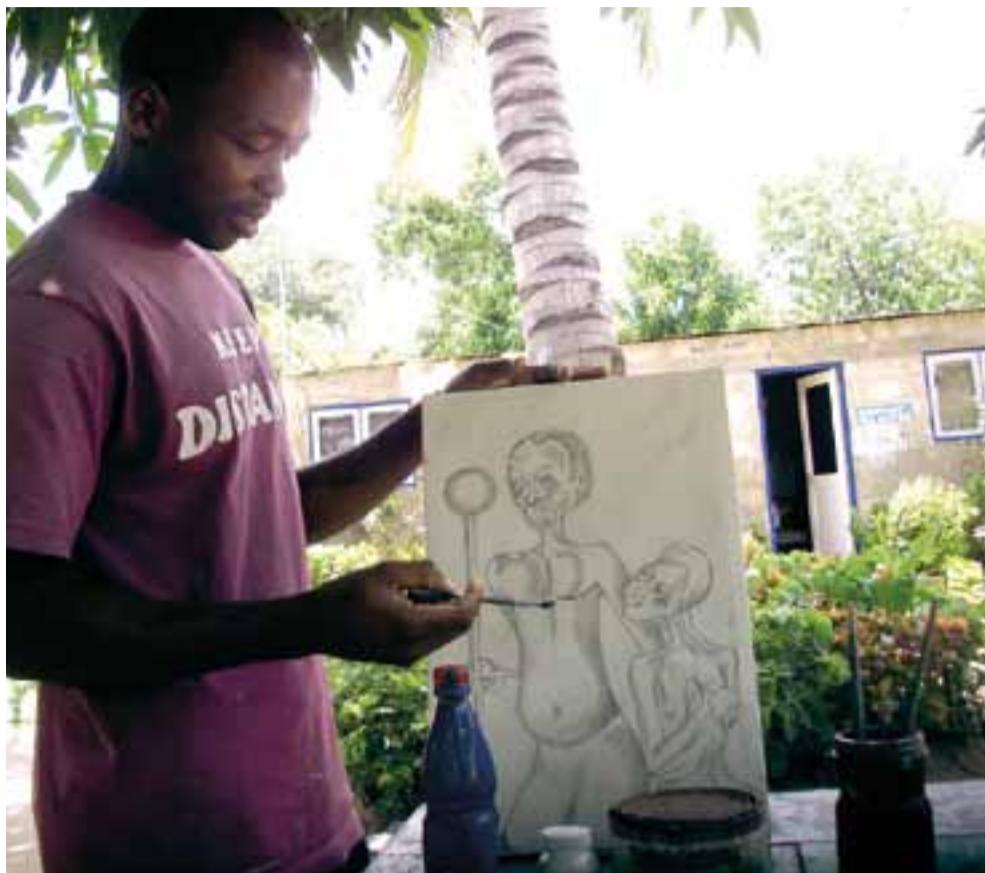


PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

A criação de um centro de formação sobre gestão do património cultural com vista a beneficiar os países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) foi objecto de uma reflexão no primeiro encontro sobre gestão do património cultural daquele bloco de países.

Um artista plástico que transborda talento



Francisco Alfredo Mabele é mais do que um simples artista plástico, pois ele explora as ambiguidades, deambula por dentro e fora das suas obras e cria um mundo imaginário onde tudo é simultaneamente eterno e estático: desde o tempo, passando pela ideia até o espaço. Diga-se, o jovem transforma em ouro tudo que toca.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguezé

Começou por pintar com recurso ao pó de carvão vegetal e um pequeno ramo de árvore servia de pincel, transcorria o ano de 1995. Mas, hoje, com 28 anos de idade, Francisco usa tinta de óleo para verter numa tela os sentimentos mais profundos que há si.

Mora no bairro Acordos de Lusaka, algures no Posto Administrativo do Infulene, no município da Matola, na casa dos seus pais. Órfão de mãe desde de 2002, o jovem deu os seus primeiros passos no mundo das artes plásticas, quando contava com apenas 12 anos de idade, copiando retratos de astros do universo de cinema e da música.

"Batia pernas pelas artérias da cidade à procura de retratos de Michael Jackson, Silvestre Stallone, entre outras personalidades. Quando apanhava as fotos em revistas ou outro lugar, levava-as à casa e passava o dia a copiar-las", conta.

A partir de 1997, optou por fazer desenhos de personalidades locais em pequenos qua-

dros. Se condições para comprar tinta, moía o carvão para compor as suas obras e no seu primeiro quadro retratou a figura do primeiro Presidente de Moçambique, Samora Machel. "Nunca me esquecerei desse quadro porque marcou uma outra fase da minha vida, no que concerne às artes plásticas", lembra com satisfação.

Nem a dor lhe tira a criatividade

Em 1998, Francisco viu o corpo do seu trabalho ganhar ânimo, uma vez que passou a fazer quadros a cor e com tinta de água. O sucesso era inevitável. Começou a viver o momento mais alto da sua carreira em ascensão. Mas foi sol de pouca dura, pois, uma enfermidade cruzou o seu caminho, tendo levando-o ao leito hospital.

"Fiquei muito doente. Os meus

problemas de saúde arrastaram-se por quase um ano", diz.

Porém, a doença não foi argumento suficiente para fazê-lo desistir do seu sonho, até porque a paixão pela arte foi-se intensificado ao longo do tempo.



Mesmo internado no Hospital Central de Maputo, punha-se a fazer o que mais gosta de fazer: desenhar. "No hospital, pegava uma folha A4, lápis de cor e um lápis grafite para fazer alguns desenhos. Os médicos e alguns

cidadãos chineses visitantes apreciavam os meus trabalhos", conta.

O hospital deixou de ser um lugar moribundo para o jovem Francisco e tornou-se num espaço de troca de experiência. "Conheci um paciente oriundo do norte do país que também fazia artes plásticas e trocámos muita experiência", afirma. Durante o tempo que esteve internado, perdeu quase todos o material, o que dificultou retomar as suas actividades. A enfermidade não só afectou o seu trabalho como também os seus estudos.

Em 1999, Francisco, vendo-se sem ocupação, rumou para a vizinha África do Sul em busca de "el dourado" a convite de um amigo do seu irmão. Saíu de casa sem ter se despedido da família. Em 2002, foi repatriado após de ter sido interpellado pelas autoridades policiais sul-africanas. "Alguns dos meus compatriotas que também se encontravam na mesma situação [imigrante ilegal] foram levados à cadeia de Tembissa, e outros tiveram a sorte de serem deportados", lembra.

Francisco nunca se resignou da pintura. Na terra do rand, trabalhou numa firma vocacionada à pintura de edifícios e produção de imagens publicitárias. "Só deixei de desenhar em telas,

a um amigo de nome Vasconcelos, por sinal também artista plástico. Desprovidos de condições, faziam as pinturas a preto e branco mas na expectativa de, menos dias ou mais dias, podem pintar a cores.

Em 2003, Francisco e o seu amigo afastaram-se das artes plásticas e passaram a dedicar-se à construção civil com intuito de amealhar algum dinheiro para investi-lo no que mais se identificam: as artes plásticas.

Nos princípios de 2007, ambos retomar às artes plásticas. "O irmão do Vasconcelos disse-me que sou talentoso e não podia sofrer fazendo trabalhos pesados", comenta. O tal irmão de companheiro apresentou-o a um conceituado artista plástico, chamado Domingos.

Domingos reconheceu o talento dos dois jovens e convidou-os para a sua empresa vocacionada às artes plásticas. Na firma, Francisco ocupou o cargo de supervisor do material de trabalho e também desenhava, e o seu companheiro, por ter um grau académico superior ao dele, foi nomeado encarregado.

"O senhor Domingos é que me ajudou aperfeiçoar na pintura de quadros. Ele teve a formação nas artes plásticas e fazia a questão de me emprestar o material didáctico que usara nessa

dois anos de muita aprendizagem e aperfeiçoamento. Neste momento, faço quadros em casa, ainda com algumas dificuldades de matéria-prima, como tintas e pincéis", acrescenta.

Pintar África do Sul

Regularmente, Francisco Mabele vende os quadros na vizinha África do Sul. Neste momento, encontra-se produzir 16 quadros que, até Abril, terá de enviá-los para aquele país. "Não tenho passaporte, o meu companheiro é que vai transportá-los para lá", comenta.

Na África do Sul, vende a preço que varia entre 100 e 150 rands. "Para os revendedores, fazemos um abatimento", conta para depois acrescentar que, em cada quadro, tem um lucro que ronda entre 200 a 300 meticais, pois os custos de produção de um quadro "são elevados".

Além de pintar quadros, Francisco tem feito pintura nas paredes de diversos tipos de estabelecimento comerciais e de serviço como, por exemplo, barracas e salões de cabeleireiro. Com o dinheiro que amealha nesses pequenos trabalhos e na venda de quadros, retira uma parte para ajudar a família e, a outra, usa para a comprar a matéria-prima e sustentar as suas despesas escolares.

Deus dá apenas um talento

A sua relação com os estudos não é dos melhores. Para Francisco, o sucesso escolar parece-lhe algo de outro mundo. Esforça-se mas nada certo, pois sempre aparece-lhe algum infortúnio. Com 28 anos de idade, faz a sétima classe numa escola algures no município da Matola. "Na verdade, tudo começou a complicar-se quando, em 2002, perdi a minha mãe", justifica-se.

O seu maior sonho é formar-se em artes plásticas. "Se terminar a sétima classe, vou inscrever-me na Escola de Artes Visuais para aperfeiçoar os meus conhecimentos", diz.

O artista plástico diz que, apesar de fazer trabalhos de reconhecido mérito, enfrenta sérias dificuldades no que concerne aos instrumentos de trabalho. "Se conseguisse um financiamento no valor monetário de 25 mil meticais, poderia comprar quase todo o material necessário para a produção dos meus quadros. Hoje os meus quadros não são nenhuma cópia, inspiro-me no real e faço os quadros", diz.

CONCURSO Bolachas Sasseka

GRANDES PRÉMIOS

1º Plasma 50" 2º Geladeira 3º Home theater 4º Aparelhagem sonora Hi-Fi 5º Televisão Slim fit

Nome completo: _____

Data de nascimento: _____ Nacionalidade: _____

Estudante: _____

Sabor preferido: Kibom Morango Marie Kibom Limão Glucose Kibom Chocolate

Endereço para contacto:

provincia: _____ Cidade: _____

Rua: _____

Bairro: _____

Telefone: _____ Cel: _____

Email: _____

Publicidade

Recorte esta ficha de inscrição Junte 3 pacotes de bolachas da sasseka Marie, Glucose ou Kibom (qualquer sabor) coloque num envelope e envie para: Africom, departamento de Marketing, Av do Trabalho nº 1107/VC Maputo - Moçambique

Sorteio final no dia 28 de Abril de 2011

continuação → O humorista com espírito de cantor



Nelson de Sousa deixou de fazer música e passou a trabalhar numa Organização Não Governamental. Aliás, quando podia, fazia algumas actuações mas não passava de hobby. Com o músico Célio Figueiredo, o artista lançou o trabalho discográfico denominado "Haja Amor".

Mas foi na altura em que veio à cidade de Maputo para gravar o disco que viu as portas do universo das piadas abrirem-se. Chaguatica aproveitou-se dum pausa para, em cinco minutos, numa festa da Rádio Moçambique (RM), onde haviam sido convidados para apresentar as suas músicas, contar algumas anedotas. E o resultado: caiu na graça do público presente. "O humor fez sempre parte de mim, mas nunca o levei a sério", afirma.

Momentos depois, o artista recebeu um convite do antigo presidente do Conselho de Administração da RM, Manuel Veterano, para fazer um programa radiofónico de humor. Chaguatica não se fez de rogado e aceitou logo o repto, perto de celebrar o seu 30º aniversário.

"Nunca pensei que faria do humor a minha profissão. Sempre achei que seria da música que viveria, embora tenha crescido numa época em que havia muito preconceito à volta da figura de músico. Na altura, ser músico era sinônimo de marginal ou de indivíduo 'sorumbático' e de vida desregrada. Hoje, a concepção é outra", comenta.

Porém, antes de levar ao ar o seu próprio projecto, o humorista dava o ar da sua graça num espaço de pouco mais de cinco minutos no programa de Luísa Menezes denominado "30 Por Uma Linha". Mais tarde, viria a assinar um contrato de exclusividade, que perdura há mais de 12 anos, com a emissora pública.

"Hoje o humor é bastante filtrado"

Quando começou a dar os primeiros passos como humorista, Chaguatica não acreditava no sucesso do seu trabalho, que foi ganhando alento à medida que o tempo ia passando. Com um assaz e peculiar sentido de humor mesclado de grandeza criativa, fez – e continua a fazê-lo – o país inteiro soltar gargalhadas com a realidade da sociedade moçambicana que ele, como

ninguém, sabe ficcionar.

Os pequenos insólitos do quotidiano dos moçambicanos e as questões ou figuras ligadas à política nacional eram os temas que dominavam o programa. Se no passado podia fazer sátira de assuntos políticos e sociais do país sem ter de se preocupar, actualmente a situação é "um bocado difícil pois nem tudo o que fazemos chega ao público", acrescenta: "Hoje, o tipo de humor é bastante filtrado".

Mas o que preocupa o humorista não é apenas o controlo do tipo de anedotas que se devem fazer, mas a falta de senso de humor dos governantes. "Os políticos de hoje não têm senso de humor e sentem-se ofendidos com qualquer tipo de piada. Antigamente, isto é, no governo de Chissano podia-se fazer graça com qualquer dirigente e ninguém se ofendia. Já apelidei o presidente Chissano de Mariazinha por várias vezes, hoje nem sequer se deve pensar em fazer uma coisa idêntica", lamenta.

Agora, a situação resume-se apenas em fazer sátiras de pequenos assuntos sociais. "É preciso rirmos de nós mesmos. Rir é uma terapia, é saudável", diz.

Riso Não Paga Imposto

O "Riso Não Paga Imposto" é o primeiro programa radiofónico dedicado ao humor. Desenhado por Luísa Menezes, o programa tem um perfil que vai mudando de acordo com as situações ou a realidade. "Nem sempre aquilo que chega ao público é tudo aquilo que queremos", lamenta.

Chaguatica convidou diversos jovens emergentes no mundo de humor, como, por exemplo, Ring Ring, Búfalo, Watsongo e Mito Munhambe, para fazerem parte do programa e ajudou grande parte deles a chegar à ribalta. "No início, o programa era feito por um locutor e, mais tarde, nós passamos a fazê-lo. Com o tempo, a rádio dispensou outros e ficámos apenas eu e o Ring Ring", conta.

Conduzido por Chaguatica Dzero, o "Riso Não Paga Imposto" começou por ter cinco minutos diáários de duração, passou por trinta por semana e, depressa, chegou a uma hora semanal. Tempos depois, voltou aos trinta minutos semanais e, presentemente, dispõe de apenas 15 minutos.

Os temas do programa são definidos durante a semana, ou seja, os humoristas procuram os assuntos e fazem uma concentração para definir o conteúdo. Nas terças-feiras, é gravado, de seguida passa pelo director do programa que edita o teor, e só depois disso vai ao ar todos os domingos de manhã. "A audiência caiu porque o programa esteve durante um ano fora do ar e também a hora e o dia de semana de emissão não é ideal, pois sabe-se que aos domingos grande parte das pessoas está na igreja", afirma.



Ao longo da sua carreira como humorista, Chaguatica diz já ter passado por momentos nada agradáveis por causa das graças que fez. "Muitos ouvintes ligavam para a Rádio para repudiar algumas anedotas ou sátira que fazíamos de certas pessoas. Já fui pu-

nido com 10 dias sem salário". Mas o mais desagradável é o facto de "muita gente não levar a sério o Nelson de Sousa por causa de Chaguatica Dzero" – expressão nhungué que literalmente significa "juízo quebrado".

Nascido a 21 de Janeiro de 1961 em Ribaué, província de Nampula, Chaguatica cresceu entre Sofala e Manica. Olha para o futuro da arte de fazer rir com optimismo, pois, segundo ele, "existem jovens humoristas com muito talento e força de vontade".

O humorista coleciona duas distinções – Melhor Humorista de Ano 2002 e 2003 –, sete álbuns lançados e pretende editar uma colectânea com as suas melhores piadas e sátiras. "Durante cinco anos não lancei nenhum álbum e tenho muito material. Estou a estudar uma forma de fazer um CD", revela.



Pura como a saudade.

Aproveite a pureza da montanha todos os dias. Sinta-se envolvido por uma intensa sensação de frescura trazida pelos 1600m da Serra Vumba. É a Natureza intacta para si.

Vumba. O que temos de mais puro.

Canais pagos podem perder transmissões de Mundiais e Europeus de futebol depois de o tribunal geral da União Europeia haver autorizado os Estados Europeus a tornarem obrigatória a transmissão em canal aberto de jogos dos Mundiais e Europeus de futebol, considerando-os acontecimentos de interesse público.

Al-Jazeera a voz incómoda que muitos querem silenciar

A cadeia de televisão do Qatar converteu-se numa referência para a informação global. Os regimes autoritários tentam bloquear o seu trabalho, assustados pela potência 'da revolução em directo'. Os governos ocidentais, que anteriormente criticavam a estação, valorizam agora o seu papel democrático.

Texto: Fabrizio Simula / "El País" • Foto: Al-Jazeera



"Longa vida à Al-Jazeera", gritavam os manifestantes da Praça da Liberdade no centro do Cairo durante os protestos que acabaram por derrubar Hosni Mubarak. A cadeia televisiva do Qatar converteu-se num símbolo para a população em rebelião contra os regimes autoritários do mundo árabe. A cobertura em directo das manifestações na Tunísia e no Egípto demonstrou bem a potência mediática em que a Al-Jazeera se converteu, assustando os líderes de muitos países.

Não é só a Internet que preocupa os ditadores, pela sua capacidade de aglutinar os jovens como catalisador dos protestos e pela possibilidade de informar e de tornar a censura, a televisão sem fronteiras também o é. O êxito da revolta no Egípto, essa 'revolução em directo' é todo um mito na informação e na política internacional. Os ciberactivistas iranianos lançaram uma página no Facebook para incentivar a Al-Jazeera a continuar com os protestos no Irão. Há uma imagem nesta página Web escrita em inglês e farsi que diz: "Al-Jazeera, por favor, sobre o Irão como cobrieste o Egípto."

Proibida em muitos países

A cadeia do Qatar não possui licença para retransmitir em directo desde o Irão e não está autorizada a cobrir as manifestações como fez na Tunísia e no Egípto. O regime iraniano teve as suas desavenças com a Al-Jazeera em Abril de 2005 acusando-a de fomentar uma revolta e também em Junho de 2009, durante os protestos contra a reeleição de Mahmud Ahmadinejad. Igualmente os regimes do Bahrein, Líbia e Iémen, acossados nos últimos dias por protestos massivos, impedem a retransmissão em directo da televisão pan-árabe, que se tem socorrido de imagens enviadas por videoamadores e por internautas. Em Janeiro nasceu a Al-Jazeera Transparent Unit, que tem como objectivo mobilizar a sua audiência para que remeta documentos, fotos, áudio e vídeos. Os regimes acossados pela rua começaram a utilizar a população para atacar a cadeia do Qatar, acusando-a de ingerência. A Al-Jazeera não foi autorizada e entrar na Líbia, e o regime de Kadafi esforçou-se por que não possa ser vista a interferir no sinal do satélite. A televisão estatal líbia Al Jamahiriya tem passado por estes dias

imagens de centenas de pessoas a manifestarem-se em apoio ao regime e mostrando hostilidade face à Al-Jazeera. Nos vídeos divulgados pela televisão líbia vêem-se cidadãos empunhando cartazes de Kadafi e criticando a cadeia televisiva do Qatar. "Digam à Al-Jazeera que não queremos ninguém que não seja o nosso líder", clamavam nas manifestações de Tripoli e Sirte. Durante os protestos no Egípto, o regime de Mubarak atacou directamente a Al-Jazeera, porém esta nunca deixou, nem por um momento, de informar o que se estava a passar nas ruas do Cairo. Primeiro o Governo ordenou a suspensão das suas emissões e depois cortou o sinal do satélite através do qual a televisão do Qatar emitia, considerando que as imagens incitavam os egípcios aos protestos antigovernamentais exagerando a dimensão das manifestações. Paralelamente, retiraram as creditações aos seus jornalistas e a 4 de Fevereiro as suas instalações no Cairo foram incendiadas e o seu sitio de Internet atacado por hackers.

A Al-Jazeera também foi vetada na Jordânia, Síria, Kuwait, Arábia Saudita e Argélia. Desde

o seu nascimento, os governos autoritários árabes não receberam de bom grado este canal televisivo porque rapidamente perceberam que a sua implementação abria uma brecha no seu controlo absoluto da informação. Desde há uns anos alguns países da região têm tentado retirar-lhe audiência. Mubarak inundou os canais nacionais de televisão com desporto, séries, filmes e programas de entrevistas nocturnas. A família real saudita adoptou também uma estratégia similar, importando programas de entretenimento estrangeiros. O objectivo era seduzir os telespectadores com programas atractivos de modo a roubar público à Al-Jazeera.

Os jornalistas da cadeia do Qatar estão habituados a viver sob grande pressão do poder político dos países do Médio Oriente. Basta vezas não conseguem obter vistos para os países vizinhos, sofrem pressões económicas, detenções injustificadas, ameaças de morte, e até explosões de bombas nas suas instalações. Em Outubro de 2010, o Governo de Marrocos suspendeu a acreditação de dois jornalistas porque estavam "a molestar a linha editorial da televisão" devido às suas críticas ao regime. Em 2008, as autoridades marroquinas haviam proibido a cadeia de emitir um programa de notícias sobre os países do Magrebe. Em Maio de 2010, o Governo do Bahrein acusou a Al-Jazeera de "não cumprimento das normas profissionais" e de não acatar as leis de imprensa vigentes no país. A 14 de Dezembro as autoridades do Kuwait encerraram as suas instalações no país.

Hipocrisia Ocidental

Mas os países árabes não foram os únicos a atacar a Al-Jazeera. Os Governos ocidentais já mostraram uma moral dupla em relação a este canal televisivo. Enquanto agora clamam pela liberdade de expressão no mundo árabe, criticam a cen-

sura dos regimes autoritários e seguem com crescente interesse as imagens difundidas pela cadeia do Qatar, até há pouco a sua visão era completamente diferente.

Anteriormente, a imagem maioritária em certos sectores ocidentais, sobretudo norte-americanos, apresentava o canal como pouco mais do que um porta-voz da Al-Qaeda. Essa imagem foi particularmente criada durante a Administração de George W. Bush, sobretudo quando eclodiram as guerras no Afeganistão e no Iraque. De acordo com o Governo de Bush, a Al-Jazeera estava ao serviço dos interesses do islamismo radical, não era imparcial e alimentava uma feroz propaganda anti-americana. Os EUA não se limitaram a criticar. Chegaram mesmo a bombardear as suas instalações em Cabul, em Novembro de 2001 e em Bagdad, em Abril de 2003. Em ambas as ocasiões, Washington atribuiu os ataques a falhas das suas forças mas era evidente que a Administração Bush estava muito incomodada com a Al-Jazeera, sobretudo porque a cadeia televisiva divulgava vídeos da Al-Qaeda e cobria os conflitos numa perspectiva árabe. O diário britânico "The Daily Mirror" publicou documentos secretos que revelavam que o então presidente dos EUA, George Bush, tinha planos secretos para bombardear a sede central da Al-Jazeera em Doha, no Qatar. Como parte da estratégia do boicote mediático, o Governo norte-americano lançou o Al Hurra, um canal de notícias por satélite em árabe com sede nos EUA, ao qual destina anualmente mais de 100 milhões de dólares.

Hipocrisia Ocidental

Se em 1991 se falava do efeito CNN, agora fala-se do efeito Al-Jazeera que revolucionou não só a informação como também a política internacional devido à visibilidade que a cadeia tem vindo a dar aos acontecimentos em regiões mais afastadas da influência ocidental. A Al-Jazeera é uma janela aberta para a rua árabe que muitos têm tentado encerrar, mas continua a batalhar, mostrando as notícias de um ponto de vista que a muitos incomoda, tanto a oriente como a ocidente.

tado Ossama Bin Laden na sequência dos atentados do 11 de Setembro de 2001. O jornalista foi libertado após ter cumprido uma pena de um ano, tendo por razões de saúde sido colocado em prisão domiciliária.

Nos seus 15 anos de vida, a Al-Jazeera foi boicotada, proibida, viu algumas das suas instalações bombardeadas, mas conseguiu converter-se no canal de notícias mais visto no Médio Oriente, com uma audiência de cerca de 50 milhões de pessoas. O seu sítio de Internet sofreu um aumento de 2000% desde o começo da revolução na Tunísia. Através da sua conta de Twitter em inglês, @AJEnglish, continuou a informar sobre tudo o que se passava com um êxito notável.

A Al-Jazeera foi criada em 1996 com o apoio económico do emir do Qatar, e as suas imagens chegaram a cerca de 100 países, contando com uma audiência de 220 milhões de espectadores. De acordo com a sua página Web, nela trabalham cerca de 400 jornalistas espalhados por 60 países. Começou por emitir só um árabe mas, em 2006, lançou um canal em inglês, para ampliar a sua audiência e chegar a um público global, que nas últimas semanas tem estado dependente das suas imagens para poder seguir em directo os acontecimentos históricos que se estão a desenrolar nos países árabes.

Todavia, os EUA não foram o único país ocidental a atacar a Al-Jazeera. Um dos seus repórteres foi condenado em Espanha a sete anos de prisão sob a acusação de 'ser correio da Al-Qaeda' após ter entrevis-

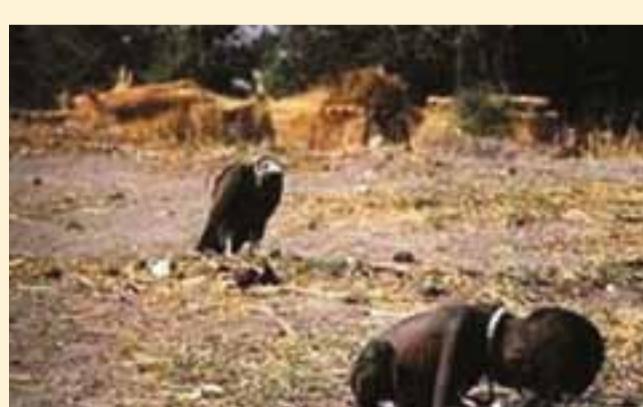
Criança sudanesa que deu Pulitzer ao fotógrafo Kevin Carter sobreviveu ao abutre

O diário espanhol El Mundo foi procurar a criança sudanesa fotografada em 1993 pelo fotojornalista Kevin Carter, que lhe valeu o Pulitzer em 1994. O abutre que esperava pela carne do bebé subnutrido afinal ficou sem refeição. Era um menino e só acabou por morrer mais tarde, há quatro anos, de "febres", contou o pai.

Texto: PÚBLICO • Foto: Kevin Carter

Deve o fotojornalista apenas mostrar a realidade crua através da sua lente ou intervir nella quando a sua consciência assim o exige? Kevin Carter achou que não devia intervir, em 1993, quando fotografou, para o New York Times, a imagem de um bebé do Sudão, caído no chão, enquanto no mesmo plano um abutre esperava pacientemente pela refeição. Não salvou a criança e o mundo, que deu o bebé como morto, criticou-o e chamou-lhe a ele próprio abutre. Carter acabou por ganhar o prémio Pulitzer com esta imagem que o perseguiu e o levou ao suicídio aos 33 anos.

Afinal, conta este fim-de-semana o El Mundo, o bebé era um menino, chamava-se Kong Nyong, e sobreviveu ao abutre. Segundo o jornal espanhol, a enfermeira Florence Mourin, que coordenava os trabalhos do programa das Nações Unidas para o combate à fome no Sudão em Ayod, o local onde tudo aconteceu, afirma que o menino estava a ser acompanhado, como prova a pulseira branca na mão direita, que se podia ver na fotografia premiada. Uns tinham a letra T nas pulseiras, para casos de subnutrição grave. Outros tinham a letra S, quando precisavam de suplementos alimentares. Kong, que



tinha marcada na pulseira a inscrição T3, sofria de subnutrição grave, e foi o terceiro a chegar ao centro das Nações Unidas. E

Kong viveu até 2007, depois morreu de "febres", contou o pai do menino.

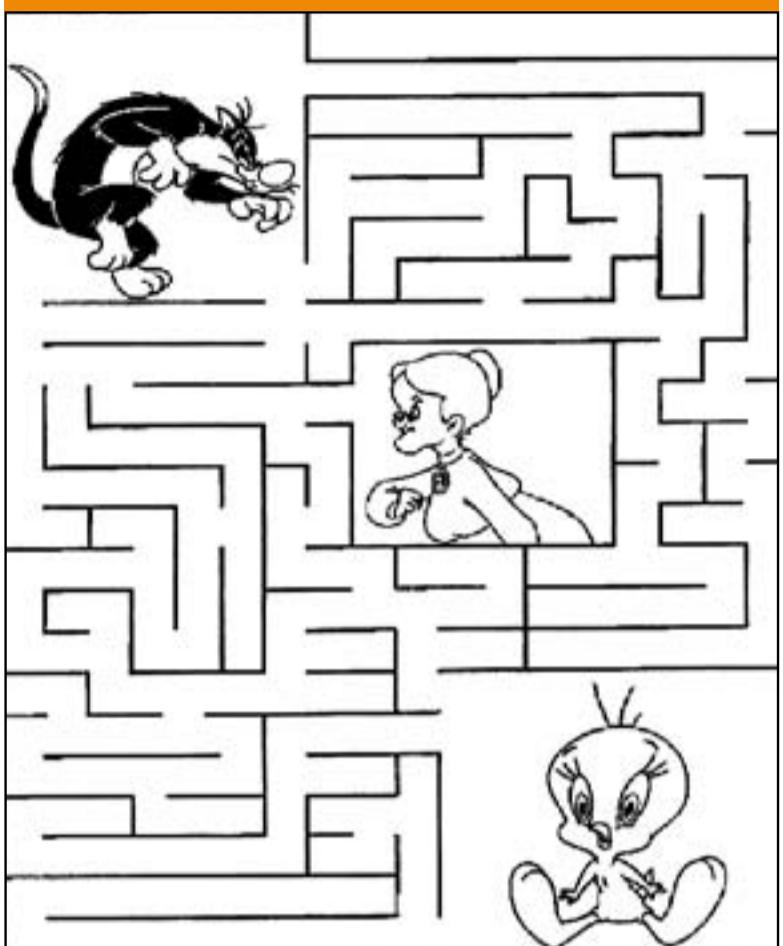
Carter, que com Ken Oosterbroek, Greg Marinovich e João Silva – o fotojornalista luso-descendente que perdeu as pernas num acidente no Afeganistão em Outubro passado – fundaram o Bang Bang Club, movimento que denunciou, pela fotografia, os crimes do apartheid na África do Sul, entregou-se às drogas e acabou por se suicidar, aos 33 anos. Em Abril de 1994, pouco depois do anúncio do Pulitzer, Oosterbroek morreu, baleado, quando fotografava um tiroteio em Tozaka, África

do Sul, Carter estava ao seu lado. Carter, que era descrito como alguém que profissionalmente procurava sempre o limite da condição humana, era também arrastado facilmente para a depressão pela força do seu próprio trabalho, contavam os amigos. Dizia que se não fotografasse seria piloto de Fórmula 1, por gostar de viver no limite.

A fome no Sudão matou 600 mil pessoas em 1993. A guerra civil e a seca provocaram no país centenas de refugiados naquela década. O país continua a ser um dos focos de crises humanitárias mais graves do planeta.

"Anúncios dos Tempos" é o título duma exposição de anúncios publicitários criados em Moçambique desde os anos sessenta pela agência de publicidade GOLO. A exposição pode ser vista até ao dia 5 de Março no Instituto Camões.

LABIRINTO

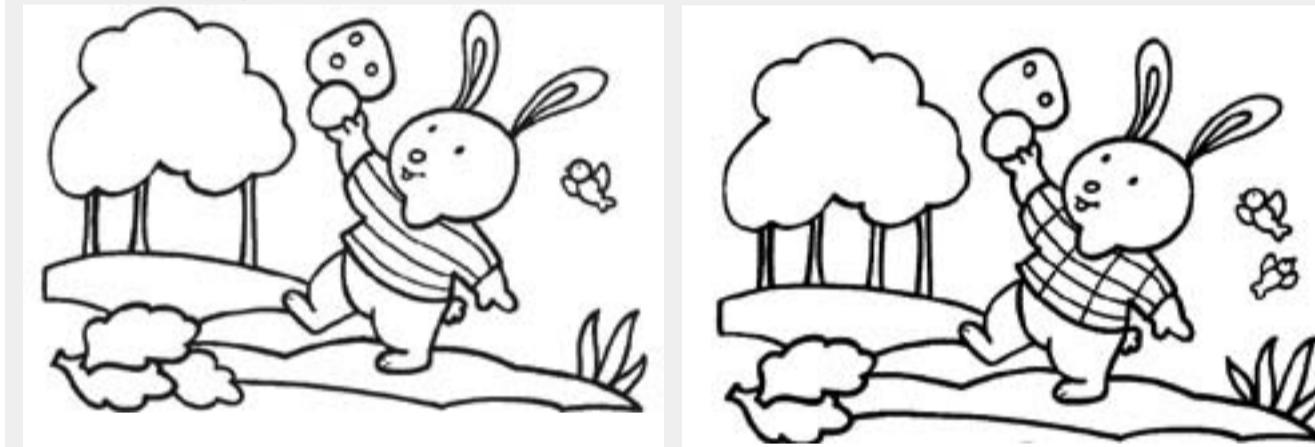


SUDOKU

3								
6			5			9		
	1	8	7		3			
	7	4				1	2	
	5	9		8	4			
8	1			6	5			
	3		9	2	6			
	8		6			7		
						2		

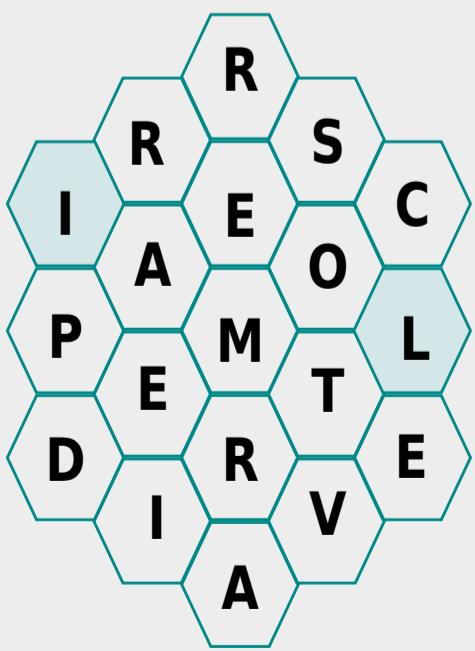
8		2	4			3		
	6			5		2		
9		7						
	5		6	2			8	
8	7				4	2		
9		8	1		3			
		8		9				
1	3			4			5	
	9		2	6				

DIFERENÇAS



LINGUAGEM

- Que caminho terá que seguir para formar uma palavra de doze letras que se usa para falar de algo que não tem solução? Não é preciso usar todas as letras. Omitiram-se os acentos. As letras pintadas correspondem a primeira e a ultima letra da palavra.



SOPA DE LETAS



HORÓSCOPO - Previsão de 25.02 a 03.03

carneiro



21 de Março a 20 de Abril

Trabalho: Tudo o que se encontre relacionado com a área laboral vai entrar numa fase bastante construtiva. Saiba tirar partido deste aspecto. Assuntos que digam respeito a tarefas de ordem profissional deverão ser actualizados. Aposte na sua formação e qualificação.

Amor: A área sentimental passa por período um pouco conturbado em que poderá entrar em litígio com o seu par; não é a opção mais aconselhável. Se tem, ou sente problemas com a sua relação, use o diálogo para esclarecer aquilo que pensa estar errado. Segundo uma máxima antiga: é a falar que as pessoas se entendem.

gémeos



21 de Maio a 20 de Junho

Trabalho: O aspecto profissional durante este período e em especial na primeira metade da semana aconselha a que seja moderado nas suas decisões e não tome iniciativas que poderão aguardar por uma altura mais favorável. Em todas as acções que desejar efectuar, não deixe de ponderar a oportunidade das suas decisões.

Amor: Construa a sua própria felicidade e não permita que o seu relacionamento dependa de terceiros. Mantenha-se atento em relação a esta questão. Poderá ser alvo, da parte de terceiros, de tentativas de criarem a confusão no seu relacionamento.

leão



22 de Julho a 22 de Agosto

Trabalho: A sua vida profissional, durante este período, deverá processar-se de uma forma equilibrada. Não exija demasiado de si nem dos outros. Talvez seja um bom momento para analisar as suas opções profissionais e ser um pouco mais moderado nas suas exigências.

Amor: O seu par é para si uma pessoa importante, assim e para que não aconteçam imprevistos use o diálogo como forma de esclarecer o que pensa estar errado. Para os nativos deste signo, que não têm uma relação sentimental, esta não é uma altura favorecida para mudanças.

virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Trabalho: Período muito delicado na sua área profissional. Não tome atitudes precipitadas e evite situações complicadas com colegas ou sócios. A partir do meio da semana a situação tende a melhorar no entanto, mantenha uma atitude prudente. Ofertas para mudanças deverão ser muito bem ponderadas.

Amor: A sua vida amorosa, durante esta semana, aconselha a que seja gentil e carinhoso com o seu par. Poderá surgir alguém a tentar criar um "triângulo" amoroso que deverá ser evitado a todo o custo. Para os que não têm par trata-se de um período em que não se deverão verificar alterações.

balança



23 de Setembro a 22 de Outubro

Trabalho: Não dê mais do que pode, o seu corpo e a sua mente podemressentir-se. Um conselho para os nativos deste signo: não misture trabalho com assuntos de ordem privada. Mantenha-se atento no seu local de trabalho e seja cuidadoso nos relacionamentos com colegas.

Amor: A sua vida sentimental é até certo ponto, o reflexo da forma como vive a sua relação. Evite as situações que possam tornar-se inconvenientes (especialmente por falta de diálogo). Tente ser um pouco mais carinhoso e compreensivo. A sua relação depende, fundamentalmente, da forma como a gerir.

sagitário



22 de Novembro a 21 de Dezembro

Trabalho: O aspecto profissional deverá ser tratado com o máximo cuidado durante este período. Não crie situações de conflito. Seja prudente na forma como se relaciona e deixe que esta semana passe sem tomar grandes decisões. O momento não é o mais favorável para tomar iniciativas.

Amor: Na área amorosa deverá ser extremamente cuidadoso. Tente não magoar o seu par, seja carinhoso e através de um diálogo franco e aberto esclareça situações dúbihas. A sua relação, a sua felicidade, dependem em grande parte da forma como se apresentar nas atitudes que tomar com o seu par.

capricórnio



22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Trabalho: A sua semana, no aspecto profissional, deverá ser regida de uma forma equilibrada e não exija de si mais do que pode dar. Esteja atento ao seu relacionamento com colegas e sócios, não criando situações delicadas e com consequências muito negativas. Para o fim da semana a situação tende a melhorar no entanto, mantenha-se prudente.

Amor: As relações sentimentais dos nativos deste signo poderão caracterizar-se por uma grande necessidade de proteger a pessoa que sentimentalmente lhe é próxima. Não seja excessivamente protector. Os resultados poderão não ser os melhores.

aquário



21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Trabalho: As indecisões deverão ser evitadas. Faça as suas opções e mantenha-se seguro que tomou a medida certa. Tente alargar o seu âmbito profissional de forma a poder retirar retornos. Novas oportunidades não deverão manifestar-se durante este período.

Amor: Na área sentimental, no caso de ter alguma ligação, evite choques perfeitamente desnecessários e que lhe poderão trazer algumas situações desagradáveis. Caso seja dialógante e compreensivo a semana poderá tornar-se muito agradável.

peixes



20 de Fevereiro a 20 de Março

Trabalho: Seja bastante cuidadoso na área profissional. Deverá manter os seus contactos pessoais com colegas ou sócios num nível de entendimento mútuo e especialmente de muita moderação. Evite as agressividades desnecessárias.

Amor: Na área amorosa seja realista e não crie situações artificiais. O seu par poderá apreciar, de uma forma muito feliz, um convite para um jantar que se poderá tornar muito esclarecedor. Para os que não têm par a situação poderá mudar.

agilby

TCHiM TCHiM

CADA MOMENTO DA TUA VIDA MERCECE UM BRINDE



REFRESCA OS BONS MOMENTOS



18+ Seja responsável. Beba com moderação.